

Camila de Paula • Caroline Mendes • Paloma Ruiz



REVERTIDAS

Histórias de um retorno para Alá

REVERTIDAS

Histórias de um retorno para Alá

REVERTIDAS

Histórias de um retorno para Alá

Camila de Paula

Caroline Mendes

Paloma Ruiz

Título original
Revertidas – Histórias de um retorno para Alá

Primeira publicação em
Campinas, São Paulo, Brasil.
2022

1ª Edição

Todos os direitos da obra
Revertidas – Histórias de um retorno para Alá
reservados às Autoras

Copyright do texto © Camila de Paula, Caroline Mendes, Paloma Ruiz,
2022

Arte de capa – Caroline Mendes
Ilustrações – Liriel Gonçalves
Diagramação – Camila de Paula

Para todas que descobriram no Islam o seu verdadeiro caminho

— SUMÁRIO —

PRÓLOGO	9
NA TRILHA DA LUZ.....	23
OLHOS QUE CERCAM.....	40
QUE ALÁ OS PERDOE.....	61
<i>AN NUR</i> – A FÉ ATRAVÉS DAS VESTIMENTAS	82
EPÍLOGO	96
AGRADECIMENTOS.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

Prólogo

Neste livro, buscamos apresentar a imensidão das faces por trás do Islam, cada uma com a sua própria história, personalidade e gostos variados. Para que conheça mais profundamente as nossas fontes, acompanhe a singularidade de cada uma delas:

Amirah Costa: 36 anos, nascida em Vila Velha (ES), atualmente mora em Londres. É casada, mãe da Maryam e da Aisha, de 6 e 3 anos respectivamente. Trabalha como auxiliar de limpeza e nas horas livres gosta de usar a internet, assistir filmes, ficar nas redes sociais, de ler e de aprender idiomas.

Assyiah Paltrinieri: 39 anos, nascida em Campinas (SP), revertida há 4 anos e trabalha como auxiliar de dentista. Gosta de viajar, estudar, conhecer coisas novas e as suas grandes paixões são: arte, teatros e livros.

Elayne Gonçalves: 46 anos, nascida em Maceió (AL) e revertida há 1 ano. É mãe de dois filhos, Letícia, de 25 anos e Gabriel, 12 anos. É teóloga por formação, mas trabalha como recepcionista em uma Unidade Básica de Saúde. Tem como *hobbies* assistir filmes, visitar a família, ir a um bom restaurante e viajar.

Elizabete Reis: 45 anos, nascida em São Vicente (SP), atualmente mora em São Paulo. É consultora de moda, casada e revertida há 14 anos. Nas horas vagas gosta de fazer comida, de estar com o seu marido e ir para o cinema com ele, principalmente se estiver passando um filme da *Marvel*. Ama gatos, trabalhos manuais

como o bordado, pintura e desenho. Também adora jogos, como *Minecraft* e *The Sims*.

Marcilia Vital: 43 anos, nascida em Oliveira (MG) e hoje mora em Campinas e é revertida há 9 anos. Trabalha como diarista, é casada, mãe de dois filhos: Esttefani, de 26 anos, e Stanrley, de 23 anos. Gosta de cozinhar, realizar trabalhos voluntários e estar ao lado de amigos, seja em casa ou em passeios.

Patrícia Ribeiro: 43 anos, nascida no Rio de Janeiro (RJ) e mora em Londres há 14 anos. É casada, mãe de dois filhos, *personal assistant* (assistente pessoal) e revertida há 20 anos. Tem como *hobby* principal a musculação, gosta de estudar e ama ser mãe de Daniyal e Maryam, de 12 e 7 anos respectivamente.

Patrícia Samanta: 34 anos, nascida em Sumidouro (RJ), região serrana do Rio de Janeiro, é casada e mãe de duas meninas: a Beatriz, de 16 anos, e a Maria Fernanda, de 12 anos. É revertida há 7 anos e entre os seus *hobbies* favoritos estão viajar e o artesanato com *biscuit*, que é a sua profissão.

Rosa Moreira: 19 anos, nascida em São Paulo (SP), estudante de direito e revertida há 3 anos. A jovem é apaixonada por aprender coisas novas, e entre os seus *hobbies* preferidos estão a leitura, o bordado e o desenho.

O Islam ou Islã, escolhido por nós com “M” por ser a grafia utilizada no Alcorão, é um dos únicos pontos em comum entre todas as mulheres ouvidas aqui, entretanto, cada uma possui a sua individualidade, que foi respeitada ao longo deste livro. Para escrever esta obra, nos inspiramos em autores que demons-

traram sensibilidade e detalhismo na escrita; descrevendo ambientes, aprofundando histórias e aproximando vivências, essa foi uma das formas que encontramos de permitir que o leitor conheça verdadeiramente as nossas entrevistadas. O jornalismo literário também nos permite contar a trajetória de um personagem em riqueza de detalhes (VILARDO, 2020). A jornalista Eliane Brum foi uma de nossas inspirações para a elaboração do livro, principalmente a sua obra “A vida que ninguém vê”, de 2006. Como disse Marcelo Rech, no prefácio da publicação de Brum, “ao extrair reportagens antológicas de onde os outros só enxergam a mesmice, Eliane deu zés e marias do sul do Brasil a envergadura de personagens de literatura tolstoiana e reverteu um dos mais arraigados dogmas da imprensa”. Um dos objetivos do nosso projeto foi justamente trazer a história de muçulmanas revertidas para um local de destaque, visto que, na mídia audiovisual ou impressa, observamos um padrão de sofrimento e réplicas de acontecimentos passados - como o atentado às Torres Gêmeas, no dia 11 de setembro de 2001 - que perpetuam nos grandes veículos de comunicação. A trajetória dessas mulheres é uma representação de fé, religião, resistência feminina e superação de medos, preconceitos e intolerâncias.

Contar vivências diversas não foi uma tarefa fácil, mas foi enriquecedor, porque até nós desconhecíamos a imensidão que poderia existir por trás de um *hijab*, quem dirá de oito deles. Elas são mais do que a alcunha de muçulmanas ou do que os estereótipos limitantes (a exemplo de opressão, submissão e falta autonomia): são trabalhadoras, mães, esposas e sonhadoras que tem *hobbies* e gostos comuns; então, por que a religião que seguem as tornaria tão diferentes aos olhos de outros? Por que o véu, sua principal identidade religiosa, poderia ser considerado tão ofensivo aos olhos alheios?

O Islamismo, assim como o judaísmo e o cristianismo, são religiões abrahâmicas, isto é, que reconhecem a de figura de Abraão enquanto profeta de Deus, mas, diferentemente das outras, o Islam nasce por meio da revelação de Deus que usa o seu mensageiro, anjo Gabriel, para visitar Maomé durante quase 30 anos e, assim, ditar os ensinamentos que darão origem ao Alcorão (MUBARAK, 2014).

No início do século VII, surgiu às margens dos grandes impérios, o Bizantino e o Sassânida, um movimento religioso que dominou a metade ocidental do mundo. Em Meca, cidade da Arábia Ocidental, Maomé começou a convocar homens e mulheres à reforma e à submissão à vontade de Deus, expressa no que ele e seus seguidores aceitavam como mensagens divinas a ele reveladas e mais tarde incorporadas num livro, o Corão. Em nome da nova religião — o Islam —, exércitos recrutados entre os habitantes da Arábia conquistaram os países vizinhos e fundaram um novo Império, o Califado, que incluiu grande parte do território do Império Bizantino e todo o Sassânida, e estendeu-se da Ásia Central até a Espanha (HOURANI, 2006, p. 22).

A religião é dividida em cinco pilares básicos: proclamação da fé (*Shahada*), oração (a *Salah* - cinco vezes ao dia), caridade compulsória (*Zakah*), o jejum do ramadã (*Sawm*), peregrinação a Meca (ao menos uma vez na vida, se o muçulmano tiver condições). Em síntese, o islã significa submissão voluntária a Deus (MUBARAK, 2014), logo, todos aqueles que quiserem seguir Alá (Deus) - em árabe *Allah* - de livre e espontânea vontade podem se tornar muçulmanos, independente da nacionalidade.

Há também no Islam a descrição dos papéis de homens e mulheres. Segundo a antropóloga Francirosy Campos Barbosa, estudiosa das comunidades muçulmanas, há uma visão dentro da religião que prega que a responsabilidade da mulher dentro da sociedade é a família, ou seja, cuidar dos filhos e ensinar-lhes sobre a religião. Dessa forma, elas não têm a necessidade de sustentar a casa. Por outro lado, o homem tem como função prover a família, logo, as despesas do lar seriam responsabilidade dele e não da esposa. Barbosa explica que essa descrição de tarefas é do século VII e que a realidade do século 21 é distinta e as práticas em diferentes contextos variam, posto, no Brasil há mulheres muçulmanas que possuem profissões e, portanto, têm o próprio dinheiro. Ainda que a figura masculina seja do provedor, o Islam não proíbe a mulher de trabalhar; todavia, segundo a antropóloga, o salário que a mulher recebe é exclusivo dela, que pode escolher em contribuir ou não com as despesas da casa.

Apesar do cenário descrito acima, a figura da mulher muçulmana é associada aos mencionados estereótipos de opressão no imaginário popular; em partes, essa visão se dá a partir de notícias que mostram as condições que outras mulheres muçulmanas vivem em países de maioria islâmica. Alguns exemplos de tais condições são vistos com frequência no noticiário, como o fato de terem conquistado o direito de voto na Arábia Saudita só em 2015 ou a notícia de uma mulher mexicana que foi sentenciada a 100 chibatadas depois de denunciar o próprio estupro no Catar¹. No Afeganistão, a volta do Talibã - grupo fundamentalista islâmico - ao poder acarretou na perda de direitos das mu-

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/12/mulheres-votam-pela-primeira-vez-em-eleicoes-na-arabia-saudita.html>
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60998506>

lheres, as meninas foram impedidas de estudarem em escolas secundárias, apresentadoras de televisão tiveram que cobrir o rosto, o uso do véu em público se tornou obrigatório, o Ministério dos assuntos das mulheres foi dissolvido entre outras opressões².

Essas notícias terminam por direcionar o que se pensa sobre o Islam e isso ocorre principalmente em função do conhecimento limitado que o brasileiro recebe proveniente, em grande parte, da mídia audiovisual, um exemplo, foi a cobertura do atentado de 11 de setembro no Brasil. Os veículos nacionais compraram a agenda americana que pregava um discurso maniqueísta onde os muçulmanos eram vistos como os inimigos do Ocidente (LADEIRA; LEÃO, 2016). Além disso, o imaginário popular também é permeado pela ideia de muçulmano como correlato ao árabe, entretanto, de acordo com Marques (2015, p.737), “o mundo árabe não se resume a muçulmanos e, na atualidade, a maioria dos muçulmanos não são árabes”. Para além desses estereótipos, há outros que conseguem ser ainda mais nocivos, como é o caso da associação entre muçulmanos e terroristas.

Conforme explica a antropóloga Barbosa, a mídia televisiva nacional costuma frisar que a religião de terroristas ou daqueles que fazem partes de organizações tais como o Estado Islâmico e do Talibã é islâmica. Dessa forma, o horror das violências praticadas por esses grupos recai nas costas dos seguidores do Islam como um todo. A ideia é que nem sempre a religião é evidenciada, como no caso de criminosos cristãos, vide Lázaro Barbosa que era evangélico³ e não teve a sua crença atrelada aos

² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62548259>

³ Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/lazaro-barbosa-pregava-palavra-nega-satanismo-147370.html>

crimes cometidos. Sobre essa situação, a antropóloga complementa:

O que acontece na mídia é que não há uma separação, é como se todo muçulmano fosse terrorista, como se todo muçulmano fosse Talibã, como se todas as mulheres muçulmanas do mundo sofressem, e aí é muito difícil porque as pessoas não conseguem olhar para si mesmos. No Brasil nós infelizmente temos um alto índice de feminicídio, mas parece que isso não choca as pessoas, só choca as pessoas quando se trata do Islam, e aí se atrela a religião. Essas mulheres que foram assassinadas, qual era a religião de seus agressores, dos seus assassinos? Isso não é dito. Agora quando a violência parte de pessoas que se dizem muçulmanas, aí a religião entra em destaque, a violência acontece porque a religião é violenta. Uma matéria pode gerar islamofobia, a maneira como se escreve, a maneira como se apresenta ou como se filma, pode gerar, e aí isso recai em uma menina muçulmana que está num espaço público, que desperta um ódio no outro.

A América Latina se tornou a área do mundo onde o Islam menos consegue adeptos. Segundo dados do Centro de Pesquisas *Pew* - divulgados pela *BBC*⁴ - entre 2010 e 2050, a previsão é que o crescimento populacional na América Latina seja de 27%, enquanto o aumento dos adeptos do Islam seja de 13%. Já no resto do mundo, os dados apontam o crescimento populacional de 35%, em contraposição ao de adeptos, de 73%.

⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39501016>

O teor midiático negativo é oriundo de um discurso orientalista. Segundo Said (2007), o termo se refere à construção do oriente a partir de uma perspectiva ocidental, assim, cria-se uma imagem idealizada e distorcida que é apresentada a nós. Nas narrativas que trazem essa percepção enviesada, o Oriente Médio é colocado em uma condição inerente à barbárie. Os países que compõem essa região são desumanizados e reduzidos a atitudes que não acompanham um contexto, e é por isso que atos terroristas que acontecem em um país repercutem negativamente sobre o Oriente inteiro (SAID, 2007).

Ainda que haja estereótipos negativos não só sobre o Oriente, mas também sobre o Islam, há aqueles que rompem com as ideias limitantes que dão uma única perspectiva sobre a religião e decidem experienciá-la. Segundo a antropóloga e pesquisadora de comunidades muçulmanas Francirosy Campos Barbosa, os que se convertem à crença recebem a alcunha de **revertidos**. No Islamismo acredita-se que todos nascem muçulmanos, ou seja, em estado de entrega a Deus, contudo, conforme o indivíduo cresce, ele pode acabar se afastando dessa natureza. Por isso, quando alguém decide voltar a condição de submissão a Deus, não passa por uma conversão, e sim, por uma **reversão**, haja vista que estará retornando ao estado de nascimento.

Barbosa explica que a cerimônia para o indivíduo se reverter ao Islamismo é feita por meio de um testemunho de fé, chamado *Shahada*, no qual o interessado repete um texto em árabe. Uma das frases presentes no discurso é: “Não há deus senão Alá, e o profeta Muhammad é seu mensageiro”, depois disso, ele se torna um muçulmano. Durante o momento, geralmente é pedido a presença de duas testemunhas muçulmanas - que podem ser um *sheik* ou um irmão de fé -, mas, caso não seja possível, a pessoa pode fazer isso sozinha.

No que tange às mulheres - revertidas ou não -, é orientado no Alcorão - livro sagrado do Islam - na *surata*⁵ 24, versículo 31 que elas usem um véu, não só para se preservarem de olhares alheios, mas também em sinal de adoração a Deus. O uso do lenço - conhecido como *hijab* - vem acompanhado de todo um código de vestimenta que preza pela modéstia, logo, as roupas usadas não podem ser curtas, justas ou decotadas e devem cobrir os braços, pernas, cabelo e colo.

Apesar de ser uma instrução divina, há a possibilidade de se escolher usar o *hijab* ou não. Conforme o primeiro Relatório de Islamofobia no Brasil⁶, realizado em 2022 pelo GRACIAS (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes), da Universidade de São Paulo, de 287 respostas que coletaram das entrevistadas revertidas, 72,1% escolheram utilizar o véu islâmico. Entretanto, essa opção acarretou em constrangimento para 83,2% das 291 muçulmanas revertidas que responderam à questão.

Ademais, de 340 respostas, 19,1% responderam que sofreram violência em razão da vestimenta islâmica, 13,8% acreditam que as agressões ocorreram por conta da religião e 67,1% creem que os dois fatores contribuíram para que fossem vítimas da violência. Entre os ambientes em que ocorreram as manifestações hostis, a rua foi o principal cenário com 72%, na sequência estão o trabalho com 39,9%, universidade 31,8% e em casa 29%.

Se compararmos a situação feminina com a masculina, é perceptível que os homens muçulmanos revertidos encontram-se em uma posição diferente, pois, das 112 respostas obtidas,

⁵ É o nome dos capítulos do Alcorão (Fonte: Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/surata/>).

⁶ Disponível em: https://www.ambigrama.com.br/_files/ugd/ffe057_6fb8d4497c4748f8961c92a546c5b3fc.pdf

54,5% sofreram algum constrangimento por conta da crença, uma porcentagem menor comparada à das mulheres.

Segundo a psicóloga Heloísa Souza, é possível compreender a violência como uma espécie de invasão, seja ela física (com uma agressão) ou psicológica (com assédio, no âmbito financeiro ou da apropriação de um diálogo). Existem muitos tipos de violência ligados ao desrespeito ao ser, e, de acordo com Souza, todos os tipos de agressão são sobre o não respeito ao desejo e à vontade do outro. Quando somos invalidados, há um sentimento de invasão e desrespeito. Há, portanto, um sofrimento subjetivo psíquico muito grande para quem sofre a agressão. A violência está diretamente associada à dor, ao trauma, por desrespeito à autonomia; quando não somos respeitados, há a sensação de invalidez e anulamento da nossa existência, que são causadas por um agressor, inclusive de modo sutil. A psicóloga cita que estamos em uma sociedade que compreende a agressão como violência física e outros atentados passam despercebidos, como: agressão verbal, psicológica, patrimonial, moral, etc.

Conforme Souza, quando essas vítimas passam por violências físicas ou psicológicas, o tratamento do trauma é o mesmo: a retomada da dignidade, que permite que o indivíduo recupere as rédeas de sua vida. Não é tão simples, pois as consequências subjetivas da violência são variadas, visto que cada um manifesta as suas angústias de uma forma. Para ela, na sociedade brasileira, marcada pelo machismo estrutural, a violência psicológica é a primeira e mais comum das violências. Segundo a Souza, a agressão psicológica é a que mais afeta as mulheres, pois é a manifestação do poder masculino, que delimita esse espaço de violência. Esse tipo de ataque é uma tentativa de silenciar uma manifestação cultural, que diz respeito a alguma tradição, e acaba refletindo em uma série de sofrimentos subjetivos naquele

indivíduo que é impedido de se manifestar publicamente, gerando aflições, como: angústia, medo, raiva, etc.

De acordo com a psicóloga Flávia Pasqualin, o fato das mulheres estarem mais suscetíveis às intolerâncias religiosas ocorre devido ao uso do *hijab*, que torna-se um identificador da religião para elas e também em função da conjuntura machista que assola o país.

A antropóloga Francirosy Campos Barbosa afirma que o Brasil é um país islamofóbico, mesmo que não na mesma proporção que na França ou Estados Unidos. Conforme as respostas que obtiveram no Relatório de Islamofobia no Brasil, do grupo GRACIAS, ficou evidente que a islamofobia no país recai sobre o gênero, visto que mulheres muçulmanas, principalmente as que usam *hijab*, sofrem mais preconceito, como a psicóloga Flávia Pasqualin havia evidenciado. A islamofobia, geralmente, acontece com mulheres que preferencialmente usam o lenço e estão em espaços públicos.

Há também o preconceito com os árabes, mas, nesse caso, há associação com o terrorismo e a vinculação das mulheres muçulmanas como submissas. A islamofobia está pautada em vários eixos; na pesquisa, esses preconceitos aparecem do norte ao sul do Brasil, principalmente na região sudeste, onde as comunidades muçulmanas são maiores. Segundo Barbosa, a intolerância parte de uma falta de conhecimento que dá margem para um pré-conceito e um pré-entendimento que se vê sobre o Islam, principalmente após o 11 de setembro, que ampliou os estereótipos das muçulmanas.

No entanto, mesmo com tantas situações adversas pelo caminho, há mulheres revertidas que, movidas por uma fé, tentam ignorar todos os preconceitos, ainda que isso seja algo difícil, e optam por colocar o *hijab* depois de adultas. Diferente das mulheres nascidas no Islam, as revertidas, que escolhem usar o

lenço, possuem duas vivências diferentes: a vida antes e depois do véu.

Por carregarem essa experiência híbrida, elas foram escolhidas como as personagens principais deste livro. Mais do que apenas conhecer sobre o Islam na perspectiva delas, queremos entender o porquê de suas escolhas religiosas e vislumbrar os aspectos positivos/benefícios que a nova crença proporcionou em suas vidas. Para isso, foram selecionadas as oito mulheres muçulmanas revertidas que abrem nosso prólogo. São elas de diferentes partes do Brasil e do mundo, com faixas etárias dos 19 aos 46 anos, escolhidas através de redes sociais.

O livro possui quatro capítulos, sendo que cada um possui um tema específico que é abordado na perspectiva de todas as entrevistadas. No primeiro capítulo, contamos as histórias destas mulheres com o Islamismo, como foi o primeiro contato delas com a religião e os motivos que as levaram a se reverter. No segundo, tratamos sobre as relações familiares, trazendo as reações deles a nova crença e como elas foram recebidas pela comunidade muçulmana logo após a reversão. Neste capítulo, trouxemos também a perspectiva de algum conhecido das revertidas, a maneira como eles enxergam as mudanças causadas pela religião. Já no terceiro, narramos sobre os preconceitos alheios ao âmbito familiar e como elas lidaram com isso. No último capítulo, descrevemos como é a relação delas com os dogmas do Islam e com o *hijab* (e o que ele representa).

Escolhemos escrever o livro nessa ordem específica para que o leitor entenda toda a trajetória das entrevistadas de forma linear: começa com o conhecimento inicial sobre a religião até a decisão de se reverterem; em seguida, como foram as reações dos familiares, que foram as pessoas que tiveram o primeiro contato com a recém revertida, e depois como foi o reação da sociedade. Para finalizar, contamos a forma como as personagens enxergam

a religião e o *hijab*, o principal identificador da crença que possuem. Pensando na dinâmica proposta, elegemos a maneira com a qual nós gostaríamos de narrar as vivências e por isso, em consenso, decidimos usar uma linguagem mais técnica e menos poética.

Para auxiliar na imersão do leitor nos termos usados no livro, preparamos um rápido Glossário com os significados de alguns conceitos:

Alá - na grafia em árabe, Allah significa Deus (COSTA, 2016).

Alcorão - livro sagrado do Islamismo. Os muçulmanos acreditam que ele é formado pelas mensagens de Alá, que foram recitadas para o profeta Maomé ao longo de 23 anos, palavra por palavra, em mensagens de tamanhos diferentes (COSTA, 2016).

Crença - A crença é uma norma que rege as ações e os hábitos de uma pessoa (FURTADO, 2011).

Fé - A fé, com um significado antropológico do termo, portanto como fé humana, é uma relação com o fim visado e que dinamiza todo o processo de ir em direção a ele (AMANTUZZI, 2003).

Hijab - véu islâmico que cobre o cabelo, o pescoço, as orelhas e parte do colo e dos ombros (COSTA, 2016).

Maomé - tradução em português do nome *Mohammad* ou *Muhammad*, principal profeta do Islam (COSTA, 2016).

Meca - cidade localizada na Península Arábica, onde nasceu o profeta Maomé. É conhecida como sagrada para os muçulmanos, que devem rezar cinco vezes ao dia com o corpo voltado para

sua direção e fazer a peregrinação pelo menos uma vez na vida (COSTA, 2016).

Mesquita - prédio onde são realizadas as orações pela comunidade muçulmana (COSTA, 2016).

Muçulmano - nome que é dado aos seguidores dos Islam (COSTA, 2016).

Religião - em uma visão substantiva, a religião é caracterizada como um sistema que engloba crenças, práticas, valores e organizações. Já na visão funcional, ela oferece normas, coesão, tranquilidade, estímulo, sentido, experiência, maturidade, identidade, redenção. (COUTINHO, 2012).

Surata - se refere aos capítulos do Alcorão (Dicionário Online).



1

Na trilha da luz

Segundo o Alcorão, o anjo Gabriel foi o responsável por revelar ao profeta Maomé o caminho da fé, porém, nenhuma de suas recomendações menciona o quão difícil seria regressar ao estado de nascimento. Nessa trajetória, o livro sagrado descreve como a pureza da infância se perde em meio aos anseios da vida adulta, todavia, nem todos são capazes de viver muito tempo distante do contato com o divino, e, por isso, acabam voltando ao estado de origem. O caminho de volta aparece mais iluminado do que o que ficou para trás, essa luminosidade pode ser entendida como uma metáfora para a fé, “é como se eu estivesse num quarto escuro e tivessem acendido uma luz”. É assim que Patrícia Ribeiro, muçulmana revertida desde 2002, descreve o seu reencontro com o Islam.

Em uma noite de sábado no mês de agosto, Patrícia, de 43 anos, se arruma em frente à câmera para descrever a sua própria caminhada rumo à reversão. Logo no início, a mulher, de vestes pretas e sorriso largo, se sente confortável com a entrevista e inicia sua narrativa de fé. Tudo começou um ano após o atentado ao *World Trade Center*, em Nova Iorque. Patrícia, oriunda da capital do Rio de Janeiro, conta que, mesmo com o mundo assolado pelo terror e amedrontado com o estereótipo do muçulmano terrorista que estampava as capas dos jornais, ainda assim ela não se deixou convencer pelas notícias negativas. Vinda de um berço católico, ela costumava praticar da religião desde criança, mas algo mudou depois cresceu, nos seus 18 anos já não se identificava mais com a crença familiar e, o seu interior, clamava por respostas que o catolicismo não era capaz de sanar, “muita coisa do catolicismo eu não estava engolindo mais, eu ia na igreja e via aquelas imagens de Nossa Senhora ou de Jesus na cruz e ficava me dizendo que, se eu tiver que rezar ou pedir alguma coisa, eu vou fazer isso para Deus, e não para a imagem, porque o que essas imagens vão fazer para mim?”. Foi então que, movida por essas dúvidas, a carioca saiu em busca de outras religiões, “eu estava mais interessada em alguma coisa que iria me fazer sentir com que a minha alma ficasse leve e tivesse mais conexão a Deus”.

Patrícia procurou por várias crenças diferentes, mas nenhuma atendia às suas necessidades: era uma busca por aproximação de Deus e por um contato maior com Ele. Essa necessidade de aproximação vinha acompanhada de questionamentos, pois ela não entendia o porquê de ter que rezar para imagens de Maria e Jesus, sendo que ela poderia falar diretamente com Deus. Em meio a tantas dúvidas, uma curiosidade em relação ao Islam foi surgindo, aos poucos, no seu íntimo. Antes mesmo de pensar

em se tornar muçulmana, o idioma árabe já a interessava por gostar de desenhar e por desejar escrever com aquela caligrafia.

Movida pela curiosidade mesmo sendo católica, começou um curso para aprender a árabe e, após um tempo estudando o idioma, pensou que poderia encontrar uma respostas sobre o Islam junto a sua professora do curso, que era libanesa. Entretanto, notava a resistência às suas perguntas, talvez por sua origem cristã, e recebeu a orientação de procurar por uma sala de oração - espécie de mesquita - que havia no centro do Rio de Janeiro. Tanto tempo depois, ela relembra que sua primeira impressão não foi muito agradável, já que foi atendida com grosseria por telefone e sentiu um imediato bloqueio no entusiasmo pelo Islamismo.

Depois de três meses sufocando a curiosidade e inconformada com o desenrolar da última ligação, Patrícia telefonou novamente para o local. Naquela sexta-feira foi atendida pelo professor Abdelbagui Sidahmed Osman e sua experiência foi completamente diferente. Osman a convidou para ir no lugar naquele mesmo dia, “eu fui, assisti todas as orações e no final ainda marquei para fazer uma outra visita para eles na próxima semana, para que eu pudesse saber mais sobre a religião e tirar as dúvidas que tinha em relação a ela”.

Com um sorriso nostálgico ao reviver o momento, a entrevistada confessa que durante a semana que se sucedeu à visita, não parava de refletir sobre tudo que tinha vivenciado e ouvido, e seus pensamentos eram permeados pela ideia fixa de se tornar muçulmana, já que ela tinha a certeza de que era aquilo o que tanto buscava. Na segunda vez que Patrícia retornou ao local, consumou o desejo de se reverter ao realizar o ritual da *shahada*. A partir de então, começou a aprender as orações.

Patrícia Ribeiro



E é assim, com brilho nos olhos, que Patrícia finda a descrição de sua reversão. Em alusão a essa nova fase da sua vida, ela se compara com alguém que estava se afogando, “sabe quando você está no fundo de uma piscina e sai para fora e respira fundo para tomar o fôlego? Eu saí de lá assim! Pensei, graças a Deus eu me tornei muçulmana, agora posso continuar o meu caminho”.

Quem também nos conta sua história com o Islam é Verônica Costa, revertida desde 2012. Nascida em Vila Velha (ES), a mulher, de 36 anos, é filha de mãe católica com pai espírita, apesar de sempre ter tido liberdade de procurar por uma fé que “tocasse o seu coração”, reitera. Em uma tarde de sábado no mês de Setembro, Verônica inicia a nossa conversa mencionando que a religião eleita por ela no primeiro momento foi a evangélica, mesmo que ainda não se sentisse completa. Naquele momento da sua vida, o foco principal era aprender inglês, e foi justamente essa nova língua que a levou a ter um contato mais profundo com o Islam.

Movida pelo anseio de aprender o idioma, a mulher, de então 26 anos, se inscreveu em um *site* para conversar com nativos do inglês. Além de estudar, Verônica tinha planos de pregar o evangelho para os demais usuários da plataforma, sendo assim, logo em uma das suas primeiras conversas, abordou um dos inscritos, questionando se ele conhecia Jesus. O homem, de origem muçulmana, afirmou que o conhecia enquanto profeta. A muçulmana, que trajava vestes claras durante a entrevista, contou que ficou curiosa para ouvir mais a respeito dessa ideia. Ainda que estivesse tomada pela curiosidade, seu plano continuava o mesmo: apresentar a sua própria crença e até tentar provar que a dele estava errado. Depois de tanto tempo, ela ri ao lembrar o caso, pois logo percebeu que “quanto mais pesquisava sobre o Islamismo, mais gostava”. Mal sabia Verônica que a partir

daquele momento, ela já não seria mais a mesma. “Quando eu conheci o Islam, parecia que era exatamente tudo o que acreditei durante toda a minha vida”, e depois de 1 mês pesquisando sobre a religião dia e noite sem parar, nasceu uma certeza em seu coração: a reversão.

Para a psicóloga Flávia Pasqualin, é da natureza humana querer saber a sua origem, como se tal desejo fosse algo inerente ao homem, pois inevitavelmente todos gostariam de saber de onde vieram e para onde vão. Na tentativa de solucionar essas dúvidas, algumas sociedades instituem seus mitos fundantes, um exemplo disso são os mitos gregos, que trazem respostas por meio de narrativas fantásticas. Outra saída para solucionar essa ânsia, segundo a profissional, pode estar na ciência ou na fé. Todavia, no que tange à religião, além de dar um sentido à vida, ela proporciona acolhimento, amparo e pertencimento, coisas essenciais para o ser humano. As pessoas precisam sentir que pertencem a um grupo, há um carecimento natural, “o ser humano precisa do outro”, afirma a psicóloga. Ademais, a realidade pode ser difícil, por isso tendemos a procurar por algo que nos conforte. Ainda segundo Pasqualin, o fato do homem estar em constante transformação justifica a mudança de religião ao longo da vida, haja vista que as dúvidas mudam e vão criando novas demandas.

Ao aceitar o Islam, Verônica não mudou somente os trajes, mas também a antiga identidade. Ainda com 26 anos, tornou-se Amirah Costa. O novo nome não marcava só uma mudança de vida, mas também um desejo: se tornar mensageira da fé que a preenchia por completo. Depois de 10 anos nesse caminho, ela sente confiança na escolha feita, coisa que jamais havia experienciado antes, “meu tempo de cristã era sempre assim, com um pé na vida do mundão e um pé na igreja, eu não conseguia me sentir totalmente conectada com a religião que eu tinha”. E com um riso

no rosto, Amirah encerra o relato sobre a primeira fase da sua nova vida.

Segundo a antropóloga Francirosy Campos Barbosa, o simbolismo de modificar o nome após se reconectar com a fé de origem é visto como um renascimento para aqueles que encontram no Islam uma nova vida. Apesar de não ser necessária a mudança, a não ser em casos onde o nome de batismo tenha um possível significado ruim, algumas das pessoas revertidas preferem se renomear para marcar o período de transformação de vida. Além de Amirah, esse é também o caso de Assyiah, nascida Michele Paltrinieri em 1983. A campineira é de família católica, e, como as outras entrevistadas, também tinha hesitações com sua crença de batismo, contudo, procurar por outra fé não estava entre os seus objetivos.

Em uma vídeo chamada realizada em 7 de setembro, durante a noite, iniciamos um bate-papo com a muçulmana. Na ocasião, a auxiliar de dentista vestia tons de vinho que se destacavam em meio ao cenário. O ambiente era composto por uma parede branca, sem quadros ou qualquer enfeite, havia apenas uma janela cor prata no fundo que concedia destaque para a entrevistada.

Com uma certa timidez, Assyiah menciona que o seu primeiro contato com a religião ocorreu devido interesse pelo idioma árabe. Quando garota, Michele costumava esperar pela aula na calçada em frente a sua escola e, enquanto aguardava a abertura dos portões, sua atenção se voltava para a fachada do local com dizeres em árabe e em português. Sua curiosidade era tanta, que a jovem refletia se a frase em português era a tradução das escrituras em árabe. Movida pelo interesse, Michele passou a pesquisar mais e mais, no intuito de conhecer a língua.

Como a inquietação para conhecer o idioma ainda perdurava mesmo depois de adulta, a campineira procurou por pessoas que pudesse ajudá-la e acabou por conhecer um casal: ele, marroquino, e ela, brasileira, e os novos amigos a convidaram para ir a uma mesquita assistir as aulas de árabe que eram oferecidas no local. Seguindo a dica, Michele começou a estudar o idioma no espaço e, passado um tempo, o *sheik*⁷ a convidou para frequentar as aulas específicas de religião. Porém, como a sua intenção não era conhecer a crença, ela se esquivou, mas não por muito tempo. Em uma das vezes, decidiu aceitar o convite e acabou se encantando pelo o que ouviu sobre o Islamismo.

O caminho da reversão trilhado por Michele foi longo. Após o primeiro contato com o Islam, ela passou a procurar por mais informações; entretanto, mesmo com uma vontade latente de retornar ao recém-conhecido estado de origem, ela ainda não enxergava a reversão como uma possibilidade. Ao todo levou mais de dois anos para que a *shahada* fosse feita, “eu já tinha uma certeza dentro de mim, mas era como se eu não quisesse aceitar, mas tudo me levava a esse caminho”. Foi então que, em 2018, Michele decidiu realizar o ritual. O intenção de se tornar praticante da fé de Maomé foi informada à mãe, dona Mari, que deu forças para a filha finalizar o testemunho de fé.

Após a *shahada* ela ainda continuou com a mesma identidade por um tempo. Mas, a necessidade de marcar um recomeço, a fez procurar por um novo nome. Assyiah foi uma sugestão de uma amiga, e, com um semblante entusiasmado, a muçulmana

⁷ Líder religioso do Islam, aquele que possui conhecimento sobre a religião e transmite isso, sendo o indivíduo mais indicado para representar a comunidade (Fonte: Francirosy Campos Barbosa).

descreve como se sentiu bem ao escutá-lo, principalmente ao saber da história, de que Assyiah era a mulher egípcia que resgatou e criou Moisés depois de encontrá-lo no rio.

Uma das pessoas que também acompanhou o processo de reversão de Assyiah foi Marcília Vital, sua amiga e muçulmana revertida desde 2013. É em uma cozinha branca, cercada por risadas que conhecemos pessoalmente as amigas, no dia 17 de setembro. Na data em questão, a mineira, de 43 anos, e olhos verdes, nos detalhou como foi o seu encontro com o Islam.

Natural de Oliveira (MG), Marcilia nasceu em uma família evangélica da Congregação Cristã do Brasil, inclusive, era filha de um ancião⁸ da igreja, mas não se sentia confortável na religião de origem. Os questionamentos sobre a própria fé começaram a surgir aos 15 anos motivados pelas dúvidas que a cercaram após o falecimento precoce de seu irmão, aos 16 anos. Ela se perguntava porque Deus teria entregue seu filho para morrer na cruz, e pensava que, se pudesse, morreria no lugar do irmão.

Tempos depois, a mulher passou a procurar por uma nova crença que sanasse seus anseios "neste período de busca por uma nova religião eu fui bem cética, e quando eu já não acreditava em mais nada, a luz do Islam surgiu pra mim". A nova religião apareceu para Marcilia quando ela se mudou para Campinas, "tem pessoas que esperam uma oportunidade para mudar tudo na vida, e chegou esse momento que eu queria fazer uma mudança radical na minha vida, em tudo. Então eu deixei um trabalho que já estava há 18 anos, deixei minha família e vim para Campinas, e eu quis mudar totalmente o meu modo de vida, por exemplo, antes eu bebia, ia em balada, e antes mesmo de conhecer o Islamismo eu queria uma vida diferente".

⁸ É a pessoa mais velha da igreja e tem como função atender as questões gerais do ministério (SILVA, 2021).

O encontro com a nova vida aconteceu depois que um amigo, *Mohammed Maslum*, a convidou para ir à mesquita. Antes dessa experiência inaugural, a mulher acreditava que o Islam era uma cultura, “quando eu ouvia falar do Islam, na minha cabeça isso era uma cultura, e não uma religião, era a coisa de um país, e não aberto para qualquer pessoa.” Mas, depois da primeira visita à mesquita, a ideia de que tinha voltado para casa estava fixa nos pensamentos da mineira que só conseguia dizer: “lá era meu lugar, ‘como eu não conhecia aqui antes?’”.

Junto com a vontade de se aprofundar nos estudos islâmicos, veio uma reflexão sobre as dificuldades que encontraria se decidisse se reverter. A nova fé possuía algumas restrições, coisas que antes eram comuns na vida de Marcília, porém que não eram aceitas pelo Islam, um exemplo disso é o consumo da carne porco. Foram três meses até tomar uma decisão definitiva, e com brilho nos olhos, a muçulmana conta que não se arrepende da escolha que fez.

A certeza é um sentimento partilhado com Elayne Gonçalves, de 46 anos. A alagoana, nascida em Maceió, também não se arrepende da sua decisão. Todavia, diferentemente de Marcília, ela não estava em busca de mudanças quando se deparou com o Islam pela primeira vez. Durante uma conversa que ocorreu em uma terça-feira à noite no mês de Agosto, a mulher, de vestes azuis, nos narrou sobre a sua caminhada de fé enquanto perambulava pelo espaço com o celular nas mãos.

Por 20 anos, ela fez parte da religião mórmon, contudo tinha questionamentos em relação à própria crença. Ao iniciar o seu curso de teologia, as dúvidas só aumentaram, posto que a faculdade lhe mostrou a presença do homem por trás das religiões, deixando-a frustrada. Para Elayne, não há clareza no processo de preservação da bíblia, “no curso de teologia você vê o quanto tem dedo de homem nisso tudo”. Ela acredita que o livro

sagrado cristão pode ter sofrido alterações em decorrência dos interesses políticos ao longo dos anos e períodos históricos.

Mas, mesmo que a formação tenha trazido certo desapontamento, ela proporcionou a sua aproximação com o Islam, visto que a teóloga tinha pouco conhecimento sobre o assunto. Entretanto, foi durante a pandemia, no mês do Ramadan⁹, que a alagoana teve a oportunidade de conhecer a crença islâmica mais a fundo pois, nesse período, o *Instagram* realizava uma ação na qual era disponibilizado um símbolo nos *stories* que concentrava as postagens que falavam sobre a religião. O encantamento com a crença foi imediato, “a forma do Islam de adorar a Deus é muito bonita, o respeito que o Islam tem com Deus é muito bonito também”. Dessa forma, quanto mais estudava, mais as visões preconceituosas que tinha sobre a religião eram desconstruídas, principalmente os estereótipos de homens bomba e terroristas.

A medida que se aproximava do Islamismo, a muçulmana resgatava o Deus que imaginava, “um pouco diferente do Deus da bíblia cristã, era um Deus que requeria mais respeito”. A decisão de se reverter ao Islam veio em 2021, quando fez a *shahada*. Logo após o testemunho de fé, a alagoana teve um contato *online* com mulheres muçulmanas através de um grupo do *WhatsApp* ao qual foi adicionada, mas, até então, Elayne não havia conhecido nenhum muçulmano pessoalmente. O seu encontro presencial com os irmãos da religião só ocorreu um tempo depois durante um encontro promovido por uma *influencer* muçulmana revertida chamada Fabíola Oliveira. Na ocasião, além dos seguidores que eram muçulmanos, Elayne conheceu a própria influenciadora. Fabíola é mencionada como referência pelas outras entrevistadas, por isso, conversamos pontualmente com

⁹ Nono mês do calendário muçulmano onde deve-se realizar um jejum religioso do nascer ao pôr do sol (COSTA, 2016).

ela para conhecermos um pouco do seu trabalho na internet. Revertida há 10 anos, a mulher conheceu o Islam aos 21 anos durante um intercâmbio para a Nova Zelândia e se encantou com a crença, todavia a sua *shahada* só ocorreu aos 23. Apesar do intervalo entre os eventos, antes mesmo de se reverter, Fabíola criou um *blog* para falar sobre religiões. Quando já era muçulmana, decidiu abrir uma conta no *Facebook* para falar especificamente sobre o Islam. Tempos depois ela migrou para o *Youtube* e para o *Instagram* que é a rede social onde as nossas entrevistadas a conheceram. Nessa mídia social, a influenciadora aborda sobre Islam e dá dicas sobre educação sem preconceitos, uma vez que é mãe e pedagoga.

Vide que os estudos permeiam as histórias de todas as nossas entrevistadas, elas pesquisaram muito sobre a religião antes de se reverterem de vez. Elizabete Reis não foi diferente. No caso da mulher nascida em São Vicente, litoral paulista, foram justamente os estudos que a levaram a conhecer o Islam. A muçulmana, de 45 anos, e vestes coloridas, se reverteu em 2008, enquanto aprendia inglês. Hoje, trabalha como consultora de moda especificamente dentro da religião e esse senso estético apurado pôde ser percebido ao longo de nossa conversa. No dia 29 de agosto, em plena luz da tarde, a muçulmana arrumava o cenário em frente à câmera antes de começar o bate-papo. Depois de ajustar o ambiente dentro do que considerava aceitável para a entrevista, o relato foi iniciado.

Nascida em família católica, Elizabete sempre foi muito aplicada nas suas práticas religiosas. Nas orações de noite, costumava falar com Jesus, mas, em um dia, pensou: “me desculpe Jesus, mas hoje eu vou falar com o Pai”, e foi quando surgiu uma confusão em sua mente. A mulher não compreendia ao certo a separação de Pai, Filho e Espírito Santo (santíssima trindade) já que via Deus com um só. Dada a incompreensão, ela foi procurar

Fabiola Oliveira



por respostas em outras religiões, chegou a ser praticante da *wicca* por algum tempo, porém, não se identificou. Com humor, Elizabete cita que uma das frustrações com a *wicca*, aconteceu após ler um livro que dizia que o paraíso wicciano era uma terra de verão, “Deus é testemunha de que eu detesto o verão, gosto do inverno”.

No período difícil em que enfrentava uma anorexia e bulimia, a mulher decidiu aprender inglês para ocupar a mente, conforme a orientação de sua psicóloga. Visando treinar o idioma, passou a conversar com nativos da língua pela antiga rede social *Orkut*, e foi nessa plataforma que conheceu um grupo de paquistaneses que a apresentaram ao Islam. Ao conhecer a fé de Maomé pela primeira vez, Elizabete pensou “nossa, isso faz muito sentido para mim”. A identificação com a religião foi tamanha que a fez procurar por uma mesquita. Como na cidade onde ela morava não havia nenhuma, a vicentina viajou para Santos para conhecer o espaço religioso. Quanto mais pesquisava, mais se encantava pelas palavras do Alcorão. A certeza era tamanha que, após finalmente fazer a *shahada*, Elizabete sentiu que finalmente tinha encontrado o próprio caminho dentro de uma crença e agradeceu a Deus por isso.

Assim como Elizabete, Patrícia Samanta também almejava por respostas que a sua então religião não conseguia sanar. A mulher, de 34 anos, nascida em Sumidouro (RJ), não compreendia como Deus poderia ser três ao mesmo tempo. Mas, sempre que perguntava sobre isso ao pastor de sua igreja, ele apenas dizia que o inimigo era o causador das dúvidas. Cansada de não obter respostas, Patrícia acabou abandonando o cristianismo e partiu em busca de uma nova fé. E é sobre essa trajetória que nós conversamos em uma videoconferência realizada no dia 13 de setembro.

Ela já tinha visto um pouco sobre o Islamismo em matérias e reportagens na televisão, mas nada muito aprofundado. A aproximação maior com a religião aconteceu quando ela conheceu um muçulmano pela internet. Curiosa, Patrícia o indagou sobre Jesus e o rapaz respondeu tudo o que ela sempre quis ouvir. Nas palavras da muçulmana, foi como se um novo horizonte se abrisse, e, com ele, veio o desejo de pesquisar mais sobre o alcorão. Depois de meses estudando, a mulher chegou à conclusão que tudo fazia muito sentido, “o Islamismo é muito racional, é uma coisa para você pensar, a gente até fala que para você ser muçulmano não pode ter preguiça, você tem que pensar e estudar”. E foi depois de muita consulta que, em 2015, a fluminense fez a sua *shahada*, tornando-se a única muçulmana de Sumidouro.

A mais jovem das nossas revertidas chama-se Rosario Moreira. No dia 20 de setembro, a estudante, de 19 anos, nos recebeu para encerrar a fase inaugural das entrevistas deste livro. Com um véu colorido e uma certa timidez, Rosa, apelido usado na conversa, começa a nos contar a sua história com o Islam.

Nascida judia, o contato com a fé muçulmana ocorreu em um momento delicado. Mesmo com pouca idade, Rosa foi internada aos 15 anos por problemas de saúde. Durante o tratamento e em meio à solidão, as obras literárias foram o seu alívio e uma forma para ocupar os pensamentos. Em uma rápida digressão, ela cita que é amante da leitura e da bienal do livro. No ano de 2018, o tema do evento era mundo islâmico, e, na ocasião, ela ganhou de brinde três publicações que tratavam sobre o Islam. Rosa narra que sua mãe lhe presenteou com uma caixa com leituras variadas para lhe fazer companhia durante o tratamento, entre elas, estavam os livros sobre Islamismo que havia ganhado na bienal. Nas palavras de Rosario, ler sobre o Islam foi “como se o céu se abrisse, pois eu estava frágil, sozinha e com medo”.

Passados os dois meses de internação, a adolescente foi incentivada a buscar por uma fé que a ajudasse a superar o momento difícil. Rosa não se sentia bem aceita no judaísmo - religião de nascimento - uma vez que sua mãe é divorciada e, segundo ela, isso não era visto com bons olhos pelas pessoas da sinagoga¹⁰. A falta de acolhimento também acontecia no catolicismo, crença do padrasto devido ao fato dela ser judia. Porém, “o Islam caiu como uma luva”, afirma. A jovem nos conta sobre a sua primeira visita à mesquita aos 15 anos. Na oportunidade, o som do *Adhan*¹¹ a fez chorar de emoção. Na ocasião, Rosa observou tudo de longe e os muçulmanos que lá estavam até tentaram se aproximar, mas não conseguiram obter abertura para conversar com a visitante.

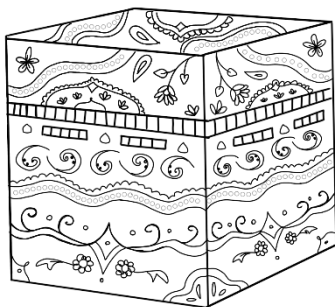
Depois da experiência, a estudante voltou a ler mais sobre o Islam, o que fez suscitar a vontade de visitar o espaço novamente. Porém, antes de ir ao local, Rosario preparou uma lista de perguntas para o *sheik* da mesquita, que respondeu atentamente todas as dúvidas da menina durante a segunda visita, “ele foi muito sensível e empático comigo, essa conversa também me fez chorar”. Relembrar a forma como o líder a recebeu fez com que a emoção ficasse aparente em sua face.

Movida por um interesse maior, Rosa procurou por grupos de mulheres muçulmanas no *Facebook* e se surpreendeu com o acolhimento ofertado por essas irmãs de fé. A recepção genuína a deu certeza de que estava no caminho certo, dessa forma, a jovem começou a orar e a usar o *hijab* conforme a religião orientava

¹⁰ Templo religioso onde os judeus se reúnem para realizarem o seu culto (Fonte: Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sinagoga/>).

¹¹ É a música de chamado para a oração dos muçulmanos (Fonte: Iqara Islam. Disponível em: <https://iqaraislam.com/azan>).

antes mesmo de formalizar a reversão. Após um tempo, a certeza da reversão invadiu os seus pensamentos e aos 16 anos, Rosario Moreira fez a *shahada*, se tornando oficialmente uma muçulmana, “eu senti, então, que finalmente pertencia a mim mesma”.



2

Olhos que cercam

No dicionário, família é um substantivo feminino e a etimologia da palavra deriva do latim "*familia,ae*", o significado é "pessoas que vivem na mesma casa, têm o mesmo lar". Em latim, lar é "*Laris*" e é definido como "Deus que protege a casa", dessa forma, quando estamos dentro de uma família, estamos em um ambiente com preceitos religiosos que serão abrigados e compartilhados nesse local.

Quando o lar é composto por apenas uma única crença pode haver empecilhos para aqueles que querem praticar outra religião. No caso do Brasil, a fé cristã é maioria. De acordo com o

órgão de pesquisa Datafolha¹², em 2020, o levantamento realizado mostra que o país apresenta um número de 81% de adeptos ao cristianismo, sendo 50% católicos e 31% evangélicos. Os dados refletem a realidade das muçulmanas ouvidas neste livro, posto que a maioria delas vêm de lares cristãos, e, devido a isso, algumas encontraram obstáculos para exercer a nova prática religiosa.

No caso da Patrícia Samanta, o pai católico não aceitava a sua mudança de crença. O homem imaginava o Islam segundo a visão da mídia, e conseqüentemente, pensava que a religião estava relacionada ao terrorismo. Ademais, por ser do tempo da ditadura brasileira, José temia que Patrícia fosse perseguida pelo governo por em razão da nova religião. Embora não concordasse com a reversão, ele, ainda assim, recebia na sua casa os livros religiosos que ela encomendava pela internet. Em reciprocidade a isso, Patrícia decidiu não usar o véu perto do pai para não aborrecê-lo mais durante o tratamento de um câncer. A muçulmana só passou a usar definitivamente a vestimenta depois do falecimento do pai, cinco anos depois de sua reversão.

José não foi o único entre os familiares que não aprovou a reversão. Segundo Patrícia Samanta, alguns parentes não a entenderam: “eu fui taxada de doida, eu sou a maluca da família, a única muçulmana da família e da cidade”. Ademais, a mulher relembra rapidamente de um episódio em que não foi convidada para um aniversário de um familiar por conta da religião. Ainda que as críticas e resistências persistam, a fluminense tenta encará-las da melhor forma possível, e, se sente que tem abertura

¹² Fonte: Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>

para explicar e mostrar o seu lado, ela o faz; mas se o comentário vem acompanhado de ódio gratuito, apenas ignora.

No entanto, nem todos à sua volta veem o Islamismo com maus olhos: a mãe, o marido e as filhas aceitaram bem a novidade. Quando se reverteu, em 2015, a muçulmana já era casada com Elismarcio e tinha duas filhas: Beatriz e Maria Fernanda. Na história familiar, a reversão de Patrícia se deu em paralelo ao afastamento do marido com a igreja evangélica. Convivendo diariamente com esta religião diferente, Elismarcio naturalmente teve um período de curiosidade em relação ao Islam e chegou a pedir um Alcorão de presente, mas a fase não durou muito. Mesmo não conhecendo a crença a fundo, o marido respeita as decisões da companheira como não comer carne de porco, sair vestida com o véu, entre outras. Ela recorda o princípio da sua caminhada no Islam e a reação do marido, “eu pensei que quando fosse sair na rua com o *hijab* a impressão dele seria a pior, que ele não iria querer sair na rua comigo assim, mas não, às vezes a gente tá andando na rua e ele percebe que alguém está me olhando muito esquisito, com a cara feia, e ele logo pega mão e olha com uma cara bem estranha pra pessoa se tocar”.

A filha mais velha de Patrícia é um dos familiares que também acompanhou de perto a reversão. Numa conversa que tivemos em um sábado de manhã, Beatriz, de 16 anos, relata que é curiosa quanto às religiões, mesmo não fazendo parte de nenhuma. E é o conhecimento sobre crenças diversas que a fez entender a fé da mãe e perceber as mudanças em seu comportamento. Entre as transformações observadas na mãe, está o aumento da empatia, da solidariedade e da sensibilidade à dor do próximo. Todavia, há um ponto negativo, a menina se incomoda com o fato dos seus conselhos maternos serem permeados sem-

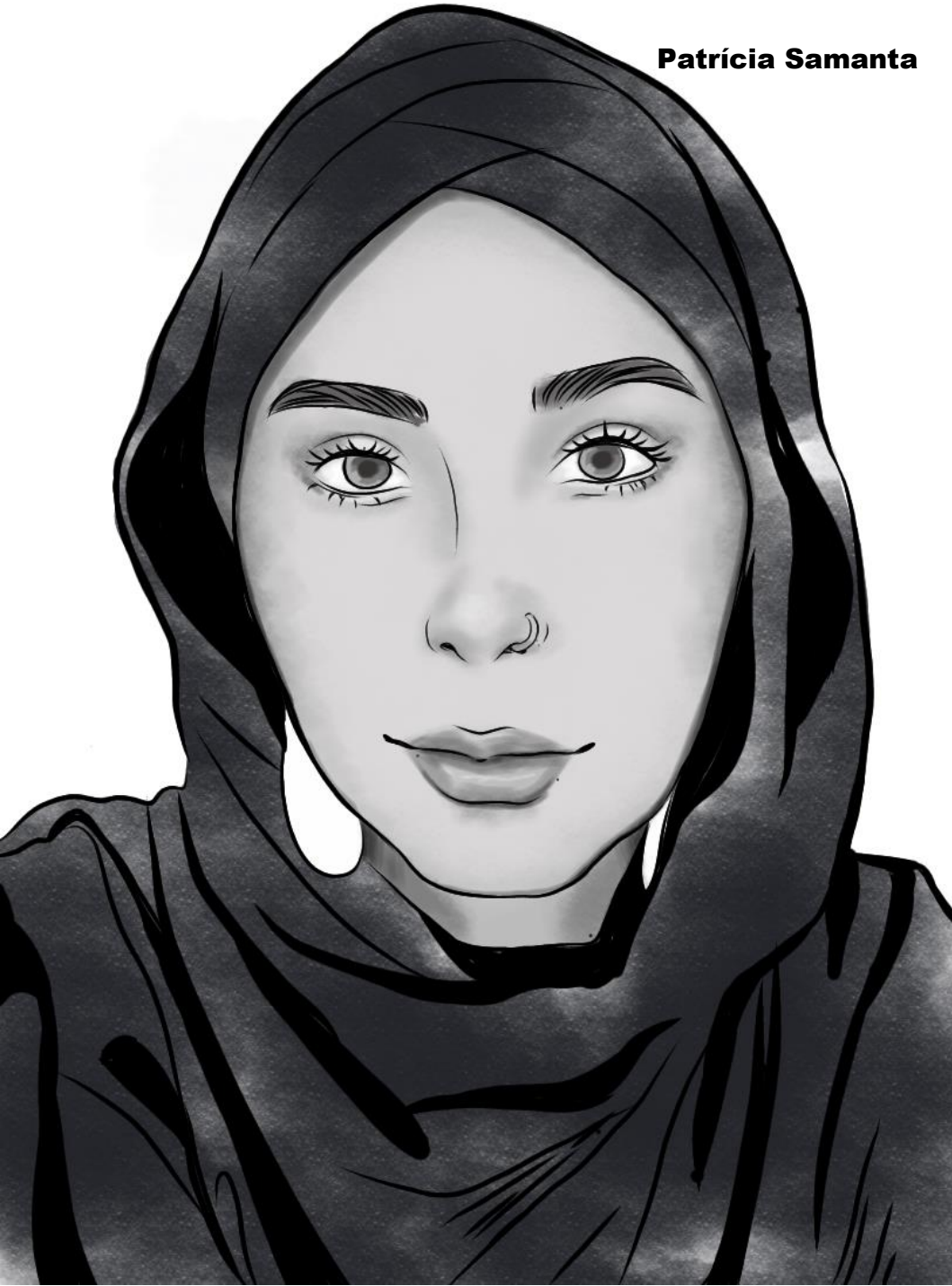
pre pela figura de Deus, “ela coloca Deus como a solução de todos os problemas e isso me incomoda um pouco, pois eu sou mais racional e vejo a religião como algo mais emocional”.

No que concerne aos relacionamentos dentro da comunidade islâmica, Patrícia cita que nunca teve nenhum contato com muçulmanos presencialmente, visto que mora a 200 km de uma mesquita, logo, toda a relação com os irmãos de fé é *online*. De modo geral, conclui que foi bem acolhida por todos, “eu faço aulas online com o pessoal da mesquita do Rio, foram eles que me ensinaram a ler o alcorão em árabe, me ensinaram algumas frases, me ensinaram a rezar, até me mandaram vários *hijabs* quando eu me reverti, e isso foi bem legal”. Todavia, há uma ressalva quanto a determinados integrantes da comunidade que frequenta, pois alguns insistem que ela deve se separar do esposo por ele ser cristão, mas a sugestão não é levada em consideração “será que Deus quer que eu destrua toda a minha família por causa de uma religião? Isso não faz sentido”.

Em contraponto, Rosario não encontrou nenhuma oposição a sua crença dentro de casa, os pais (mãe e padrasto) reagiram bem à escolha da filha. Além do apoio da família, a jovem contou com detalhes sobre o acolhimento que teve por parte da comunidade muçulmana. Com um sorriso no rosto, a estudante cita que, antes mesmo da reversão, havia conhecido mulheres muçulmanas e que sempre se sentiu bem aceita pelos irmãos e irmãs da religião.

Por estar enfrentando um momento delicado naquela época, o amparo encontrado foi fundamental para a cura da estudante, dado que Rosario se sentia sozinha, sem amigos ou alguém para conversar abertamente sobre as dificuldades que enfrentava.

Patrícia Samanta



Dessa maneira, quando procurou pelo Islam e encontrou mulheres muçulmanas que se dispuseram a ajudá-la, sentiu que tinha finalmente achado uma crença para si. A recepção amistosa foi crucial, e relembra: “elas (muçulmanas) foram tão empáticas comigo, foi um acolhimento que eu não achei em religião nenhuma. Frequentei outras religiões, eu respeito muito as outras religiões, só que o acolhimento eu só achei no Islam, eu só me senti completamente segura no Islam”.

Rosa lembra que um dos fatores que contribuiu para o começo de sua caminhada com o Islam foi o fato de ter independência financeira, por trabalhar nos comércios de sua família desde muito nova e, conseqüentemente, conseguia comprar sozinha seus livros religiosos, cursos, véus e vestimentas islâmicas. Assim, pôde trilhar seu trajeto de fé sem interferências ou opiniões externas. No entanto, Rosario acredita que a sua realidade é uma exceção entre as adolescente que querem se reverter ao Islam, “o fato de ter o meu próprio dinheiro, me deu liberdade, e eu entendo que muitas muçulmanas e muitas revertidas não têm; é aquela coisa, se você depende de outra pessoa, aí já é mais difícil e mais delicado”. Segundo dados do Primeiro Relatório de Islamofobia do Brasil do grupo Gracias, entre as 290 muçulmanas revertidas ouvidas na pesquisa apenas 18,6% têm entre 18 e 25 anos, a maior concentração de revertidas encontra-se na faixa etária dos 36 aos 40 anos.

Mesmo com autonomia financeira, Rosa não assumiu o seu posicionamento religioso para os pais rapidamente. As manifestações públicas da crença muçulmana eram dosadas e uso o *hijab* era comedido perto dos familiares, por isso amarrava-o como um turbante judeu para que seus pais não percebessem. Entretanto, ao sair do alcance dos olhos paternos arrumava o lenço seguindo o código de vestimenta islâmica.

Ainda que tentasse disfarçar, a fé em Alá foi ficando aparente e os pais sentiram que a qualquer momento a filha assumiria a mudança, sendo assim, a aceitação por parte de Vanilda e Carlos foi inevitável, mesmo que seu padrasto guardasse ressalvas em relação à crença muçulmana. Por ser um homem de ascendência europeia e consumir entretenimento americano, a percepção de Carlos a respeito do Islam foi (e é) baseada em um discurso orientalista que desenha na face do muçulmano a figura do inimigo dos EUA e do Ocidente. Nessas narrativas, o Islam e o Oriente Médio tornam-se sinônimos de selvageria e barbárie (SAID, 2007). “As pessoas não se esvaem dos seus preconceitos do nada, mas por amor eles abrem uma exceção”, diz Rosario. Assim, a filha do coração se tornou a única exceção de muçulmana possível.

Quando decidiu se apresentar para a família como realmente gostaria de ser vista, Rosa escolheu uma data especial: “no meu aniversário de dezesseis anos; decidi que ninguém poderia brigar comigo nesse dia, então eu usei o *hijab* do jeito que eu realmente queria usar”, afirma. A escolha pelo dia 1º de janeiro, dia Mundial da paz, iria blindá-la de escutar possíveis divergências em relação a sua decisão. A data é recordada com empolgação; apesar de não celebrarem o ano novo nos costumes judaicos, a adolescente conta que, por estarem em uma cultura diferente, eles aderem a determinadas comemorações. Neste dia, Rosa festejaria o aniversário e o novo ano na casa de alguns parentes e, enquanto aguardava a mãe se aprontar para o evento, ela se manteve sentada no sofá; após um tempo, Vanilda, se dirigiu até o seu quarto com um lenço em suas mãos e disse “me ensina a colocar?”. Ao descrever a cena, a emoção invadiu o semblante de Rosa, que comentou. “Chorei horrores, óbvio, eu e a minha mãe de *hijab* no meu aniversário; ela fez aquilo porque sabia que os

parentes iriam falar e estava disposta a passar por isso comigo. Serei eternamente grata por isso”.

Por outro lado, mesmo com a reação surpreendente de Vanilda, ela ainda ansiava pela aprovação do padrasto. Carlos é uma figura importante na vida de Rosa e por isso houve certo temor quanto a uma possível reação negativa, mas isso não aconteceu. Com tempo e amor, tudo se encaixou e ela revela que nunca precisou assumir em palavras a religião para a família, visto que a aceitação dos pais foi orgânica. “Eu entendo que os preconceitos não desaparecem do dia para a noite. Nunca esperei que meus pais se desvinculassem de todos os preconceitos só porque isso seria muito confortável pra mim”, mas Rosa expõe ser muito grata pelo amor e paciência que recebeu da mãe e do padrasto durante a sua trajetória de reversão.

O apoio da figura paterna também foi fundamental na reversão de Amirah. Quando decidiu se reverter de vez, a mulher, de então 26 anos, não procurou opiniões, exceto a do pai. A princípio seu Bira, como era carinhosamente conhecido, indagou se essa crença não era “de doidos”, até porque o conhecimento dele sobre Islam era limitado ao que a mídia mostrava. No entanto, com muita explicação, finalmente entendeu a fé de Amirah e se orgulhou da escolha feita. Com um sorriso no rosto, ela conta como o pai gostava de explicar sobre o Islam para aqueles que não entendiam a religião.

Todavia, nem todos os familiares foram tão acolhedores quanto seu Bira. Os irmãos, mesmo não falando abertamente sobre o assunto, demonstravam estarem incomodados com a reversão. Ela sentia que havia um certo preconceito por parte deles, mas não dava liberdade para que manifestassem opiniões sobre a sua escolha. Em um único episódio de desentendimento citado

pela capixaba, uma das suas irmãs mencionou a sua crença durante uma discussão, mas Amirah se manteve firme em não aceitar palpites alheios.

Passado um período, a muçulmana chegou a se casar com um praticante do Islam, mas o relacionamento não deu certo e culminou em divórcio¹³. Posteriormente, houve um segundo matrimônio e eles permanecem casados até hoje. Em 2015, ela se mudou para Londres acompanhada do esposo, Adil, um muçulmano de nascimento e pertencente a uma família de Bangladesh, juntos, o casal teve duas filhas Aisha e Maryam. Por terem a mesma crença, vivem a fé em conjunto, oram juntos e aprendem sobre o Islam um com o outro.

Além do marido, quem também acompanhou a reversão de Amirah foi a sobrinha Gabriela, que relembra bem as transformações que o Islam proporcionou na vida da tia. Entre as mudanças mais perceptíveis está a forma de agir mais calma com a qual a muçulmana se expressa e na valorização maior dos valores familiares. Ademais, é evidente o quão bem a crença faz à tia: "dá pra ver o quanto ela é feliz e eu acredito que o Islamismo fez toda diferença nesse processo". Segundo Gabriela, a reversão de Amirah fez com que os estereótipos que ela própria tinha sobre o Islam desaparecessem.

Em relação à recepção dentro da comunidade religiosa, Amirah encontrou um pouco de resistência. Enquanto vivia no

¹³ A *charia* (sistema de leis do Islam) prevê que o divórcio é um direito dos homens e das mulheres, porém, a esposa só pode divorciar-se do marido por um bom motivo, como impotência, loucura ou negação dos direitos dela, e recorrendo ao cádi (juiz muçulmano) ou por consentimento mútuo. Por outro lado, o marido pode pedir divórcio sem dar motivo, ele deve apenas expressar uma fórmula verbal na presença de testemunhas (HOURANI, 2006).

Brasil, se sentia acolhida pelos amigos que fez dentro do Islam, contudo, no exterior, se sente excluída pelos próprios irmãos muçulmano. "Eu não sou muçulmana o suficiente para aqueles que nasceram muçulmanos porque eu não sou nem asiática e nem árabe, sou revertida e meio que eles não levam muito a sério quem se reverteu, e pelos brasileiros, eu sinto que eu não sou brasileira o suficiente", avalia. De acordo com ela, a comunidade que mais a apoia é o grupo de muçulmanos brasileiros revertidos.

Elizabete não teve a mesma sorte de Amirah com a relação da família. Assim como Patrícia Samanta, ela também teve alguns conflitos com familiares católicos. Se por um lado a relação com sua mãe foi mais tranquila, a com o pai foi mais difícil e os desentendimentos se arrastaram ao longo dos três primeiros anos da sua reversão. A muçulmana diz que levou três dias após sua *shahada* para colocar o véu, e Paulo, seu pai, não gostou da vestimenta, "ele foi a pessoa que mais se expressou em relação a não aceitação, então nós chegamos a ter algumas brigas de bater boca, e eu ficava 'ah pai, o que eu vou fazer? É o que eu gosto, eu me sinto bem na religião', e ele respondia que eu estava negando Jesus, só que eu não estava fazendo isso, uma das condições para você ser muçulmana é amar Jesus e acreditar nele, eu só não acredito nele como filho de Deus".

Na segunda conversa que tivemos, em uma tarde de quarta-feira no mês de setembro, a muçulmana nos relata sobre quando recebeu de sua mãe a informação de que o pai se incomodava bastante com o véu, que se sentia envergonhado quando saíam em público em razão do *hijab*. Para ela, o marco foi a falta de comunicação direta, "ele não falou direto pra mim, ele foi falar pra minha mãe e ela passou o recado". Elizabete então nos narra que o momento mais difícil foi uma briga que tiveram em que seu Paulo chegou a ofender Alá. Depois do fato, pensando em

evitar mais discussões, optou por uma nova estratégia, em mostrar, aos poucos e com seu próprio comportamento, que o Islam era sim uma religião válida e boa. Em consequência, eles pararam de bater de frente um com o outro “até hoje quando eu vou visitar meus pais eu sempre falo ‘pai, o Deus é o mesmo, e a minha função como muçulmana é preservar o seu direito de ter uma religião também”.

A muçulmana menciona a que a convivência familiar hoje em dia está mais leve e que o pai entende que o comportamento dela é coerente com a fé que segue. Porém, ainda não há aceitação por completo do Islam por parte de Paulo e ela sente que, no fundo, ainda existe um orgulho ferido, “eu fui batizada na Igreja Católica, fiz comunhão, fui crismada, e acho que isso é uma afronta para o meu pai, entender que eu não preciso mais dele para tomar decisões”.

O apoio à religião vem do marido com quem é casada há 8 anos. Ronaldo e Elizabete tiveram um primeiro contato no centro islâmico em que estudavam, apesar do desencontro de horários: enquanto ela fazia aulas presenciais ao sábado e *online* no restante da semana, ele frequentava presencialmente a mesquita durante alguns dias da semana à noite, desde que havia se revertido em 1997. “Nós nos conhecemos primeiramente nas aulas online mesmo, e eu tinha ouvido o pessoal falar como ele era o aluno mais aplicado da turma, então eu pensei ‘ah, vou colar neste’”, narra com uma risada no canto dos lábios.

O professor do curso, Wafi Farah foi então a ponte entre os dois. Sabendo sobre a vontade de Elizabete de se casar novamente, ele mostrou a foto da revertida para Ronaldo, que ficou interessado, mesmo após um relacionamento difícil. Para evitar novos percalços, os dois ouviram a sugestão do professor e se encontraram na mesquita do Pari, em São Paulo, “nós nos vimos de longe, um olhou pro outro, ficamos nos encarando, e aí depois

foi o Ronaldo mesmo que falou pro nosso professor que achava que daria certo um relacionamento entre a gente, e aí rolou”. Ela conta que, como não tinha se preparado para a mudança de casa/cidade, só conseguiram morar juntos de fato dois meses após o casamento.

Nessa mesma tarde de quarta-feira, Ronaldo também conversou um pouco conosco. Ele afirma que sua esposa leva as práticas islâmicas muito a sério e que faz tudo com muita dedicação no seu dia a dia, “tudo que é recomendado, desde as orações até o uso do *hijab*, ela também gosta de sempre estar estudando cada vez mais sobre o Islam”. O muçulmano declara que o Islamismo é um estilo de vida, pois afeta até mesmo atividades cotidianas, como ter horários certos para as orações, o que se deve comer ou não, o modo como você enxerga o mundo, e que tudo isso causa um grande impacto na vida dos indivíduos, “quando você vira muçulmano, você se torna outra pessoa de certo modo, sempre tem alguma mudança, mesmo que mínima, e desde o nosso casamento eu fui notando como a Elizabete foi sofrendo essas mudanças aos poucos, mesmo que ela já tivesse se revertido há algum tempo”.

Em relação ao seu acolhimento na comunidade muçulmana, Elizabete afirma que foi bem tranquilo, “na época eu morava em São Vicente e lá perto tem a mesquita de Santos, então eu fui muito bem recebida e a comunidade de lá é muito reunida, os muçulmanos de São Vicente, Guarujá, Praia Grande iam todos para a mesquita de Santos”. Segundo ela, é uma comunidade com mais Libaneses, e que sempre recebeu muito suporte e conselhos deles. Entretanto, atualmente, vê muçulmanas revertidas e clientes reclamando dos praticantes que nasceram na religião e que estariam discriminando um pouco os revertidos, “eles fazem o discurso de que eles são os nascidos e nós os revertidos, como

Elizabeth Reis



se isso não fosse uma coisa boa, mas lá em Santos foi bem tranquilo, o pessoal é bem companheiro mesmo, eu só fui ver essa parte de falta de acolhimento ao revertido quando eu vim pra São Paulo”.

Para Assyiah, a reversão não gerou divergências com os familiares mais próximos, mas enfrentou dificuldades nos seus relacionamentos fora de casa. Ela nos relata que foi um processo tranquilo com a sua família, mas escutou algumas coisas que não a agradaram de familiares distantes e amigos.

Antes mesmo de iniciar o processo de transição para o Islamismo, a mulher frequentava a mesquita e fazia os cursos oferecidos no local, como árabe e leitura do alcorão. Ela nos relata que, após o *Ramadan*, o povo muçulmano comemora *Eid al-Fitr*¹⁴, que marca o fim do jejum. Neste período, ela convidou sua mãe, Mari, para participar e conhecer como era o contexto em que estava inserida, “ela foi e teve uma visão do que realmente eram os muçulmanos”. Assyiah nos conta empolgada que, quando pôde apresentar a ela sua crença, foi um momento em que teve certeza que ser uma mulher muçulmana era o que realmente queria. As duas conversaram respeitosamente e com um sorriso no rosto, Assyiah nos relata a reação da mãe, “você é minha filha, eu te amo, independentemente das suas decisões, eu te amo e vou continuar te amando”. Depois de escutar essas palavras, ela finalmente formalizou o desejo de se reverter.

Apesar da reação positiva de Mari, Assyiah acabou enfrentando comentários ruins de parentes e amigos. Ela relata que muitos se afastaram, o que a deixou intrigada, “poxa, tantos ca-

¹⁴ Data do calendário muçulmano que comemora o fim do mês sagrado do Ramadan. (Fonte: Iqara Islam. Disponível em: <https://iqaraislam.com/eid-al-fitr>).

tólicos viram umbandistas, evangélicos, candomblecistas, espíritas e foi tudo ok para eles (ex amigos), mas por que foi diferente comigo?”. No entanto, mesmo escutando comentários desagradáveis e recebendo um tratamento inesperado por parte daqueles que amava, Assyiah agradece à Deus pelos distanciamentos e pelas novas amizades que fez, como com Marcilia, amiga e companheira de fé.

A amiga de Assyiah, Marcilia, relata que a conheceu antes da reversão em uma rede social, o *Facebook*. Na primeira vez em que se viram pessoalmente, a mineira a identificou pelas fotos e logo foram conversar. Elas se tornaram amigas, e essa relação de cumplicidade entre as duas pôde ser observada enquanto presenciávamos a preparação de *kebabs* para distribuírem em uma ação social para moradores de rua. Ao ser questionada sobre como era Assyiah antes da reversão, Marcilia nos respondeu: “eu não vejo muita mudança nela, ela é uma pessoa boa e sempre foi. Ela estudou para conhecer a religião e depois fez a reversão, mas não mudou e, quando fez esse processo (reversão), já tinha as mudanças necessárias para estar na religião”. Para a mineira, a amiga demonstra a fé em diversos momentos no seu dia a dia, e isso não significa que seja apenas em orações, mas também ao demonstrar carinho aos outros e ao respeitar amigos e familiares.

Aproveitando o ensejo, a muçulmana de olhos e véu verdes nos contou acerca das suas relações familiares depois da reversão. A princípio, a família de Marcilia se assustou com a decisão, mas, conforme nos disse, ela estava preparada para as consequências “se eu tomo uma decisão na minha vida, eu assumo ela e o que os outros falam não importa”. Apesar dos familiares terem levado um certo tempo para se acostumarem com a nova imagem, quem mais importava para ela, seu pai e ancião da Congregação, não viveu para ver a reversão da filha.

Seu marido há três meses, Mohammed, é muçulmano marroquino e admira a devoção da esposa. O homem nascido dentro da crença costuma dizer que ela pratica melhor a religião do que ele mesmo. Essa admiração é um sentimento partilhado com Assyiah e, na visão da amiga, “Marcilia incentiva a fé, ela não cobra que você ore, mas ela não deixa de orar, ela pede licença e vai mesmo que você não a acompanhe.”

Além das relações familiares e profissionais, Marcilia cita os laços desenvolvidos dentro da mesquita. Por ser um ambiente em que vigora o idioma árabe, ela menciona que às vezes isso gera certo deslocamento entre aqueles que não são fluentes na língua. Sentindo a necessidade de se aproximar de alguém que compartilhe da mesma crença e do mesmo sentimento de deslocamento, a mineira passou a realizar encontros em sua casa de 15 em 15 dias para compartilhar a fé com outras muçulmanas revertidas.

A afeição vista na relação de amizade das amigas é semelhante ao apreço que Adalberto sente por Elayne. A teóloga de formação é vista como uma líder nata, na perspectiva de seu irmão caçula. A essência questionadora de Elayne não chegou a mudar com a reversão, por isso a alagoana sempre quer entender os locais que a mulher ocupa na sociedade e sua religião, “eu precisei conversar com os meus líderes porque não concordava com as coisas que via; o papel da mulher ser tão diminuído e em reuniões só ser levado em consideração o que o homem falava. Eu precisei questionar isso, confrontar, cutucar para que as coisas mudassem, mas precisei me conter às vezes”.

Apesar de estar em uma comunidade pequena, a muçulmana procura se impor constantemente e mostrar para os homens que frequentam a mesquita que as mulheres merecem o mesmo local de fala que eles historicamente possuem, pois exercem a mesma fé e estão em uma mesma comunidade religiosa.

Para a teóloga, essa característica de desconsideração da opinião da mulher é algo que faz parte da religião, mas que precisa ser modificada. Ela relata que pôde conhecer outra mesquita, em Recife, e que encontrou muçulmanas revertidas que também sentiam a necessidade de reestruturar a maneira com que eram tomadas as decisões no templo religioso, “tinha uma grafiteira lá em Recife, um show de pessoa, conversamos e ela falou sobre esse problema, essa resistência da opinião da mulher lá. Elas precisaram se organizar para dizer ‘não, eu tenho um local de fala aqui também’”. Apesar de nos informar que essas questões que envolvem voz feminina são inerentes à religião, Elayne apresenta uma diferença entre muçulmanas revertidas brasileiras e muçulmanas estrangeiras: as que nasceram em outro país não interagem com a comunidade e dificilmente aparecem na mesquita, mas, por outro lado, as revertidas querem estar presentes durante todos os eventos ou organizando-os.

Elayne tem dois filhos, Letícia e Gabriel, e, segundo ela, nenhum deles segue uma religião hoje em dia. Por outro lado, a muçulmana, com seu vasto conhecimento teológico, se encontrou como um indivíduo religioso quando adentrou no curso superior de teologia. “Eu acho que o Islamismo mudou a vida dela em muitos sentidos. Ela foi de toda religião que você imaginar, mas eu tenho visto ela há mais tempo nessa religião, mais dedicada e acho que ela mudou”, declara Adalberto, o irmão de Elayne.

O rapaz, no momento da conversa, estava dentro da academia, demonstrando que gostaria de contribuir com informações sobre a irmã. Ele nos afirmou que a mulher não mudou, e a muçulmana, escutando o irmão, confirma com a cabeça. Adalberto explica que poucas coisas se modificaram no modo de viver de Elayne, “tanto para mim, quanto para a família, não foi surpresa. O que mais me surpreendeu foram as características

que a religião impõe e que, não só para mim, mas também para a família e como para qualquer outra pessoa, são coisas diferentes, como: vestimenta, *hijab* e os costumes”, conta. Além disso, o seu irmão brinca que, a mudança mais difícil dentre todas as coisas, é poder sair com Elayne sem chamar a atenção. Adalberto narra que, através da irmã, ele tem tanto conhecimento sobre religião que pode conversar com seus amigos a partir de todas as informações que recebeu da muçulmana.

Demonstrando uma boa relação com o familiar, Elayne afirma que também não teve problemas com os parentes e que apenas escutou alguns questionamentos, mas que, em sua visão, eram normais. “Com a família foi tranquilo. Claro, existem as especulações e a vontade de saber o “porquê” de ser o Islam e se era influência de alguém de fora, se eu tinha conhecido alguém, se eu queria sair do Brasil e por isso me reverti. Algumas perguntas dessa forma vieram da minha família, mas apenas questionamentos para entender o porquê, pois foram quase vinte anos em uma igreja e, me interessar por outra totalmente diferente, causou curiosidade”.

A realidade da alagoana é compartilhada em partes com a de Patrícia Ribeiro. A carioca sente muita gratidão a Deus por não ter tido nenhum problema com a sua família quando se reverteu, e que seu pai até mesmo a acompanhou na mesquita algumas vezes, pois tinha curiosidade para ver como eram as orações. A mulher conta que, depois que começou a usar o véu (quatro meses após sua reversão), sua mãe apenas ficou apreensiva, pois estudava a noite e chegava muito tarde em casa, “ela ficava com medo de acontecer alguma coisa comigo”. As suas vestimentas causaram um estranhamento inicial na família, que faziam perguntas do tipo: “mas pra que você tem que se cobrir toda?”, porém, aos poucos, eles foram se acostumando com o novo estilo de Patrícia, “eu nunca fui de usar mini saia, shortinho

ou blusa muito decotada, nunca fui. Quanto me reverti eu tinha uns 23/24 anos, e naquela época eu usava calça jeans, blusa social, porque eu trabalhava em hotel e tinha que usar um terninho, esse era o meu estilo, então eu não tive tanta dificuldade com essa questão da roupa, foi mais a questão deles se acostumarem mesmo”.

Patrícia é casada com Mohammed e tem dois filhos, Daniyal e Maryam. Em um sábado a tarde de setembro, ela lembra sobre a sua história com o marido, que começou em um *site* de matrimônio islâmico onde os dois eram registrados, “nós nos conhecemos por lá e começamos a conversar, eu tinha que ter um *wali*¹⁵, pois os meus pais não eram muçulmanos, e o meu *wali* era o sheik da mesquita¹⁶. A gente ficou conversando por quase um ano, e nesse meio tempo eu também conversei com alguns amigos dele para saber como ele era”. A muçulmana comenta que depois desse período, ele veio ao Brasil para encontrá-la pessoalmente. Seu futuro marido conheceu a família dela, a visitava praticamente todos os dias na mesquita do Rio de Janeiro, local onde trabalhava na época, e saiam juntos com amigos. Depois de dois meses que ele estava no Brasil, Patrícia e Mohammed decidiram que era realmente aquilo que queriam, e resolveram fazer o casamento religioso islâmico na mesquita do Rio.

A muçulmana conta que sua cerimônia foi bem simples e que não fizeram festa. Mas, com um sorriso nostálgico no rosto,

¹⁵ Representante ou guardião de uma muçulmana que está em busca de casamento (Fonte: Portal O Islam. Disponível: <https://www.oislam.org/o-que-e-um-wali/>).

¹⁶ Segundo a *charia*, toda mulher deve ter um homem como guardião (pai, irmão ou algum outro conhecido), e ele é o responsável por firmar o contrato social de casamento com o noivo (HOURANI, 2006).

ela relembra dos dotes¹⁷ que pediu para seu marido: um Alcorão e uma carta que ele escreveu para ela, “teve até uns senhores da mesquita que disseram ‘não, você tem que exigir algo com uma quantia maior’, mas eu pedia o que queria, e foi isso”, diz com uma risada. Mohammed morava em Londres, na Inglaterra, e voltou para lá depois do casamento, entretanto, Patrícia só foi se mudar para o país dois anos depois, “nesse período a gente ficava sempre online, se falando, até o dia de eu vir pra cá, mas eu continuei minha vida normal no Brasil, trabalhando, estudando”. A mulher mora em Londres há 14 anos e afirma que sente saudades da família, contudo, ela os visita quando pode e seu irmão foi para a Inglaterra algumas vezes.

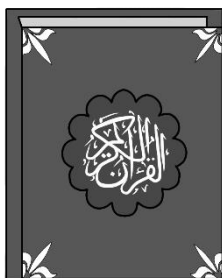
Quanto à comunidade muçulmana do Rio, Patrícia menciona que foi muito bem acolhida por todos e carrega boas lembranças do tempo que se reverteu. Ela cita que quando alguém decide se reverter ao Islam, depende do sujeito se empenhar para conhecer a religião, mas, os quem as recebem também são muito importantes para esse processo, “então eu digo que tive sorte de ter uma base de pessoas que me acolheram e que me ensinaram sobre o Islam, fui sortuda de ter encontrado gente muito boa, pois eu sei que existem mesquitas que não têm ninguém que realmente acolhe quem chega, os interessados vão lá, se tornam muçulmanos e se sentem largados porque não tem ninguém que passe todo o ABCD sobre a religião, sobre as orações e sobre as práticas”.

Da mesma forma com que foi muito acolhida pela comunidade muçulmana, Patrícia acolheu e ajudou Marla, uma amiga

¹⁷ O contrato de casamento prevê um dote dado pelo marido à mulher. Isso passa a ser propriedade da noiva, e não pode ser tirada dela mesmo em caso de divórcio (HOURANI, 2006).

que também é muçulmana e mora em Londres, “nós somos amigas próximas há uns seis anos e desde que eu cheguei aqui, em 2015, ela sempre me recebeu bem”, declara Marla. Ela, que também é do Rio de Janeiro e se tornou muçulmana há 14 anos, declara que quando chegou na mesquita Patrícia tinha se mudado para a Inglaterra. Entretanto, quando Marla ficou noiva do seu marido e estava com a mudança para Londres agendada, uma outra muçulmana havia comentado sobre sua futura amiga, “ela chegou em mim e perguntou ‘você vai para Londres? Tem uma pessoa do Rio que mora lá também, a Patrícia’”, lembra Marla com uma risada.

“Aos meus olhos ela é uma inspiração, uma inspiração para eu lutar, tentar mudar de vida, e se Deus quiser vou sempre carregar ela comigo. A Patrícia é uma guerreira, muito forte, muito esforçada, ela merece o mundo”, afirma a amiga com orgulho. Marla conta que o Islam tornou Patrícia mais paciente, pois a muçulmana já foi explosiva no passado, “mas hoje em dia não, quando alguma coisa atormenta, ela tem a paciência e sabe que precisa esperar. Ela reza, faz as orações com os filhos dela e sempre usa véu fora de casa, que é a maior forma que nós muçulmanas temos de expressar nossa religião e mostrar quem nós somos”.



3

Que Alá os perdoe

Conforme um balanço do Disque 100 realizado pelo *GloboNews*¹⁸, entre janeiro e junho de 2022, o serviço recebeu 545 denúncias de intolerância religiosa, o equivalente a três queixas por dia. Os estados que lideram o ranking de queixas são São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No mesmo período no ano anterior, os números eram 466 denúncias. Os dados acima revelam um aumento de 17% nos casos de intolerância religiosa no país. Para a psicóloga Flávia Pasqualin, as manifestações preconceituosas são recebidas de maneiras diferentes pelas vítimas: de um

¹⁸ Fonte: Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/brasil-registra-tres-queixas-de-intolerancia-religiosa-por-dia-em-2022-total-ja-chega-a-545-no-pais.ghtml>

lado, há os que conseguem abstrair a situação negativa e, por outro, têm os que precisam de ajuda para lidar com o trauma do preconceito. No que tange às mulheres muçulmanas, Pasqualin aponta que o uso do véu é um fator determinante para o reconhecimento da crença religiosa dela em um espaço público, o que a torna mais visada e um alvo mais fácil do que os homens.

Elayne faz parte dessa estatística. Entre suspiros, ela informa quais micro agressões são mais comuns em seu dia a dia no trabalho e em locais públicos, como: acharem que ela não é brasileira e ofendê-la por pensarem que não estaria entendendo, quando recebe olhares invasivos em um passeio no shopping ou quando é questionada sobre o porquê de estar no Brasil. Dentre as situações citadas, menciona dois casos de intolerância que ocasionaram um grande impacto emocional e um, inclusive, terminou com um boletim de ocorrência.

Por trabalhar na área da saúde durante a pandemia de Covid-19, a muçulmana contraiu a forma mais grave da doença, ficou internada e recebeu medicações. Quando precisou retornar ao trabalho, a ideia de contrair o vírus novamente a assustava. Durante este período, Elayne desenvolveu sintomas de crise de pânico por ficar em locais públicos. Por trabalhar externamente, com atendimento ao público, decidiu procurar por um psiquiatra para prescrever um laudo que afirmasse a sua síndrome e assim pudesse trabalhar internamente no posto de saúde até minimizar o seu medo e se readaptar à rotina. De acordo com a muçulmana, no momento em que entrou na sala do psiquiatra, ele a olhou com desconfiança e se afastou, colocando duas mesas de distância entre eles. Quando o homem a questionou sobre quais remédios ela gostaria de tomar, disse que apenas precisava de um laudo devido a sua fobia, no entanto o pedido foi instantaneamente negado, “ele afirmou que não passava aquele tipo de laudo. Mas, esse tipo de prescrição quem passa é o psiquiatra, ele

pediu para eu aguardar um momento na sala, saiu e retornou com um segurança do seu lado”.

Ainda segundo Elayne, o médico deixou o segurança ao seu lado e prosseguiu a conversa, argumentando que não poderia assinar o documento, pois isso não era permitido no SUS (Sistema Único de Saúde). A muçulmana logo se colocou à disposição para pagar uma consulta particular com o profissional, mas ele a refutou alegando que “não, eu prefiro que você procure outro psiquiatra”. Naquele momento, Elayne saiu chorando do local e afirmou que nunca havia experienciado algo parecido, ainda mais porque o profissional havia sido indicado por um conhecido e sempre havia tratado outros pacientes normalmente, “essa pessoa falou sobre mim para ele antes, mas, ele não sabia que eu era muçulmana”.

Antes de comentar sobre a situação em que precisou fazer um boletim de ocorrência, Elayne pensa por alguns segundos para iniciar o relato. Aparentemente, a mulher parece estar apreensiva ao contar sobre o acontecimento, porém acaba por decidir expor a situação para nós. Em um dia comum, estava andando na calçada quando foi abordada por um homem em um carro. A muçulmana afirma que não achou estranho, pois é comum ser parada na rua por curiosos, e, por isso, decidiu se aproximar e escutou: “posso fazer uma pergunta?” de um homem com máscara descartável. Diante da afirmação de Elayne, ele disse: “você é muçulmana?”, quando respondeu que sim, ele puxou a máscara e disse que o uso daquele item de proteção que carregava no rosto era culpa dos muçulmanos e que ela deveria voltar para o seu “país de origem”. Assustada com a situação, a teóloga respondeu que não era sua culpa, que ele estava usando a máscara por causa da pandemia. O homem, muito nervoso, de acordo com ela, fez uma referência do uso da máscara com o uso da *burca* e vestimentas islâmicas, “respondi que não, que era para a

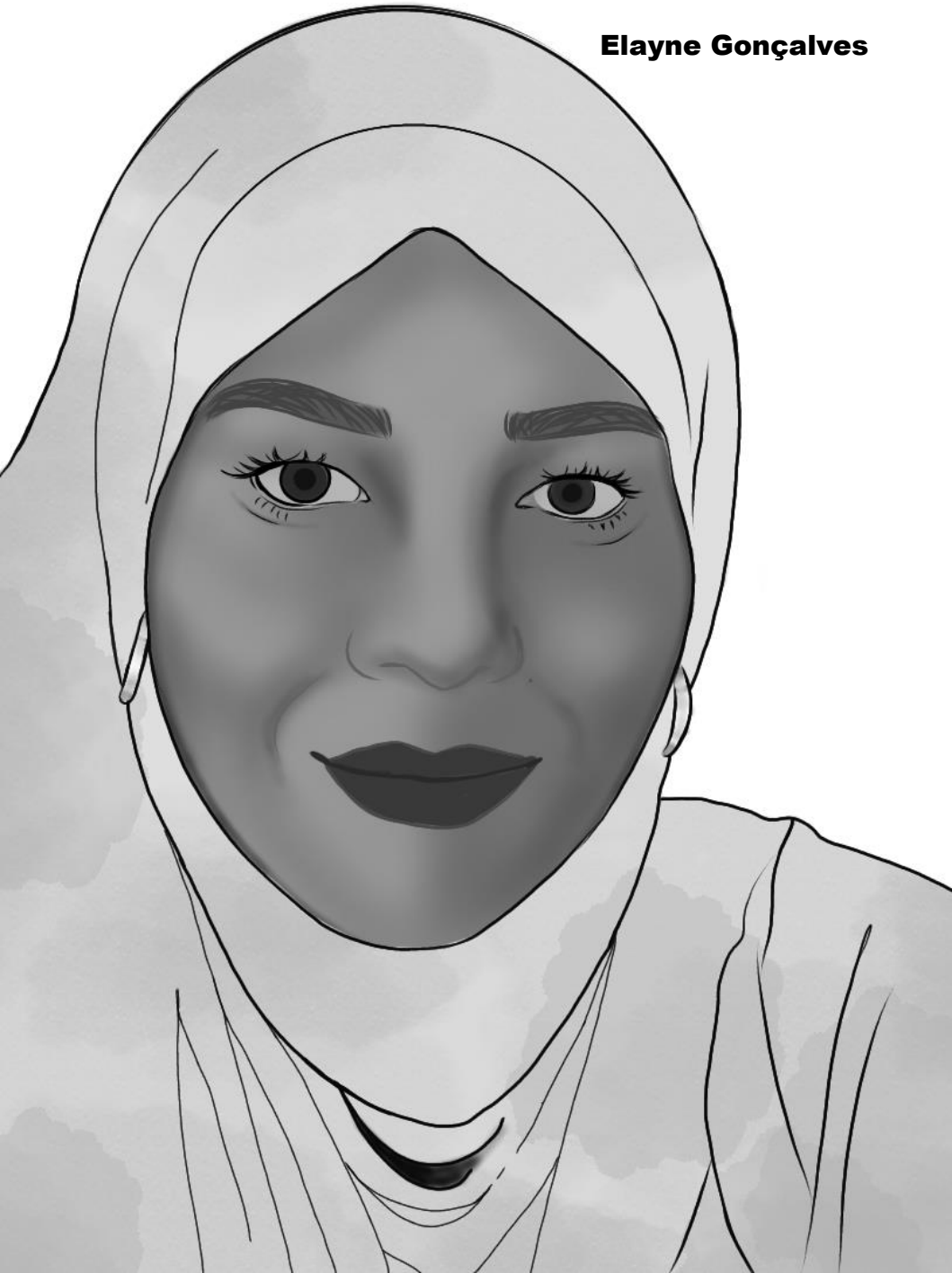
sua proteção. Ele falou ‘cale a boca, Cristo está voltando e vai acabar com vocês. Mas se Cristo não fizer isso ou demorar a voltar, quem vai te matar sou eu’, nesse momento parei de falar, voltei a andar e entrei em casa chorando, com medo”, diz emocionada.

Como tinham câmeras nas ruas, descobriram quem era o homem, e o processo está em andamento na delegacia por crime de violência contra mulher e intolerância religiosa. Ela cita que, com exceção dessas duas graves situações, a maior parte dos preconceitos envolve “piadas” no local de trabalho, como: ser chamada de mulher bomba e pedidos para que volte ao seu país. Apesar de se sentir ansiosa e com medo, sua reação de continuar vivendo e andando tranquilamente, seja a pé pelas ruas ou de transporte público.

Quando perguntamos se ela sentia medo de usar o *hijab* após tais agressões, ela informa que, além de ser uma obediência a Deus, é uma questão de empoderamento, e resistência, “como o cabelo black é resistência para alguém negro, para mim, como mulher muçulmana, o *hijab* é um sinal de resistência, traz a religião visivelmente”. Além disso, acredita que os preconceitos direcionados a muçulmanos se dão em razão da veiculação massiva da mídia que aborda situações descontextualizadas que reforçam estereótipos e intolerância.

Já Elizabete é grata a Deus por nunca ter passado por algum constrangimento físico, pois tem amigas muçulmanas que foram apedrejadas, cuspidas e que tiveram seus véus arrancados. Contudo, ela que ainda assim percebe as pessoas a encarando, “aqui em São Paulo é um pouco menos comum porque nós temos mais comunidades islâmicas, então os outros não olham com tanto preconceito, e se tem ele é bem velado, todavia em São Vicente eu sentia muita diferença, até porque naquela época eu

Elayne Gonçalves



só usava preto e lá é uma cidade de praia, as roupas eram bastante árabes e a galera me olhava com susto”. Além dos olhares tortos, ela menciona que recebe agressões verbais, como “a filha do Bin Laden” ou “a esposa de Saddam Hussein”, mas, segundo a consultora, não liga muito para esses comentários, “enquanto não estiver me tocando, para mim está bom.”

A muçulmana avalia que como hoje existem blogueiras muçulmanas, e até cita a nossa outra entrevistada Patrícia Ribeiro como exemplo, a exposição ajuda a mostrar a religião de uma forma positiva. Contudo, ainda existem aqueles que insistem em fazer comentários preconceituosos, que ela apenas tenta ignorar, “mas a vontade mesmo é de pegar a pessoa, sentar e falar ‘meu, põe a mão na tua consciência, a gente tá tentando mostrar como é nossa religião de verdade, se nós fossemos realmente uma religião de guerra, de homem e mulher bomba, você acha mesmo que esse povo tava de pé? não tava’”. Elizabete afirma que não existe mais espaço para preconceito pois a religião está muito clara - o que é o certo e o que é o errado -, e que quem ainda pratica a intolerância está desatualizado, “eles falam que nós somos os bárbaros, os retrógrados, porém eu acho que é esse tipo de gente que é desse jeito, porque não quer expandir a cabeça, então hoje eu apenas descarto esses comentários preconceituosos”.

Elizabete declara que também nunca teve grandes problemas com seus antigos empregos. Quando se reverteu em 2008, trabalhava como professora em uma escola de educação infantil desde o ano anterior, e o único contratempo que enfrentou foi a proibição de utilizar o véu durante as reuniões de pais, “quando eu falei para a diretora da escola ‘olha, eu sou muçulmana, eu posso usar o véu na presença dos pais?’ ela me respondeu ‘não, quando você começou a trabalhar com a gente você não era mu-

çulmana, você virou agora porque quis’’. Mesmo assim, Elizabete conseguiu arrumar uma maneira de cobrir seu cabelo, “como a gente tinha que usar o uniforme da escola, que era a calça, a camiseta e um casaco, eu vestia o capuz desse casaco, e ninguém podia reclamar’’, conclui com uma risada.

Na sala de aula, eles permitiram que a muçulmana utilizasse o véu, então seus alunos, que tinham 5 anos, sabiam da sua religião. Elizabete fala que as crianças provavelmente contavam aos pais sobre o seu *hijab*, porém, nunca recebeu algum comentário sobre o assunto, “algumas mães até mesmo me viram com o véu quando eu estava na porta da escola, mas elas nunca falaram algo para mim, e eu estava cuidando muito bem dos seus filhos, então elas ficavam tranquilas’’.

Ela saiu da escola quando se casou pela primeira vez e se mudou para Mato Grosso, e, durante esse período, ficou sem trabalhar. Quando se divorciou, voltou para a casa de seus pais e ficou um ano sem arrumar emprego, até conseguir em uma escola de inglês, “quando eu fui lá pela primeira vez eu até fiquei surpresa porque a dona da escola perguntou ‘posso falar uma coisa sobre a sua vestimenta?’, eu respondi que podia, já pensando comigo que ela ia me pedir para tirar o véu. Mas, ela apenas disse ‘tem problema se você usar lenços mais clarinhos já que você vai trabalhar com crianças?’, e eu respondi que não tinha problema algum’’. Elizabete recorda que tinha se vestido toda de preto naquele dia, pois era uma entrevista mais formal e queria se apresentar de forma adequada, todavia, o pedido da diretora a surpreendeu muito.

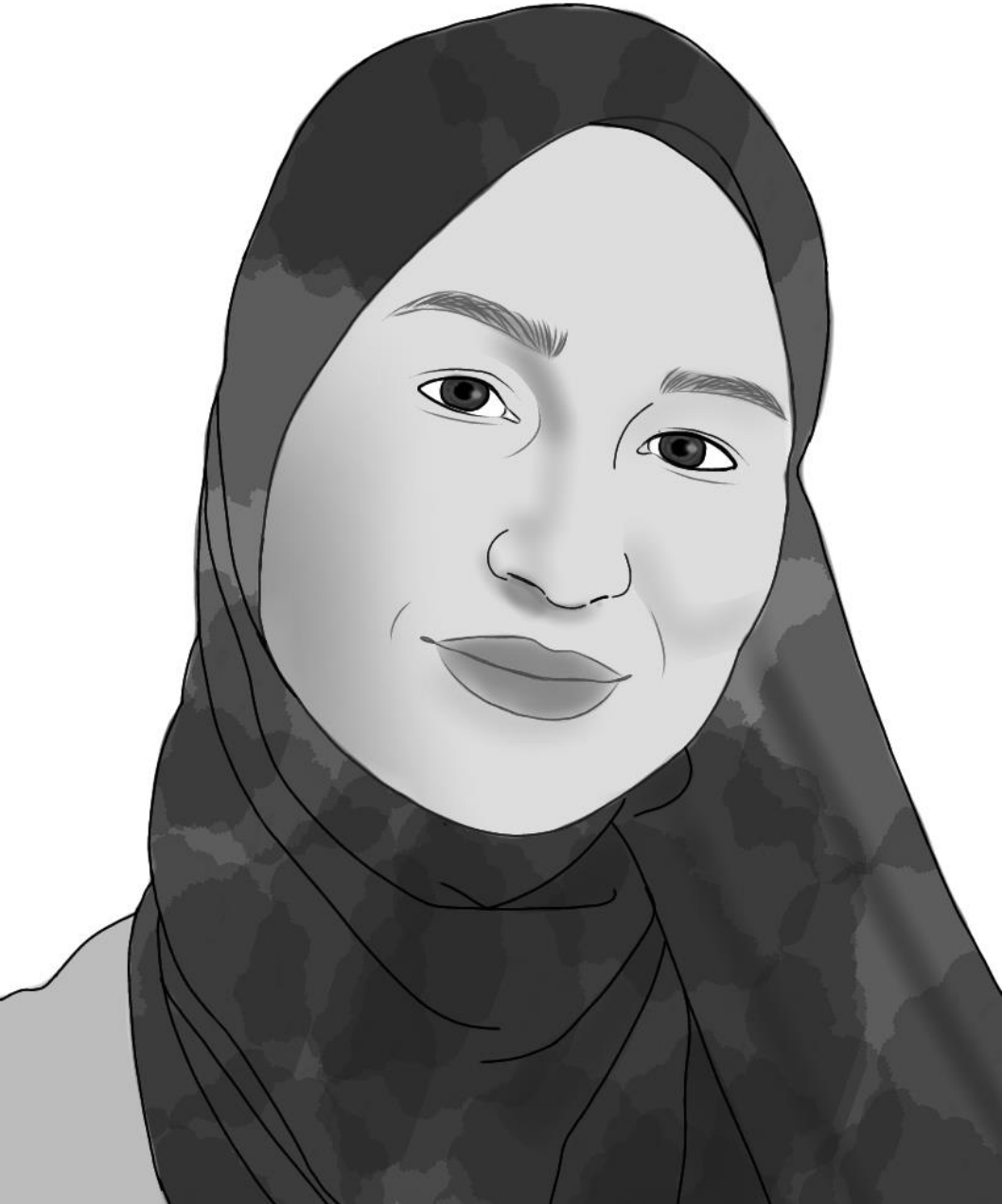
Nesse novo emprego, a muçulmana conseguiu adequar seus lenços ao uniforme sem dificuldades, o que a deixou bastante contente. Segundo Elizabete, a dona da escola gostava de trabalhar com diversidade, então convivía com colegas de diferentes religiões, etnias e orientação sexual que trabalhavam por

lá, o que a ajudou muito. Entretanto, por mais que esse cenário proporcionasse certa felicidade, também a deixava com alguma tristeza, já que tinha plena consciência de que muitas de suas irmãs de fé não conseguiam encontrar empregos por causa do véu, “é chato isso porque ou você precisa se impor e colocar a sua voz para mostrar para os outros que de fato você é competente para assumir aquele cargo, ou você precisa ter a sorte que eu tive, ter alguém que gosta de trabalhar a diversidade, mas não é tudo mundo que tem isso, então ainda fica dentro de mim um certo peso pelas minhas irmãs que não possuem o mesmo privilégio”.

Elizabete trabalhou nessa escola durante dois anos, até que se sentiu saturada e decidiu que era hora de fazer outra coisa. Quando saiu do emprego, foi para São Paulo e começou a estudar no instituto islâmico, lugar onde conheceu seu atual marido. Hoje, é consultora de imagem, sendo a primeira muçulmana do Brasil que trabalha nessa área, “eu me formei na pandemia, em 2020, e até hoje trabalho com consultoria de imagens para muçulmanas. Eu ensino a mulher muçulmana brasileira, especificamente, a se vestir de acordo com a sua identidade cultural, porque eu passei muitos perrengues ignorando a minha cultura, adotando algo que não era meu, então hoje eu consigo fazer um trabalho de educação cultural com as minhas irmãs”.

Assim como Elizabete, Amirah sofreu com ofensas verbais nas ruas, ela ouvia pedestres gritando “vai explodir”. No que tange ao ambiente profissional, houveram vezes onde a muçulmana teve vagas de emprego negadas com a justificativa de que ela poderia assustar os clientes, “fora isso, eu não cheguei a passar por uma situação de agressão física, eram mais xingamentos verbais mesmo, mas, quando você tem uma postura de ‘não estou nem aí para o que você fala’, dá para ignorar um pouco”.

Amirah Costa



Para Amirah, os muçulmanos sofrem com a intolerância religiosa porque certa parcela da população não tem conhecimento adequado sobre a religião. Ela considera que muitos sabem apenas o que receberam de outros - como estereótipos - e, por isso, evita respondê-los com ignorância. “Eu mesma tive muitas ideias que não faziam sentido sobre o Islam um dia, tipo pensar que o homem podia casar com umas mil mulheres, quando na verdade é quatro e nem é recomendado. Então muitas vezes o que eu sabia da religião, era o que os outros, que não eram muçulmanas, passavam para mim, e muitas eram informações erradas”.

Quando tivemos a primeira conversa com Amirah, no sábado dia 3 de setembro, ela ia começar um novo emprego como faxineira de um escritório na segunda-feira seguinte. Com um sorriso feliz no rosto, a mulher nos conta que a entrevista foi muito boa, contudo que ficou com medo antes de chegar lá, pois não tinha avisado a recrutadora que utilizava véu, então não sabia como seria a reação. Entretanto, a muçulmana foi tratada normalmente, “no Brasil, eu sempre senti que devia falar antes sobre o véu para não chocar, mas aqui (Londres) é tão comum ver muçulmano trabalhando que a entrevistadora me tratou como se eu nem estivesse de véu, e outro ponto interessante é que ela me perguntou se meu nome era Verônica, quando eu falei que era, ela perguntou ‘você quer que eu te chame de algum outro nome?’, e eu fiquei tão chocada que ela tinha consciência de que alguns muçulmanos revertidos trocam o nome, e no Brasil a situação provavelmente não seria assim, eles iriam olhar e perguntar ‘porque você usa esse pano na cabeça?’”.

Para além da questão do emprego, Amirah afirma que em Londres é mais comum ver muçulmanos em lojas, restaurantes, parques, etc., e que a população da cidade está mais habituada com imigrantes de países diferentes e de diversas religiões, por

isso, ela se sente como “se fosse só mais uma, às vezes eu até estranho de ir nos lugares e os outros não estarem me encarando, tipo, cadê? estava tão acostumada”, diz com uma risada. Contudo, no Brasil, o Islamismo ainda é uma novidade, portanto, não está familiarizado com os fiéis da religião, “ainda tem muitos comentários do tipo ‘o que é isso? O que é essa mulher com um pano na cabeça?’, enquanto em Londres você consegue ter uma vida normal, ir trabalhar e estudar sem ter pessoas te encarando o tempo todo ou ter que dar explicação sobre a sua religião”.

Quando conversamos novamente com Amirah no sábado, dia 24 de setembro, ela já estava há três semanas no novo emprego e nos contou sobre um episódio que aconteceu, sem muita certeza se o motivo do ocorrido era em razão da sua religião ou por seu cargo de faxineira. Segundo ela, “um dos seguranças do prédio evitou falar comigo quando me viu, eu falava com ele e ele respondia só para o seu amigo, então eu senti um certo preconceito, e é ou pelo tipo de trabalho que eu faço, faxina, ou pelo fato de eu ser muçulmana, senti isso pelo jeito que ele reagiu comigo”. Contudo, com exceção desse único incidente, ela sente que está se dando bem com os novos colegas.

Ao questionarmos Marcilia sobre como ela acredita ser percebida pelos outros, ela sorri e responde: “como estrangeira”. Para exemplificar a sua fala, diz que a mídia foca em coisas negativas sobre o Islam, e que, na verdade, não existe essa imagem de “dó” a respeito dos muçulmanos e que eles não vivem uma vida de preconceitos direcionados à comunidade islâmica, “a maioria das pessoas olham com respeito e admiração. Eu sou diarista e trabalho em três casas diferentes, não tem esses preconceitos”. Para completar, nos informa que em todas as casas nas quais trabalha, em apenas uma não usa o *hijab* porque trabalha no local há muitos anos e não vê necessidade, apenas o coloca quando precisa sair da casa para levar o lixo para fora.

Marcilia avalia que a maioria foca no lado negativo, “a vida tem o lado bom e o negativo. A minha irmã me falou que não era para ir ao casamento da filha dela se eu estivesse com o véu, todavia isso eu vejo de uma maneira diferente hoje em dia. O Islam é mostrado de uma maneira ruim pela mídia e não tem como a gente cobrar o conhecimento do outro”. Apesar de mencionar brevemente situações de preconceito, não especifica como foram. Ela acredita que a falta de acesso à informação pode acarretar em certos estranhamentos no início, mas isso pode mudar com a chegada do conhecimento.

Patrícia Samanta também relembra que nunca sofreu agressões físicas, entretanto, algumas situações a deixaram chateada. Ela nos relata de um dia que foi aos Correios pegar uma caixa de livros proveniente da FAMBRAS (Federação das Associações Muçulmanas do Brasil), “estava tudo escrito em arábico, e o atendente olhou pra minha cara e perguntou ‘o que tem aí dentro? é bomba?, e eu não levei a mal porque é um pessoal mais idoso, eu só comecei a rir e falei ‘olha, é melhor você não sacudir se não vai explodir”. Patrícia menciona que isso passou a acontecer toda vez que ia ao local e os atendentes sempre comentavam que tinha chegado uma bomba para ela, e que se esforçava para não ficar magoada e levar tudo na brincadeira.

A muçulmana narra que os olhos arregalados são reações comuns quando ela entra em comércios, os atendentes e clientes costumam “arregalar aquele olho como se eu fosse um ET, aí eu abro aquele sorriso e cumprimento a pessoa, e ela fica meio sem graça”. Ainda, nos revela sobre sua sensação de medo em certos lugares por seu véu e opta por não utilizá-lo, principalmente se estiver sozinha, “eu não sei qual vai ser a reação das pessoas, e se elas atirarem uma pedra em mim? Tem gente que é maluca, então é melhor prevenir do que remediar”.

Ela nos relata que sua família está planejando uma viagem para a praia no final do ano, e está ansiosa pensando em mil roupas que poderá utilizar, “eu não vou usar um *burkini*¹⁹ na praia, não dá, eu olho para aquilo e penso que é um absurdo, todo mundo acaba te encarando, te reparando, e vão fazer aquelas piadinhas que vai te deixar mal, então um dia que era pra ser tão feliz eu vou acabar ficando deprimida”. Para resolver esse problema, Patrícia procura por meios alternativos para esconder o cabelo, como fazer um turbante mais discreto, colocar um boné ou o *hijab* de uma forma que fica parte do cabelo de fora, para chamar menos atenção. A muçulmana também afirma que sente medo de ir com o véu no centro do Rio de Janeiro, pois ouviu histórias de outras muçulmanas que até levaram pedradas, foram cuspidas no rosto ou que tiveram seus véus arrancados no ônibus, “eu fico pensando, e se isso acontecer comigo? Eu não vou ter reação, vou ficar paralisada porque sou uma molenga”.

Conforme Flávia Pasqualin explica, as situações de preconceito podem gerar reações diferentes nas vítimas, enquanto algumas irão encarar a dificuldade e lidar bem com elas, outras vão se sentir impossibilitadas pelo medo, como é o caso de Patrícia. Ainda de acordo com a psicóloga, no caso de mulheres muçulmanas, pelo fato do véu ser um identificador da religião, algumas vezes ele acaba sendo evitado, por mulheres muçulmanas nos espaços que suscitam medo para esquivar-se de possíveis ataques.

Com o emprego, Patrícia nunca sofreu problemas com preconceito, posto que trabalha como autônoma, com artesanato. Ela nos explica que, um pouco antes de se reverter, começou a

¹⁹ Traje de banho islâmico que deixa apenas o rosto, os pés e as mãos à mostra (Fonte: BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36981927>).

trabalhar com *biscuit*²⁰, já que na época estava desempregada e desejava ter uma renda própria, “eu estava cansada de estar a toa dentro de casa, e eu pedia ‘ai Deus, me dá alguma coisa para eu fazer’, aí eu aprendi a fazer e comecei a vendê-los”. Depois da sua reversão, chegou a considerar que suas vendas começariam a cair, uma vez que as pessoas não iriam comprar algo feito por uma muçulmana, no entanto, foi surpreendida quando tudo continuou normal. “Quando eu coloquei o véu, pensei ‘pronto, agora vai piorar’, no entanto não piorou, começou a chegar muito pedido, ultimamente ando até estressada, eu penso ‘ah Deus, me dá outra coisa porque eu não aguento mais trabalhar’, cheguei a ficar acordada até as 4hrs da manhã, virar a noite”, ela nos conta. Patrícia pondera que seus clientes têm certa curiosidade sobre o Islam, e quando vai em feiras de artesanato para vender seus produtos, costuma receber pedidos de fotos e perguntas sobre como é a religião.

Revertida há 20 anos, Patrícia Ribeiro relembra que assim que passou a usar o *hijab*, sua mãe teve medo dos ataques preconceituosos que a filha poderia sofrer na rua, e ela tinha certa razão em temer. Em um rápido balanço dos preconceitos que viveu ao longo do período em que morou no Brasil sendo muçulmana, a carioca descreve que os estereótipos de oprimida e estrangeira são frequentes e permeiam os comentários dos curiosos nas ruas. Na visão de Patrícia, isso se dá devido à imagem que a mídia alimenta no imaginário popular, “as pessoas no Brasil não têm conhecimento sobre o Islam, elas sabem só o que a televisão passa, a guerra entre Israel e Palestina, o Clone”.

²⁰ Massa de modelar de porcelana não vidrada que é usada para fazer artesanatos (Fonte: Priberam Dicionário. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/biscuit>).

Ela nos fala que foi parada inúmeras vezes nas ruas por pedestres que acreditavam que o uso do véu era uma opressão e os pedestres sempre alegavam que o Brasil era um país livre, logo, ela não precisaria usar tal roupa. Pior do que os olhares apiedados, eram aqueles que traziam consigo nojo e raiva. Em um episódio descrito brevemente para nós, Patrícia relata ter sido cuspidada enquanto andava pelas ruas do Rio de Janeiro. A muçulmana afirma não entender como o brasileiro não percebe o próprio preconceito “eu acho engraçado que os brasileiros falam que no Brasil se respeita todo mundo pois tem várias culturas, porém a verdade é que ainda tem muito preconceito, e não é só o falado”. O questionamento levantado pela muçulmana pode ser entendido através de um conceito cunhado por Carson (2013). Segundo o autor, quando uma ideia é tão enraizada em uma cultura a ponto de se tornar inquestionável torna-se uma estrutura de plausibilidade, isso justifica o fato do brasileiro não refletir sobre os próprios preconceitos, uma vez que a ideia de democracia racial, religiosa e cultural é tão íntima a nossa imagem.

Além desse caso de agressão relatado, Patrícia enumera as situações constrangedoras vividas na capital fluminense. Entre elas, estão os olhares tortos e invasivos que recebia nos transportes públicos e as voltas a mais que os taxistas faziam durante a corrida pensando que ela era estrangeira, e, conseqüentemente, rica. No que tange a questão profissional, a muçulmana conta que no início da reversão trabalhava em um hotel, contudo, pediu demissão do local por ter que manipular bebidas alcoólicas, o que a causava desconforto por ser algo proibido na sua crença. Posteriormente, teve oportunidade de trabalhar em uma mesquita, e, ao contribuir administrando o ambiente religioso, ela não enfrentou problemas para conciliar o uso do véu com o emprego.

Morando em Londres há 14 anos, a muçulmana conclui que é mais fácil professar a fé islâmica fora do Brasil. As facilidades de se viver no exterior vão desde a comodidade de se encontrar roupas modestas, comida *halal*²¹ - nos mercados, restaurantes e escolas - maior variedade de mesquitas, direito de comemorar os feriados religiosos e até o fato de poder andar nas ruas sem ser constrangida pelos comentários e olhares maldosos. Por Londres ter uma população de 12,4%²² muçulmanos, em 2011, o uso do véu não acende nenhuma curiosidade. Nas palavras de Patrícia, é comum ser muçulmano na Inglaterra. Em contraponto ao Brasil, dados do IBGE de 2010 revelam que o país possui uma população de 0,02%²³ de seguidores do Islam. Apesar da esfera confortável encontrada na Europa, a muçulmana frequentemente vem ao país de origem visitar a família, e, quando isso acontece, “eu sinto uma dor no coração porque eu sei o quanto é difícil usar o véu no Brasil”.

Já Assyah, quando questionada se sofreu alguma agressão, ela diz que, “graças a deus” nunca sofreu agressões físicas, mas que chegou a escutar histórias de outras mulheres muçulmanas que passaram por esse tipo de situação. Entretanto, ela afirma que reconhecer os olhares preconceituosos, inclusive

²¹ Halal se refere a aquilo que é permitido. Alimentos halal são lícitos para o consumo (Fonte: FAMBRAS).

²² Fonte: El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/24/internacional/1498334460_727859.html#:~:text=Em%20n%C3%BAmeros&text=12%2C4%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20de%20Londres%20%C3%A9%20mu%C3%A7ulmana

²³ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/SQqLMm6gR4hJkvYynMX7g4M/?format=pdf&lang=pt>

aqueles que vem de familiares distantes, “existiram, sim, piadinhas sem graça, como ‘agora você virou mulher bomba, vai fabricar bomba?’, porém isso nunca me atingiu e como eles viram que eu não rebatia, pararam”. Em sua jornada para a reversão, Assyiah nos informa que acabou perdendo alguns amigos por intolerância religiosa e que essa foi uma das coisas que mais a chateou. Em justificativa ao distanciamento, a resposta que mais escutou foi “você foi para outro caminho, virou terrorista”.

Com afirmações engessadas por parte dos ex-colegas, ela faz um questionamento, “em nosso meio (amizade) tinham católicos que viraram evangélicos; católicos que foram para o candomblé, espiritismo, umbanda e tudo ok para eles (ex-amigos), então por que comigo foi diferente?”. Apesar de sofrer com o distanciamento de pessoas que ela acreditava que estariam sempre em sua vida, a muçulmana agradece dizendo que não eram de fato os seus amigos, e que os verdadeiros a aceitaram como ela realmente é, e estão com ela até hoje.

Para Assyiah, às vezes, os olhares que recebe em meio à multidão simbolizam interesse e curiosidade pelo novo, pelo diferente. Ela acredita no crescimento de muçulmanos no Brasil e isso também faz com que os outros não tenham receio de perguntar, ou de querer saber mais. Geralmente, as perguntas que diz receber são direcionadas para a parte histórica, como o questionamento de sua origem ou ancestralidade, “a primeira pergunta é: ‘você é de lá?’. Quando digo não, que eu sou daqui, sou brasileira, a resposta é ‘mas você é casada com árabe?’; eles ligam muito à religião à questão cultural”. Ela deixa claro que nem todo árabe é muçulmano e nem todo muçulmano é árabe, todavia acredita que a maioria não faz essa distinção e que se espantam quando ela informa que não tem vínculo direto com a cultura árabe, tirando a religião.

Assyiah Paltrinieri



Dentre todas as situações vividas, Assyiah menciona que o preconceito sofrido ao ingressar no mercado de trabalho foi o mais difícil. Na época em que se reverteu, estava sem um trabalho fixo e fazia *freelancer* para poder se sustentar. Foi chamada para algumas entrevistas de emprego neste período, mas, por utilizar o *hijab*, as respostas eram sempre de que não poderia preencher a vaga. Para ilustrar a sua afirmação, a muçulmana nos cita uma situação que vivenciou com uma conhecida, “eu recebi uma proposta de emprego de uma pessoa com quem eu já tinha trabalhado e me conhecia antes da reversão. Na entrevista, não preenchi a vaga pela minha religião, por usar o lenço. Ela me perguntou se eu usaria o véu para trabalhar, como se usar o *hijab* fosse diminuir a minha capacidade, o meu aprendizado não valesse de nada, é como se meus anos de experiência tivessem se perdido”. Com uma certa indignação, ela nos explica que quem a negou o emprego por causa do uso do véu, dois meses depois, viajou a Dubai e foi obrigada a utilizá-lo por ser uma regra no país.

Hoje, trabalhando como auxiliar dentista, ela tem a opção de usar ou não o *hijab*, “preciso tirar durante as cirurgias, por risco de infecção, entretanto depois eu coloco, sem problema algum”. Neste emprego em que está há mais de dez anos, ela informa que quando os pacientes a veem sem o véu, ao realizar procedimentos cirúrgicos, eles perguntam o porquê dela estar daquele jeito. Assyiah diz que é bom ter uma oportunidade de explicar o que é ser e quem são os muçulmanos.

Diferentemente das outras entrevistadas, Rosa foi a única que vivenciou a fase escolar junto com a nova religião, o que a fez passar por situações preconceituosas advindas tanto de alunos quanto de professores. Para iniciar o relato, a jovem enumerou as circunstâncias em uma ordem que vai desde as menos até as mais constrangedoras.

Por a conhecerem de séries anteriores, os seus colegas de sala reagiram bem à mudança de religião, apenas com uma curiosidade que era esperada; contudo, os demais estudantes da escola não foram acolhedores. No intervalo, a jovem começou a receber olhares curiosos, debochados e desrespeitosos por parte dos alunos mais novos. Eles achavam divertido cutucá-la porque sabiam que ela não gostava de ser tocada, além disso, costumavam puxar-lhe o véu. Em um dos episódios narrados, Rosa conta, que certo dia, jogaram refrigerante em cima de seu *hijab*, e isso a fez chorar. Ainda em lágrimas, a adolescente se dirigiu ao banheiro e trocou de lenço, posto que possuía um reserva dentro de sua bolsa, deixando os alunos responsáveis frustrados por não terem conseguido vê-la sem a vestimenta. Após o ocorrido, a muçulmana foi na secretaria reclamar, contudo ouviu da diretora "são crianças, você que é a diferente". A mãe dela também tentou conversar com a profissional, no entanto a mulher era irredutível e sempre afirmava que, se Rosário não quisesse que crianças fossem crianças, seria melhor tirar o véu.

Ainda sobre a reversão no ambiente escolar, Rosa revela que perdeu amigos, pois alegaram que andar junto com ela atraía olhares constrangedores. Outras amizades também se foram, porém por ordem das mães, que não queriam que suas filhas andassem com uma muçulmana, e essas perdas foram as que mais doeram, segundo a menina.

Fora dos muros da escola, o preconceito também a perseguiu. No escritório de advocacia onde trabalhava era comum os clientes pensarem que ela era estrangeira, e isso desencadeou reações xenófobas, como pedirem para serem atendidos por outra pessoa. Houve ainda aqueles que a chamavam de terrorista e migrante.

Todavia, a pior situação eleita por Rosa aconteceu em um comércio onde trabalhou. Na ocasião, um idoso entrou na loja a ofendendo e dizendo que ela precisava aceitar Jesus. Com paciência, a muçulmana tentou argumentar, todavia o homem se exaltava cada vez mais e ia se aproximando dela, suscitando o medo de uma agressão. O idoso só se acalmou e regressou os passos depois que outros funcionários homens se aproximaram para protegê-la. O ataque do homem, além de ser uma atitude islamofóbica, foi machista, já que “homens muçulmanos não passam por isso nem de longe porque é muito mais fácil partir para cima da muçulmana de um metro e meio do que você partir para cima de um Mohamed de um metro e noventa barbudo, o pessoal destila ódio em cima de quem é mais fraco”, afirma Rosa.



4

***An Nur* – a fé através das vestimentas**

De acordo com o cientista da religião, Lindolfo de Souza, a fé e a religião podem ser pensadas tanto em conjunto quanto separadamente. Por consequência, é possível ter fé fora do contexto religioso, “quando eu vou tomar um café eu tenho fé que quem preparou a bebida colocou as 2 colheres de açúcar que eu pedi”, explica. Esse acreditar desvinculado de uma crença religiosa recebe o nome de fé antropológica. Todavia, quando a fé é aplicada a uma religião, ela é colocada como uma virtude que pode proporcionar a esperança e a caridade ao coração daquele que a guarda. Foi justamente a fé no Islam que devolveu a Rosa a esperança que ela tanto precisava. O encontro com a nova

crença se deu em um momento em que a fragilidade, o medo e a solidão a assolavam, assim, o acreditar em um Deus único, conhecido por Alá, foi o seu suporte para lidar com as aflições diárias. Conforme expõe a muçulmana, nenhuma outra religião havia oferecido empatia, acolhimento e respostas da forma como o Islam e isso a fez amar cada vez mais a nova crença: “no momento que eu achei que não fosse conseguir aguentar, o Islam me deu motivos”, relata emocionada.

Segundo a jovem, a religião a ajudou a se tornar um alguém e uma filha melhor, além de ter lhe dado forças para enfrentar os obstáculos da vida. As regras presentes na religião a orientaram a como se vestir, agir e comer em um período em que tudo o que ela precisava era direção, “o Islam foi como um guia”, finaliza Rosa. Foi justamente através da rotina que ela se aproximou e se conectou com Deus, “a vida é tão corrida e você parar por 3 minutos, 5 minutos do seu dia em um tapete ou em um lugar mais quietinho para conversar com Deus e se sentir ouvida por Ele, é ‘uau’”.

O uso do *hijab* é uma das coisas que também a encantaram. De acordo com o Alcorão, o véu é uma ordem divina que é descrita na surata *An Nur* (24), versículo 31 do livro sagrado do Islam: “Dize às crentes que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem seus atrativos a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos [...]”. Apesar do estereótipo de opressão que muitos associam ao véu, os olhos castanhos de Rosario brilham ao falar que o *hijab* foi sinônimo de liberdade em sua vida, “foi como se olhar no espelho e perceber que eu finalmente pertencia a mim”. A jovem nos narra que vivia uma pressão estética para satisfazer os olhos alheios. Por ter tido sobrepeso em uma fase da infância, ela

Rosario Moreira



passou a fazer academia aos 12 anos na busca por agradar os outros. No entanto, a sua percepção em relação a si mesma mudou com uso do véu, “o *hijab* foi a primeira que eu fiz por mim e unicamente por mim”.

Quando Patrícia iniciou a sua procura por um novo credo, ela frequentou várias religiões diferentes com um único objetivo: sentir-se mais próxima de Deus, e foi o Islam que a fez vivenciar uma leveza na alma e uma maior conexão com o Criador de uma forma que nunca havia experienciado antes. Ao descrever o conforto que a fé lhe trouxe, os olhos de Patrícia se voltam ao alto. Como metáfora para a sua reversão, ela relata que se sentia em um quarto escuro e uma luz foi acesa. A crença muçulmana não gerou nenhuma mudança radical no dia a dia de Patrícia, mas proporcionou a solução para os questionamentos que a afligiam, tais como ‘de onde venho’ e ‘para onde vou’. Assim como Rosario, ela acredita que o Islamismo não deixa margem para dúvidas, por isso, explica que “o Islam te dá todas as respostas, do porque eu existo, porque eu to aqui”.

No que diz respeito às vestimentas, Patrícia nunca em sua vida foi de usar roupas curtas ou decotadas. Hoje, a forma como se veste serve para adorar a Deus e ela gostaria que os outros entendessem isso, “porque quando é uma freira, as pessoas admiram a dedicação dela a Deus e quando é uma muçulmana ela é vista como a oprimida?”.

A devoção a Deus como um todo marcou o final da nossa conversa. A muçulmana nos narrou como o temor ao Criador é uma das características que mais a encanta na religião escolhida, e isso a faz se sentir tão completa de uma forma que seus brilham ao relatar. A única adversidade que fez seu semblante se entristecer foi o fato da sua família não partilhar do mesmo sentimento. Ela cita o quanto gostaria que eles fossem muçulmanos também.

Assim como Patrícia, Amirah também percebe os olhares de desaprovação dirigidos a ela pela forma como se veste. Ela sabe que, onde quer que vá, os olhos alheios reconhecem a sua fé através das roupas e isso provoca certo receio, “então eu penso muito antes de ir nos lugares, se vou ser bem recebida ou se vou ser maltratada, não sei”, declara com pesar.

Ela menciona que começou a usar o véu o fez sem entender muito o seu significado, todavia, como outros muçulmanos disseram que aquilo era o certo a se fazer, ela colocou o lenço sem refletir. Depois de um tempo, questionamentos começaram a surgir na sua cabeça e ela questionou se deveria usar o véu porque outros diziam que era o correto, em paralelo, surgiu outro grupo que pregava que não existe *hijab* no *Alcorão* e isso dividiu os pensamentos Amirah, que passou a pesquisar para sanar as dúvidas, sem deixar de usar o véu. Quando obteve as respostas que gostaria chegou à conclusão que “eu penso que é uma forma de mostrar a minha identidade porque a maioria das muçulmanas usam o véu, então porque eu não colocaria? Também é o mínimo que posso fazer para agradar a Deus, e penso que, se não tiver que usar, estou com um ponto extra, porque estou vestindo do mesmo jeito”, encerra com uma risada.

Quanto mais pesquisava, mais acreditava que realmente precisava utilizar o *hijab*, “não acho que é uma coisa que a mulher deve ser obrigada, porque a religião fala muito que a sua intenção é o que vale, então se alguém não chegou naquela conclusão que eu cheguei de que tem que usar, não faz sentido ela colocar o véu, pois vai estar fazendo isso pra satisfazer outros, e não a Deus”, esclarece com convicção. Para ela, o lenço é uma maneira de se identificar, de mostrar ao mundo que é uma muçulmana, além de também ser uma forma de mostrar sua devoção ao Criador, “das coisas que posso fazer, isso é o mínimo, eu mudo a

minha roupa para a empresa que trabalho, para agradar a sociedade, porque não colocar uma roupa que me deixa mais perto de Deus?”.

Amirah também declara que o véu serve para mostrar apoio às outras irmãs da religião, já que quanto mais mulheres muçulmanas usarem, maior a chance de a sociedade mudar, de começarem a ver a vestimenta como uma coisa normal.

Além do *hijab*, a comida foi outra transformação em seu cotidiano. Desde que aderiu à nova religião, passou a sempre prestar atenção para ver se algo não possui porco ou álcool, “tem comidas tradicionais do Brasil que eu não como mais, mas não é uma coisa que me afeta não. Acho que a roupa me atinge mais por causa da maneira que os outros reagem”.

Em relação aos dogmas do Islam, Amirah cita que aceita quase tudo o que lê no Alcorão, e quando isso não acontece, apenas pensa que vai continuar praticando até aparecer alguma explicação que considere fazer mais sentido, até mesmo para aquele ensinamento com o qual não concorda. “Pra mim o que vale mais é sua intenção e que Deus vai ajudar a abrir minha mente para começar a praticar algo que realmente for necessário, é assim que eu tenho levado durante esses 10 anos”, finaliza com um leve sorriso.

Enquanto isso, para Elizabete, a vida após a reversão teve suas partes boas e ruins. A parte boa é que a religião a deixou mais leve e se sentiu em paz com Deus, principalmente porque as doenças que estava enfrentando na época, anorexia e bulimia, melhoraram depois de se reverter. Segundo ela, a parte ruim foi que, depois do seu quarto ano como muçulmana, ela começou a ficar bitolada nos dogmas da religião, e, por isso, embarcou em uma filosofia muito fundamentalista, “comecei a seguir aquele Islam mais ‘cego’, de só poder usar preto, não sorrir, não usar

perfume, não poder estudar com esse *sheik*, não poder ouvir o *Alcorão* desse recitador, uma coisa muito rígida”.

Para a mulher, o grande problema foi que começou a transmitir esses mesmos pensamentos e atitudes para suas irmãs de religião. Quando uma recém revertida ao Islam chegava até ela, Elizabete conta que começava a ditar regras muito rígidas, dificultando a vida das novas muçulmanas e complicando sua própria vida, “nesse período, quando a minha família já estava me aceitando, eles me perguntaram ‘o que está acontecendo com você? Não é apenas o seu exterior, agora o seu interior não é mais você também’, a minha cunhada até falou que não estava me reconhecendo, que eu tinha virado outra pessoa”, narra com um tom de tristeza na voz. Segundo ela, seus professores lhe explicaram que não precisava se vestir de árabe ou encarnar uma cultura autoritária para ser muçulmana, pois ela, como brasileira, deveria pegar o conhecimento que tinha adquirido e saber discernir o que era certo e o que era errado.

“Eu sou muçulmana há 14 anos, então de 8 anos pra cá eu digo que comecei a deixar meu Islam ‘filtrado’, saindo do lado negro da força, como no *Star Wars*, e voltando para a luz”, afirma Elizabete com orgulho. De acordo com ela, boa parte do que aprendeu nessa época consegue até colocar em prática no seu trabalho de consultoria de imagem, no qual ajuda e ensina as suas irmãs brasileiras que não precisam usar uma vestimenta árabe para ser muçulmana, apenas devem encontrar roupas que tenham uma manga comprida e que cubra o decote, “ela vai ser uma muçulmana de todo jeito”.

Assim como Amirah, o véu significa identidade religiosa para Elizabete, para mostrar que o Islam é sua religião. Ela narra que não se sente nem um pouco oprimida pela vestimenta, e que na verdade até gosta da liberdade de mostrar seu cabelo para quem quiser. “Muitas meninas falam ‘o véu é a coroa’, e eu não

gosto de romantizar o *hijab*, porque se ele é uma coroa, é muito pesada, pois o brasileiro não o enxerga como sinônimo de escolha, tanto que os *haters* falam muito ‘se o véu é sua escolha, porque você não escolhe tirar?’. Eu tiro e coloco o lenço quando eu quiser, não é alguém que vai dizer o que devo fazer”. A mulher afirma com um sorriso que aprecia os olhares curiosos nas ruas e gosta que os outros a vejam como muçulmana. Segundo ela, alguns até mesmo perguntam se ela teria câncer ou se seria judia, e quando responde sobre a sua religião, isso desperta o interesse, “é uma identidade religiosa que causa curiosidade nos outros, e eu gosto quando eles vêm perguntar sobre o Islam, é uma oportunidade que tenho. Então se estou sem véu, eu sou apenas mais uma na multidão, sendo que quero instigar os outros”.

Quando a questionamos sobre sua relação com os dogmas islâmicos, Elizabete menciona que aprendeu a diferenciar a cultura da religião islâmica visto que no começo adotava hábitos culturais árabes, como vestir a roupa toda preta. Entretanto, ao mesmo tempo, tentava manter a sua essência brasileira, seguindo os conselhos do *sheik* Rodrigo Rodrigues, que ensina que não se deve anular sua cultura de nascimento para ser muçulmano. “Então o que pego de costume é o que prega a religião, a crença e as práticas, que são rezar 5 vezes por dia, jejuar no *Ramadan*, fazer a peregrinação e a caridade. O Islam veio do coração do povo árabe, então claro que a gente acaba vivendo um pouco do que esse povo vive, porém eu, Elizabete, busco pegar o conhecimento religioso e trazer para dentro da minha cultura brasileira, tanto que não consigo mais usar o véu e o vestido preto, porque o meu estilo de vida não permite”, afirma. Ela também esclarece que algumas coisas são adaptáveis, e dá como exemplo a feijoada, comida típica do Brasil, que se apenas não tiver carne de porco no meio, pode comer sem problema nenhum.

Quando perguntamos sobre o significado do *hijab*, Assyiah o definiu como “liberdade”. No início de sua reversão, ela não utilizava a vestimenta em espaços públicos, apenas na mesquita. A muçulmana nos explica que considerava o véu como algo destinado por Deus e, naquele momento, sentia que não estava pronta para adotar os ensinamentos por completo: queria utilizar tamanho acessório quando de fato fosse possível ser algo permanente, algo que não quisesse ou pudesse mais retirar. Quando finalmente isso aconteceu, foi grande a transformação, “quando estou sem o meu véu, me sinto pelada. Sinto que não estou completa”. Ela explica que o *hijab* é uma identificação entre muçulmanas e acredita que seja a essência desse grupo de mulheres.

Ao falar sobre os seus gostos, *hobbies* e as aspirações, ela brinca que nada mudou, pois continua gostando de ler e realizar atividades culturais. Ela nos informa que a única alteração durante esse processo foi a frequência com que visitava a mesquita, entretanto o Islam não impactou de fato os seus gostos e jeito de viver. Apesar de pontuar que se sente a mesma de sempre, Assyiah, nome que lhe foi destinado após o processo de reversão, simboliza o recomeço de uma nova vida e de um novo momento. Quando a entrevistamos na casa de Marcília, enquanto ambas se preparavam para uma ação social, ela demonstrava estar alegre constantemente. Em muitos momentos, abraçava as colegas que estavam presentes no local, sorria bastante e fazia piadas para divertir todos que estavam ali.

No final da entrevista, pedimos para que ela resumisse o Islam para aqueles que não conhecem a religião, e ela afirmou que é algo muito grandioso, e apenas uma única conversa não seria capaz de explicar tantos detalhes.

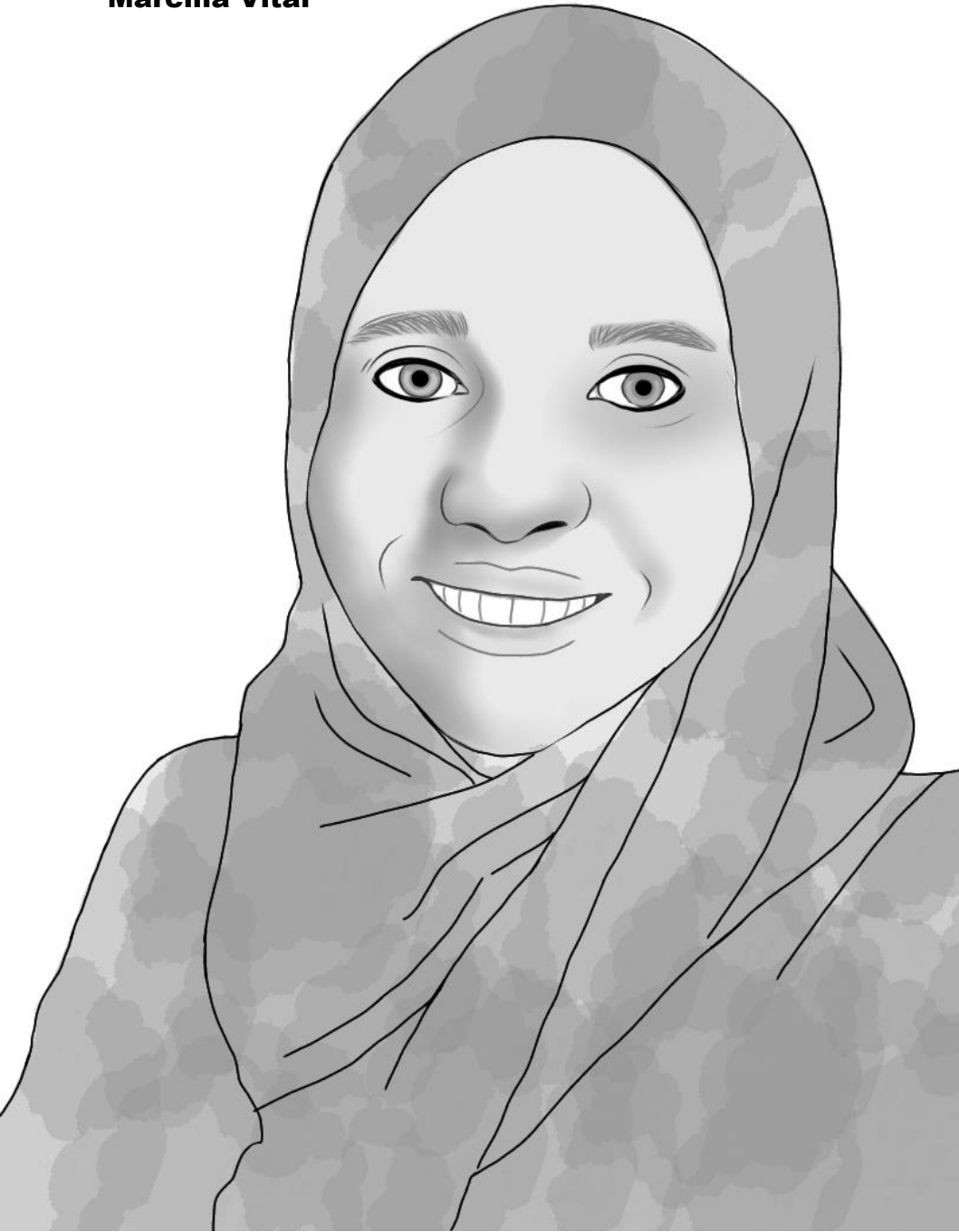
Para Marcília, há um período da vida em que algumas pessoas sentem a necessidade de se transformarem radicalmente. A religião foi o seu recomeço para abandonar hábitos e atividades que não faziam mais sentido para ela, “antes eu bebia, saía para baladas, e eu queria ter uma vida diferente”. O Islam, de acordo com as suas palavras, a reeducou e é tudo o que precisa. Ela afirma que seguir a religião não é difícil, pois nela encontrou a felicidade.

A mulher, que veio de uma pequena cidade, define o *hijab* como “proteção”. Ela explica que, por vir do interior, gostava muito de caminhar, de andar pela cidade e que se sentia segura naquele local. Quando chegou a Campinas, percebeu que o assédio que as mulheres sofrem no dia a dia é muito maior e ocorre constantemente, sendo algo muito diferente do que vivenciava, “o véu chama mais a atenção, no entanto também te oferece mais segurança. Os outros olham para o seu *hijab*, para os seus olhos e não para o seu corpo”.

Ao conversarmos com Marcília, ela se manteve o tempo todo realizando as suas atividades e parando, vez ou outra, para estruturar uma resposta nos olhando nos olhos. Quando ela responde sobre a humildade dos que estão dentro da religião, sendo um desses momentos que parou para nos conceder uma resposta; ela informa que o respeito dos homens em relação às mulheres – quando não olham para o corpo delas e, sim, para o seu rosto – e o acolhimento que recebe diariamente são pontos que fizeram com que se apaixonasse pelo Islam, “no dia que fui até a mesquita, eu senti como se estivesse voltando para a minha casa”.

Já Elayne, quando quis realizar a reversão, pensou nos cinco pilares do Islamismo, como: ir à Meca, *Zakat al-Fitr* (doação após o fim do jejum), cinco orações por dia, uso do *hijab* e o *Ramadan*. Dentre todos, ela viu o que poderia fazer dentro de suas

Marcilia Vital



possibilidades para colocar em prática esses fundamentos em seu dia a dia: o *hijab*, estava entre elas, “o véu, para mim, é o testemunho da minha fé. Por ser uma obediência a Deus, era algo que eu gostaria de fazer, é um empoderamento enorme”. O lenço, segundo Elayne, possibilita que ela seja livre. Ao falar sobre o véu, demonstra orgulho e felicidade por utilizá-lo, pois, segundo ela, o *hijab* também simboliza resistência ao exercer a sua religião.

Com um tom mais sério, Elayne se prepara para falar sobre as transformações que a reversão exigiu. A muçulmana conta que muitas coisas se modificaram em sua vida, e dá o exemplo de quando sai na rua hoje, pois passou a possuir todo um cuidado em como se comporta, “é visível como te olham, você deixa de ser o indivíduo Elayne e passa a ser o indivíduo muçulmano”, desata.

As maiores mudança, para Patrícia Samanta, após a reversão foram seus hábitos alimentares e a vestimenta, “antigamente eu usava mais shortinhos, hoje em dia não, raramente eu coloco shorts ou deixo o braço pra fora, é muito difícil, mas até que pra mim foi bom porque eu tenho pavor de sol, então facilitou”, fala com bom humor. Um pouco envergonhada e sem entrar muito em detalhes, a muçulmana menciona que a parte sexual também passou por algumas alterações, pois têm coisas que a religião não aconselha fazer.

Patrícia afirma que sua relação com os costumes é tranquila, entretanto, admite que ainda tem dificuldade de seguir algumas recomendações, e dá como exemplo os horários das orações, “você tem que orar cinco vezes por dia, então às vezes acontece de 4 horas da manhã, quando tem a oração do nascer do sol, eu acabar cochilando, não tem jeito, perco a hora, e isso eu preciso melhorar”. Como nos disse anteriormente, ela não utiliza o

véu em alguns lugares nos quais não se sente à vontade, e conclui, com um tom de pesar na voz, que entende sua falha nessa parte e deseja melhorar. Por outro lado, a comida e a caridade são coisas que a mulher não tem dificuldade em adotar, mesmo que o alimento *Halal* seja praticamente impossível de encontrar onde mora, “a maioria das coisas aqui é porco, na minha casa mesmo então, o pessoal é regado a porco, eu mesma comia muito quando era criança, entretanto com a reversão a gente vai mudando. Tem gente que bota bastante dificuldade em seguir a religião, só que não é difícil, apenas precisa ter um pouquinho de força de vontade”.

Para Patrícia, o Islam é mais que uma religião, é um modo de vida, “tudo o que a gente faz tem o Islamismo junto, você vai comer e fala o nome de Deus, você vai no banheiro e tem aquela coisa de entrar com um pé e sair com o outro, comer só com uma mão, e também acontecer de você estar trabalhando e do nada tem a oração, corre pra fazer”. Segundo a muçulmana, a religião a ajudou ser mais solidária com a dor do próximo, e nos relata a sua história com um senhor que sempre via quando passava pela rua na época que ainda era evangélica, “ele ficava lá na calçada, não tem um braço, e falava assim ‘me dá um dinheiro para comprar arroz e feijão para os meus filhos’, aí eu olhava para aquele homem e pensava ‘esse cara tá sentado aí mas tá aposentado, o dinheiro que ele tá ganhando dá para ele fazer alguma coisa’, então eu sempre negava e me perguntava: porque eu deveria ajudar?”.

Com o Islamismo, Patrícia adquiriu um novo olhar para o mundo, com mais compaixão, como ela se percebe. Para exemplificar tal transformação, ela cita, com um brilho de satisfação nos olhos, sobre como passou a ver os outros em situação de rua e automaticamente pensar no que estariam precisando, compor-

tamento diferente do anterior, em que talvez fosse apenas ignorar ou passar reto. Hoje, comenta, tem como atitude cotidiana, passar no mercado e ter produtos para doar. “Às vezes o meu marido até reclama, fala assim ‘pelo amor de Deus, olha o que você tá fazendo, você não pode ver alguém pedindo que vai lá e dá alguma coisa, você nem sabe se a pessoa está realmente precisando’, e eu olho pra cara dele e falo que se estou dando é porque outros estão precisando mais do que eu”, relata.

O Islam a fez ser menos arrogante, ela declara, a ajudar mais os outros e a ser mais simpática também, dado que passou a maior parte da sua vida andando na rua com a cara fechada, emburrada, “a religião diz que você dar um sorriso para alguém já é uma caridade, então eu me obrigo a sorrir, por mais que meu dia esteja péssimo, eu trato todo mundo bem, ou se uma pessoa vem me fazer fofoca, eu finjo que nem é comigo”. Patrícia nos conta com uma risada que hoje em dia é mais paciente também, mesmo que tenha que respirar mil vezes para não se estressar.

Epílogo

Segundo Hourani (2006, p. 167), o Alcorão afirma de forma clara a igualdade fundamental de homens e mulheres: “o justo, homem ou mulher, sendo um dos crentes, entrará no Jardim”. Além disso, também ordena a justiça e a bondade como premissas necessárias nas relações entre muçulmanos. O Islã nunca foi uma prisão para as mulheres deste livro, ao contrário, em suas histórias, elas avaliam que a religião sempre as deixou livres para fazerem suas próprias escolhas. Essa liberdade pode ser percebida por nós, vide que cada uma possui uma história. Algumas escolheram ser mães, outras se divorciaram, uma ainda nem se casou, enfim, elas são muito mais do que os estereótipos que as pessoas geralmente têm sobre as muçulmanas. Estas mulheres não se consideram oprimidas pelo Islã e durante os relatos todas mencionaram que passaram a se sentir mais livres depois que começaram a seguir a religião, além desse sentimento de liberdade, outra ideia partilhada pelas entrevistadas é o fato de que o Islã era um chamado de vida, e sendo assim, elas concluem que nasceram para pertencer ao Islã.

Ainda que a imagem de acolhedor e democrático sejam estereótipos frequentemente vinculados ao Brasil, ele não é necessariamente assim. Na prática, quem não está disposto a abrir mão de suas singularidades para adotar o padrão vigente estará submetido à intolerância (CARVALHO, 2017). Após a reversão, as muçulmanas estão sujeitas ao preconceito da sociedade, contudo o olhar torto que mais dói pode vir daqueles que elas mais amam, segundo o Primeiro Relatório de Islamofobia no Brasil, de 284 respostas, 41% das mulheres muçulmanas alegam que a relação com familiares mudou. Nesta mesma pesquisa, é possível

observar que, de 330 respostas, 32,7% das muçulmanas alega ter perdido o emprego ou uma oportunidade empregatícia ao expor sua religião. A escolha de uma nova religião pode acarretar em situações desagradáveis, mas, conforme elas nos relataram, a fé se torna a fonte de onde saem forças para continuarem caminhando rumo a Alá.

Com este livro, buscamos apresentar as vivências de Patrícia Ribeiro, Amirah, Elayne, Patrícia Samanta, Elizabete, Assyiah, Marcilia e Rosa. O nosso objetivo com este trabalho era retratar a realidade de seguidoras do Islam de uma forma desprovida de estereótipos e preconceitos, para que assim pudéssemos apresentar ao leitor como é a vida dessas mulheres muçulmanas e como elas exercem a sua individualidade e sua fé. O nosso foco é amplificar a voz dessas mulheres para que tenham mais espaço para conduzir o rumo das suas próprias narrativas.

Para materializar nossa proposta, realizamos duas conversas com as personagens em períodos diferentes, entre os meses de agosto e setembro de 2022. A primeira entrevista serviu para termos um contato inicial com cada uma delas e um momento para conhecer suas personalidades. Posteriormente, aprofundamos alguns temas que tinham sido tratados na conversa anterior, abordamos sobre assuntos mais pessoais e ouvimos familiares de cada revertida para que o nosso prisma de narrativas se abrisse e soubéssemos mais sobre elas através dos olhos de entes mais próximos também.

Ao longo do projeto tivemos a oportunidade não só de ouvi-las, mas também conhecê-las, especialmente Assyiah e Marcília que abriram a porta de suas casas para nos receberem. Foram horas de conversas e risadas regadas a comida feita por Marcilia, que é descrita pelas amigas Eliane e Assyiah como uma cozinheira de “mãos cheias”, e pudemos atestar que isso é verdade. Nos olhos das três mulheres era perceptível a satisfação e

a felicidade que encontravam na nova crença, e isso ficou claro todas as vezes que elas agradeceram a Deus pelo fato de terem se tornado muçulmanas. Em dois momentos de visita a casa de Marcília, pudemos presenciar o som do *Adhan* e elas orando. Assim que retornavam do contato com Deus, pareciam cada vez mais alegres.

Todas as revertidas foram muito abertas para contarem suas histórias, de antes e depois do Islam. Elas demonstraram contentamento por estarem participando do livro e contribuindo com a nossa iniciativa de mostrar qual a realidade que vivem e quebrar com os estereótipos de sofrimento.

Como no Prólogo, segundo a antropóloga Francirosy Campos Barbosa, ser Muçulmano significa entrega a Deus, aquele que é submisso ao Criador. A proposta dos Islamismo é que, quando nascemos, somos puros, não temos pecados, logo, vivemos em submissão a Deus, mas, quando crescemos, por vezes nos afastamos dessa natureza. Ao retornarmos ao estado de submissão, é necessário fazer a *shahada*, e assim, voltar ao ser muçulmano, como no início da vida, ou seja, é um processo de reversão. Pelas histórias, a religião foi um divisor de águas na vida das personagens deste livro, e por isso consideram que foi a luz para que se encontrassem quando estavam perdidas em seus caminhos. Retomando as palavras de Patrícia Ribeiro, é como se, em um mundo de escuridão e preconceito, sentissem a luz com a religião.

Agradecimentos

A gratidão é um sentimento comum e partilhado entre todos que ajudaram a dar vida a este livro. Sem o apoio, primeiramente de Deus e dos nossos pais, o sonho de cursar uma faculdade não seria possível. Dedicamos gratidão também a nossa amizade e companheirismo que nos ajudou e nos fortaleceu durante os 4 anos de universidade. Estendemos este agradecimento à querida professora Maria Lúcia, que nos orientou com paciência e foi empática com as nossas adversidades.

O nosso muito obrigada mais do que especial vai para as nove mulheres que nos emprestaram o seu tempo e as suas histórias para que este livro pudesse se tornar real. São elas: Amirah Costa, Assyiah Paltrinieri, Elayne Goncalves, Elizabete Reis, Fabíola Oliveira, Marcília Vital, Patrícia Ribeiro, Patrícia Samanta e Rosario Moreira. A Marcília, que abriu as portas de sua casa para duas estudantes desconhecidas, muito obrigada pelo carinho e acolhimento!

Aos profissionais Lindolfo Souza, Heloisa Souza, Flávia Pasqualin e Francirosy Campos, os seus conhecimentos foram os pilares deste trabalho, somos gratas por compartilhar tanto saber conosco. Somos gratas à equipe da gráfica Paineiras que, gentilmente, nos presenteou com a impressão do livro. Também ao Luís Sérgio, que nos ajudou a materializar esse sonho, muito obrigada!

Esperamos que tenham gostado deste projeto tanto quanto nós!

Com amor,
Camila, Carol e Paloma.

Referências Bibliográficas

AMATUZZI, M.M. Fé e Ideologia na Compreensão Psicológica da Pessoa. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, Campinas**, v. 16, n. 2, p. 569, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/yBH9cRM4NVdKZVMSp36FhmH/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 15 nov. de 2022.

CARSON, D. A. **A intolerância da Tolerância**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

CARVALHO, L. S. N. R. **Discurso do ódio e islamofobia: quando a liberdade de expressão gera opressão**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24031/1/CARVALHO%2c%20Luciana%20Soares%20Neres%20Rosa%20de.%20Discurso%20do%20c3%93dio%20e%20Islamofobia.pdf>> Acesso em: 21 nov. de 2022.

COSTA, J. P. **O islã, os muçulmanos e seus conceitos: Vocabulário de conceitos para o estudo do Islã e dos muçulmanos**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2016.

COUTINHO, J.P. Religião e outros conceitos. **Revista Psicologia: Reflexão da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, v. XXIV, p. 171, 2012. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf>> Acesso em: 15 nov. de 2022.

FURTADO, M. R. **Uma Discussão Acerca do Conceito de Crença**. Tese (Mestrado) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3849/1/ulfl096134_tm.pdf> 15 nov. de 2022.

HOURANI, A. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

LADEIRA, F. F.; LEÃO, V. P. Geopolítica e meios de comunicação: a influência dos estereótipos difundidos pela mídia sobre a civilização muçulmana no processo de ensino: aprendizagem em geografia no ensino básico. In: **XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS: SEPECH HUMANIDADES, ESTADO E DESAFIOS DIDÁTICO-CIENTÍFICOS**. Anais. Londrina, 2016. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt2_131.pdf> Acesso em: 19 out. de 2022.

MARQUES, V. L. M. Islã: práticas religiosas e culturais. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 733-749, abr./jun 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/download/P.2175-5841.2015v13n38p733/8049/>> Acesso em: 28 nov. 2022.

MUBARACK, C. **Introdução ao Islamismo**. Junta de Missões Mundiais, Sevilla, 2014. Disponível em: <<https://www.missoesmundiais.com.br/attachments/article/15/Introducao-ao-Islamismo.pdf>> Acesso em: 28 nov. de 2022.

SAID, E. W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo, Companhia das letras, 2007.

SILVA, L. L. P. G. Conhecendo a história da Congregação Cristã no Brasil. **VII Simpósio do Mestrado em Ciências das Religiões**, Vitória, v. 4, n. 2, p. 69, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/POSITIVO/Downloads/wallace0219,+Caderno+de+Resumos+-+VII+Simp%C3%B3sio+70.pdf> Acesso em: 06 out. de 2022.

SURATA. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/surata/>> Acesso em: 10 nov. de 2022.

VILARDO, B. O. L. O livro-reportagem no contexto do jornalismo e o correspondente internacional como jornalista-autor. **Revista Miguel**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 55-71, jan.-jun. 2020. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/48591/48591.PDF>> Acesso em: 15 nov. de 2022.

Camila de Paula, Caroline Mendes e Paloma Ruiz são alunas do 8º semestre do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). O livro “Revertidas – Histórias de um retorno para Alá” é o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do grupo.

Tipografias — Bell MT. 30/12 — Palatino LT. 10,5/9,5
Arial Black. 14/18

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

**Camila Fernanda de Paula
Caroline Mendes Moreira
Paloma Pereira Ruiz**

RELATÓRIO TÉCNICO

Revertidas - Histórias de um retorno para Alá

**Campinas
2022**

**Camila Fernanda de Paula
Caroline Mendes Moreira
Paloma Pereira Ruiz**

RELATÓRIO TÉCNICO

Revertidas - Histórias de um retorno para Alá

Relatório técnico da produção jornalística apresentado à disciplina ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO DE PROJETO EXPERIMENTAL da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Jacobini

Sumário

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1 - PRÉ-PRODUÇÃO	6
1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico.....	6
1.2 Modalidade	8
1.3 Justificativa	9
1.4 Processo de apuração	10
1.4.1 Escolha do tema	11
1.4.2 Escolha do gênero e formato.....	11
1.4.3 Imersão em artigos e livros sobre Islamismo.....	12
1.4.4 Entrevistas exploratórias.....	13
1.5 Seleção de Fontes	15
1.5.1 Fontes confirmadas	15
1.5.2 Fontes sem retorno.....	19
CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	20
2.1. Desenvolvimento da produção.....	20
2.1.1. Planejamento da produção	20
2.1.2. Entrevistas	21
2.1.3. Identidade visual	23
2.2 Processo de edição.....	26
2.3 Projeto/proposta de divulgação.....	29
2.4 Custos e gastos	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

O tema central deste Projeto Experimental é a reversão de mulheres brasileiras ao Islamismo, religião monoteísta presente majoritariamente na região Ásia-Pacífico, sendo que o país com mais praticantes da religião é a Indonésia (RUIC, 2017, online). Segundo Francirosy Campos Barbosa, antropóloga e especialista em Islam, o termo muçulmano - nome dado aos praticantes desta religião - significa estado de entrega a Deus. Dessa forma, todos nascem muçulmanos – até mesmo aqueles que pertencem às outras religiões – uma vez que não há pecados em crianças. Todavia, quando atinge-se a idade adulta, muitos se distanciam desse estado de submissão ao Criador e, por isso, quando desejam retornar a condição de muçulmanos, é necessário realizar a *shahada* e, assim, eles se reverterem ao estado de origem (LIMA, 2013, p.17).

As personagens escolhidas para contar as histórias de reversão são exclusivamente mulheres de origem brasileira, dado que objetivamos aproximar a religião do contexto cultural do leitor, por isso, optamos por entrevistadas sem nenhuma relação com nacionalidades árabes ou do Oriente Médio¹. Ademais, por terem nascido em outras religiões, a maioria cristã, o lenço passa a ser um marcador cronológico entre as duas fases, assim, elas podem nos contar sobre suas vidas antes e depois do uso do véu. Por se tratar de uma crença pouco comum no Brasil, entre 800 mil e 1,5 milhão de praticantes², segundo a Federação das Associações Muçulmanas no Brasil (Fambras), o país carece de dados em fácil alcance sobre a religião.

Decidimos escolher a modalidade impressa, em que o produto desenvolvido é um livro-reportagem, intitulado "Revertidas - Histórias de um retorno para Alá", composto por quatro capítulos temáticos (Na trilha da luz, Olhos que cercam, Que Alá os perdoe e *An Nur* - a fé através das vestimentas), um prólogo e um epílogo. A obra apresenta histórias de oito personagens que contam a forma como a religião mudou as suas realidades, contribuindo com detalhes sobre como foi a reação da família com a nova religião, os preconceitos que sofreram por parte da sociedade e como são as suas relações com o *hijab* e os dogmas do Islamismo. As vozes de especialistas estão

¹ Devido a essa escolha, decidimos não tratar questões sobre o mundo árabe ou diferenciá-lo do mundo islâmico pois fugiria da nossa proposta.

² Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-nao-nascidas-muculmanas-mas-que-decidem-seguir-o-islam-sofrem-mais-preconceito/>> Acesso em: 23 nov. de 2022.

incluídas, principalmente no prólogo do livro. Sob a óptica deles são tratados temas como: a estrutura do Islam, os efeitos do preconceito religioso, e as diferenças entre fé e religião.

Para o desenvolvimento do livro, nos centramos em entrevistas de fontes pertinentes ao tema, são elas: Patrícia Ribeiro, Rosa Moreira, Elizabete Reis, Amirah Costa, Patrícia Samanta, Elayne Gonçalves, Assyiah Paltrinieri e Marcília Vital, todas brasileiras revertidas e as personagens principais da obra; alguns familiares/conhecidos, sendo Marla - amiga de Patrícia Ribeiro, Beatriz - filha de Patrícia Samanta, Ronaldo - marido de Elizabete, Gabriela - sobrinha de Amirah, e Adalberto - irmão de Elayne. Também conversamos com Francirosy Campos Barbosa, antropóloga e pesquisadora de comunidades islâmicas; Flávia Pasqualin e Heloísa Souza, psicólogas; Lindolfo Alexandre de Souza, cientista da religião; e Fabíola Oliveira, muçulmana revertida e *digital influencer*.

Através da perspectiva das entrevistadas, apresentamos narrativas reais de mulheres brasileiras revertidas que mostram como o novo credo impactou nas suas vidas. O nosso objetivo é mostrar a faceta pouco comentada do Islam no Brasil que são os aspectos religiosos, a prática da fé no dia a dia, além da islamofobia e da intolerância contra os seguidores dessa crença, longe das questões políticas que costumam envolver o olhar alheio sobre a religião. Por ser um tema com pouco espaço na mídia tradicional, o nosso produto abre um local para discussões e serve como um instrumento para aumentar a visibilidade dessa parcela de mulheres. Ademais, além de suscitar essa reflexão entre os leitores, a literatura desenvolvida por nós também trabalha indiretamente a relação entre gênero e islamofobia, ou seja, como as mulheres revertidas sofrem mais com o preconceito por causa do uso do *hijab* que faz com que a identidade islâmica seja rapidamente reconhecida.

Como público-alvo do Projeto, estabelecemos: homens e mulheres, na faixa etária dos 19 aos 50 anos, das classes sociais A, B e C, um perfil amplo dado que o foco é direcionar o livro para pessoas que não são seguidoras do Islam que queiram conhecer mais sobre a religião dentro de uma perspectiva brasileira. O nosso público secundário são mulheres muçulmanas revertidas, já que *Revertidas - Histórias de um retorno para Alá* visa também servir como representatividade para elas.

Este Relatório Técnico é composto por dois capítulos, que abordam os pormenores do processo criativo do livro. No primeiro, é apresentada a fase anterior a da produção, isto é, a contextualização do tema, o recorte, a modalidade, o processo

de apuração e as justificativas para escolha de abordar a reversão de mulheres brasileiras em formato de livro-reportagem. Já o segundo capítulo, contém as fases de produção e pós-produção do livro, ou seja, as entrevistas, decupagem, escrita dos capítulos e a criação da identidade visual, até o processo de diagramação e proposta de divulgação do *Revertidas - histórias de um retorno para Alá*.

CAPÍTULO 1 - PRÉ-PRODUÇÃO

1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico

O Islamismo é uma religião abrahâmica, assim como o judaísmo e o cristianismo, e nasce por meio da revelação de Deus, que usa o seu mensageiro, anjo Gabriel, para visitar o profeta Mohammed - em português Maomé - durante 23 anos e, assim, ditar os ensinamentos que darão origem ao Alcorão (MUBARAK, 2014). Após a morte desse primeiro profeta, as disputas entre os dois possíveis sucessores de Mohammed criam um racha entre os fiéis que acabam se dividindo em duas vertentes: sunitas e xiitas³.

Apesar dos segmentos terem algumas diferenças entre si, de modo geral, o Islamismo é dividido em cinco princípios básicos: proclamação da fé (*Sharia*), oração (a *Salah* - 5 vezes ao dia), caridade compulsória (*Zakah*), o jejum do ramadã (*Sawm*), peregrinação à Meca (ao menos uma vez na vida se o muçulmano tiver condições). Em síntese, Islam significa submissão voluntária a Deus (MUBARAK, 2014), logo, todos aqueles que quiserem seguir Allah (Deus) de livre e espontânea vontade podem se tornar muçulmanos, nomenclatura dada aos membros desta religião, independente da nacionalidade.

Por se tratar de uma ordem de Deus, as mulheres são aconselhadas a usar o *hijab* (véu islâmico) e preservar os seus cabelos, pescoço e orelhas dos olhares alheios (Surata 24, versículo 31). Contudo, essa prática as torna facilmente identificáveis como membros desta religião e um alvo mais fácil para os preconceituosos e curiosos.

Diferentemente das mulheres que já nascem dentro da religião, as revertidas aderem à crença tardiamente - ou seja, passam pelo processo de se encontrar religiosamente. Segundo a antropóloga Francirosy Campos Barbosa, no Islamismo, quando há a reversão de indivíduos para a religião, na verdade, eles estão voltando às origens - se revertendo - haja vista que ser muçulmano se refere a um estado de submissão a Deus que vivemos na infância, onde se é puro e sem pecados. Pode até demorar algum tempo, mas todas as pessoas irão se despertar para o Criador, por

³ Sunitas foi o nome dado ao grupo de pessoas que defendiam que Abu Backer (sogro de Maomé) era o verdadeiro sucessor do profeta após a sua morte. Eles são o maior grupo de muçulmanos do mundo, com uma estimativa de que 90% dos islâmicos ao redor do planeta sejam sunitas (MUBARACK, 2014, p. 34). Todas as nossas entrevistadas são sunitas, por isso não tratamos das diferenças entre esta vertente com os xiitas.

isso a religião utiliza o termo “reversão” ao invés de “conversão” (FERREIRA, 2009, p. 2).

Quando essas mulheres assumem a nova fé, precisam lidar não só com as questões religiosas, mas também com os olhares preconceituosos e curiosos com os quais elas não estavam acostumadas (MARCHIORI, 2022, on-line). Por terem se revertido tardiamente, conhecem duas realidades distintas: a vida sem o véu e depois que o colocam, tornando, assim, a sua crença socialmente visível. Dessa forma, este Projeto Experimental abordou a fé dessas mulheres revertidas, o que as levou a conhecer e adotarem a religião e os preconceitos que elas sofreram ao praticar a sua nova crença no país. Por terem experimentado a vida antes, a maioria delas como cristãs (apenas Rosario era judia) e depois como muçulmanas, elas acabam tendo uma visão diferenciada sobre o assunto, uma vez que quem sempre fez parte da religião islâmica não conhece outra experiência e por isso podem contribuir com um olhar mais amplo sobre o seguidor do Islam no Brasil.

O livro tem como foco mostrar a realidade dessas mulheres no dia a dia, as configurações familiares e as amizades, o que mudou após a reversão e o poder que a fé exerce no cotidiano delas. Além dos aspectos religiosos, discorreremos sobre o preconceito sofrido por elas.

Segundo a antropóloga Francirosy Campos Barbosa, a sociedade brasileira, geralmente, vê a a seguidora do Islam como oprimida pela religião, como se a realidade delas fosse apenas sofrimento, vide casos recentes onde uma mulher foi sentenciada a chicotadas por denunciar o próprio estupro⁴ ou a morte de uma muçulmana que foi presa por não usar o *hijab* adequadamente⁵ que foi presa. Portanto, também buscamos mostrar os prazeres que as personagens encontraram dentro da religião, até porque a nova crença proporcionou momentos de felicidades para cada uma delas, destacando que suas realidades não são compostas apenas de preconceitos e intolerâncias. Em suas narrativas, contam como o Islamismo fez com que a criassem novos laços de amizades e formassem famílias, então retratamos e evidenciamos essa outra perspectiva.

⁴ Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/02/4987005-mulher-e-condenada-a-100-chicotadas-e-a-prisao-ao-denunciar-abuso-sexual.html>> Acesso em: 12 nov. de 2022.

⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/09/18/morte-de-mulher-presa-por-nao-usar-veu-gera-revolta-popular-no-ira.ghtml>> Acesso em: 12 nov. de 2022.

No decorrer das conversas, foi possível observar que todas as mulheres se sentem realizadas com o seu atual estado religioso e essa satisfação era evidenciada com frequência. Outra questão que elas faziam questão de ressaltar é o fato das mulheres revertidas terem pouco espaço na mídias para contar as suas narrativas, segundo elas a maioria das matérias frisa Islamismo de pessoas que já nasceram dentro da crença. Portanto, com a escolha desse recorte, procuramos dar espaço, e não voz, para essas mulheres - visto que elas já possuem voz de fala, porém, lhes faltava espaço para exporem as suas verdadeiras vivências.

Uma estratégia que contribuiria para evitar essa polarização, na qual o muçulmano é visto como um ser terrorista bárbaro, é a produção de matérias que deem destaque a islamitas, homens e mulheres, que atuam na comunidade ocidental, especialmente na brasileira (MENDES; DORNELAS, 2019, p. 52).

Como recorte, selecionamos mulheres muçulmanas revertidas brasileiras, que são de diferentes partes do Brasil e do mundo (duas das nossas oito fontes moram em Londres), com faixas etárias dos 19 aos 46 anos.

1.2 Modalidade

Este trabalho faz parte da modalidade Impressa, no gênero livro-reportagem, um modelo que nasceu da junção entre livro e jornal (VILARDO, 2020, p. 55). Por mesclar literatura e técnicas jornalísticas, o texto fica menos rígido e mais descritivo e com mais detalhes, seja dos personagens, dos ambientes e dos fatos. Segundo o autor (2020, p. 55), os correspondentes internacionais viam os livros-reportagem como uma oportunidade de contar histórias que não seriam publicadas na mídia tradicional.

De acordo com Maciel (2017, p. 9 apud VILARDO, 2020, p. 60), o suporte livro permite que os jornalistas narrem a realidade de maneira mais plural. Além disso, esse formato possibilita que o profissional coloque sua influência pessoal, se inserindo diretamente não só como um narrador da história, mas também como um personagem que insere o leitor no cenário, a partir de suas próprias vivências e opiniões, sendo assim, diferencia-se dos “estilos presentes nas redações tradicionais, que obrigam o repórter a escrever da maneira mais imparcial possível” (VILARDO, 2020, p. 69).

Outro diferencial do livro-reportagem em relação aos jornais impressos é que os jornalistas podem escrever sem se preocuparem com a limitação temporal e espacial, o que permite que os leitores recebam mais informações sobre o assunto

que está sendo narrado. Segundo Lima (2009 apud VILARDO, 2020), os propósitos do livro-reportagem são:

[...] informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo (LIMA, 2009, p.39-49 apud VILARDO, 2020, p. 59).

Conforme Rocha e Xavier (2013, p. 141), dentro da compreensão de desenvolvimento do jornalismo, o livro-reportagem cresceu no setor editorial em decorrência de diversos fatores, como: interesse do público, a possibilidade de publicação *online* (em outras plataformas), acessibilidade para a impressão (queda dos custos) dos exemplares e, também, por ser um formato viável para jornalistas que optam por uma modalidade textual diferente do *hard news* para transcrever notícias e informações. Com esta modalidade, desenvolvemos o nosso tema a partir da construção textual do livro, utilizando elementos do jornalismo literário, mas empregando uma linguagem mais jornalística e menos poética; os meios linguísticos utilizados são textuais e imagéticos - empregados por meio de ilustrações. Segundo Silva (2010, n.p.), o jornalismo literário é a combinação de conhecimentos, saberes, técnicas e diferentes estilos. Por meio deste modelo de escrita, é possível contextualizar diversos tipos de assuntos, sem limitações, que não exclui nenhum meio metodológico ou narrativo; sendo esta uma forma característica do desenvolver jornalístico. Esta modalidade editorial, possibilitou que, independentemente do espaço-tempo, pudéssemos entrevistar oito fontes diferentes que residiam em outros estados e, até mesmo, em outros países.

1.3 Justificativa

A escolha do tema do projeto, a reversão de mulheres brasileiras ao Islam, foi fundamentada na medida que nós percebemos que as menções ao Islam crescem nas mídias, concomitantemente com a divulgação de ataques terroristas que frisam a religião dos autores (ALVES, 2016, p. 13), assim, surge a necessidade de se ouvir aqueles que são sempre citados nas matérias, mas, geralmente, não são ouvidos. Portanto, quando escolhemos essa temática, pensamos na ideia de dar espaço para essas mulheres. O foco em mulheres que sejam revertidas se dá pelo fato de serem

raros os materiais que contam sobre pessoas de outras religiões que optaram pelo Islam.

No caso das mulheres, o fato delas colocarem o véu marca uma nova fase em suas vidas, que é perceptível pelos de fora; já os homens, quando se revertem, não são facilmente reconhecidos como muçulmanos pela sua aparência. Ademais, partimos do pressuposto que os relatos precisam ser ouvidos longe dos estereótipos, geralmente imagéticos, uma vez que a relação entre mídia e sociedade é intrínseca, desse modo, o que é consumido reflete na forma como a sociedade trata determinados assuntos (BERTOLDI; HERBELÊ; SAPPER, 2008, p.2). Acreditamos que os principais estereótipos sobre a imagem do muçulmano são, geralmente, imagéticos devido ao fato da televisão ser o meio de mais fácil acesso, posto que 96,3% dos lares brasileiros possuem aparelhos televisivos, (IBGE, 2021, on-line).

O livro-reportagem foi escolhido como gênero, pois é o formato com o qual o grupo tem mais afinidade, por gostar muito de leitura e escrita, e também por acreditarmos que se adequa melhor ao recorte pensado, haja vista que o livro-reportagem traz a possibilidade de podermos descrever em detalhes os fatos, o ambiente e os personagens, sem precisar seguir o formato de *lead* e o de pirâmide invertida (VILARDO, 2020, p. 61).

Outro fator que nos levou à escolha do gênero é o fato do formato possibilitar a representação social de um determinado momento, assim, “por meio da manifestação textual, é possível descrever uma época ou uma localidade, comportamentos, costumes e linguagens” (OLIVEIRA; BERND, 2021, p. 2). Ademais, a escolha pelo suporte livro se dá pelo fato de 52% dos brasileiros terem o hábito da leitura, segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil publicada pelo portal Gente, em 2021⁶.

1.4 Processo de apuração

O processo de apuração do trabalho está organizado em três etapas, são elas: a escolha do tema e da mídia; a leitura de artigos e livros sobre Islamismo; e a escolha das fontes e entrevistas exploratórias.

⁶ Disponível em: <<https://gente.globo.com/texto-os-habitos-de-leitura-do-brasileiro/>> Acesso em: 12 nov. 2022.

1.4.1 Escolha do tema

A escolha do tema se deu no fim de fevereiro de 2022. Na ocasião, uma das integrantes do grupo, Paloma Pereira Ruiz, estava envolvida com o fim da sua iniciação científica, que tinha como tema a representação do muçulmano em produções de entretenimento televisivas. Ademais, por já seguir influenciadoras muçulmanas nas redes sociais e conhecer as histórias de intolerância que elas relatavam, Paloma fez uma matéria sobre intolerância religiosa contra muçulmanos para disciplina de Reportagem Transmídia, no 7º semestre. A atividade rendeu contatos de mulheres brasileiras que se reverteram ao Islam, e por isso, ela propôs abordar a islamofobia como tema do projeto experimental, focando nos preconceitos que os muçulmanos enfrentam no dia a dia.

Juntas, chegamos ao recorte da reversão de mulheres brasileiras ao Islam, devido ao fato da escassez de conteúdo disponível sobre o tema. São poucas histórias sobre pessoas que se reverteram na mídia, sendo que o Islam é uma das religiões que mais cresce no mundo⁷. Um dos raros exemplos que nós encontramos foi a reportagem “A marca de Alá” que foi veiculada no programa Conexão Repórter, no dia 21/06/15. Ao longo da matéria de Roberto Cabrini, é tratada a associação da religião com o terrorismo e como o imaginário está condicionado a fazer essa relação. Ademais, o grupo já possuía contato com fontes que fazem do perfil escolhido.

A princípio, o foco seria nas narrativas de preconceito e intolerância, contudo, após a análise da banca de qualificação, a professora Juliana Doretto sugeriu ampliar o foco e tratar sobre questões além de preconceito, como os meandros da religião, tais como os pontos positivos e negativos da crença, o que as levou se reverter, como foram as reações à sua volta e como elas vivem a crença no dia a dia. Dessa forma, decidimos ampliar a gama de assuntos pretendidos e fazer capítulos temáticos que abordassem os assuntos sugeridos.

1.4.2 Escolha do gênero e formato

Decidimos optar por desenvolver um livro-reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso, devido ao fato de todas as membros do grupo terem mais afinidade com o processo de leitura e escrita.

⁷ Disponível em: <<https://exame.com/mundo/os-numeros-do-islamismo-a-religiao-que-mais-cresce-no-mundo/>> Acesso em: 23 nov. de 2022.

Uma das integrantes do grupo, Camila Fernanda de Paula, tinha lido o livro-reportagem “Vozes de Tchernóbil” (2016) da escritora e jornalista bielorrussa Svetlana Alexijevich, que traz as narrativas de pessoas que sobreviveram ao acidente nuclear ocorrido no dia 26 de abril de 1986 em um dos reatores da Usina Nuclear de Chernobil, perto da cidade de Pripjat, no norte da Ucrânia Soviética. A obra chamou bastante a atenção pois o estilo de escrita utilizado pela autora era diferente de matérias e reportagens veiculados em jornais impressos, era mais intimista, como se Alexijevich estivesse conversando diretamente com o leitor e conseguisse introduzi-lo diretamente nos ambientes que descrevia.

Outro ponto observado pela aluna foi que a jornalista teve mais espaço para contar as histórias dos personagens que compõem o livro, dando mais profundidade e detalhes sobre suas vivências, um tópico que, também, raramente é visto em matérias dos meios impressos e digitais, que geralmente trazem informações mais objetivas. Foram principalmente esses itens que fizeram Camila dar a ideia de escolher o livro-reportagem como mídia para o Projeto Experimental, pois o grupo teria mais espaço para contar as vivências e histórias das muçulmanas revertidas, e, como todas as integrantes gostam de ler e escrever, a preferência por esse formato foi unânime.

Após a escolha do livro-reportagem como gênero, o grupo fez uma seleção de obras desse gênero para estudar como outros autores escreviam e narravam as histórias de seus personagens, foram elas: “A vida que ninguém vê” (2006), de Eliane Brum; “Presos que menstruam” (2015), de Nana Queiroz; e “Notícias de um sequestro” (1996), de Gabriel Márquez. Após observar como era a linguagem utilizada por esses escritores, o grupo pensou previamente no estilo de escrita que utilizaria no próprio livro, que foi se concretizando conforme começaram a escrever os capítulos.

1.4.3 Imersão em artigos e livros sobre Islamismo

Após escolher o recorte e formato com o qual trabalhamos, o grupo decidiu se aprofundar na temática. Para isso, estudamos livros, artigos e revistas que abordavam a forma como os muçulmanos são vistos socialmente, especialmente mulheres - sendo este o nosso recorte. Entre as obras escolhidas, estavam os livros que tratavam a crença islâmica e os conceitos sobre religião, aprofundamento sobre a representação social do oriente por parte do ocidente e, também, livros e artigos sobre jornalismo e comunicação.

Inclusive, encontramos uma de nossas fontes especialistas por meio de um artigo lido. Uma das integrantes do grupo, Paloma, elaborou uma iniciação científica que envolvia a temática que estamos abordando, o Islam. Durante esta pesquisa, ela conheceu a professora especialista em antropologia Islâmica, que é referência nacional, Francirosy Campos Barbosa. Desse modo, para a produção do livro, entramos em contato com a antropóloga para entender mais sobre o Islam e, coincidentemente, ela estava elaborando uma pesquisa qualitativa e quantitativa: “1º Relatório de Islamofobia no Brasil” (2022), que foi publicada quando estávamos finalizando o livro-reportagem, possibilitando o uso como referência bibliográfica.

Além do relatório de Barbosa, utilizamos o livro “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” (2007), de Edward W. Said, que faz uma análise profunda sobre como o ocidente criou discursos que colocam diversas civilizações do oriente sob uma óptica de exotismo e subalternidade. E, para complementar os nossos estudos sobre muçulmanos, foi necessário entendermos como foi estruturada a história dos povos árabes. Para uma abordagem profunda e imersão no tema, com o intuito de repassar informações precisas e referenciadas para o livro-reportagem, estudamos a obra de Albert Hourani, “Uma história dos povos árabes” (1991) que fala sobre as regiões de língua árabe na estruturação da religião islâmica e como foi realizada a formação histórica e política por meio da crença; o autor, além de explicar os pilares da sociedade árabe, abordou temas importantes sobre a cultura dos povos muçulmanos, como: casamento dentro do Islam e qual o local da mulher nesta perspectiva. As duas últimas obras mencionadas, dos autores Said e Hourani, foram de extrema importância para a imersão em nosso tema central. Os livros indicados pelo professor, Marcel José Cheida, facilitaram a elaboração da contextualização histórica do livro.

1.4.4 Entrevistas exploratórias

Ainda no primeiro semestre deste ano, foram realizadas duas entrevistas exploratórias: uma com o cientista da religião, Lindolfo Alexandre de Souza e a outra Francirosy Campos Barbosa, antropóloga e especialista em Islam. Ambas foram feitas por videochamada.

Lindolfo Alexandre de Souza

Conversamos pela primeira vez com Souza quando ainda não tínhamos definido os capítulos temáticos. Na ocasião, achamos que o nosso foco seria construído em cima de relatos de intolerância religiosa, e por isso pretendíamos entender mais acerca dos termos fundamentalismo e fundamentalismo religioso, bem como compreender como a intolerância religiosa se articula no Brasil. O professor nos explicou que, por se tratar de uma crença minoritária e ter um sinal identificador como o véu, os praticantes dessa religião se tornam facilmente visíveis aos olhos dos perpetradores do preconceito. Quanto ao fundamentalismo, Souza relata que o conceito parte do pensamento de não se aceitar uma verdade que seja diferente da sua, assim, eleva-se a própria perspectiva ao absoluto. Para contextualizar a explicação, o cientista da religião usou como exemplo a escola de samba carioca que havia ganhado o carnaval com uma homenagem ao exu. Na ocasião, a vitória do grupo suscitou críticas e ataques nas redes. Segundo Souza, o fundamentalismo está além da definição do terrorismo, haja vista que todas as religiões podem ter vertentes extremistas, tal como o cristianismo, que foi usado como justificativa para guerras santas.

Francirosy Campos Barbosa

Em conversa com Francirosy Barbosa, ela nos explicou, que mesmo em menor proporção do que a França ou os Estados Unidos, o Brasil é um país islamofóbico, especialmente com as mulheres que usam *hijab*. No que tange a questão de gênero, sobre elas recai o estigma de opressão dado o uso das vestimentas que cobrem o cabelo, o pescoço, as orelhas, os braços e as pernas. Isso acarreta em olhares curiosos e preconceituosos, bem como na perda de oportunidade trabalhistas para aquelas que optam pelo uso do véu. Segundo a antropóloga, a islamofobia parte de uma falta de conhecimento articulado a um pré-conhecimento, um pré-conceito, um pré-entendimento que se vê sobre o Islam e que aumentou após o atentado de 11 de setembro. A cobertura de atentados terrorista por grandes veículos de comunicação, onde a religião do assassino é frisada, costuma suscitar um signo de medo que se atrela a nacionalidade e a crença do terrorista.

1.5 Seleção de Fontes

1.5.1 Fontes confirmadas

Amirah Costa – Muçulmana revertida (Fonte Primária):

Amirah é revertida há 10 anos e atualmente mora em Londres. A sua história é interessante para o nosso projeto pois é uma das únicas da nossas fontes que mudou seu nome depois que se reverteu ao Islam, se chamava Verônica. Além disso, por ser muçulmana há bastante tempo e por ter vivido duas realidades diferentes (no Brasil e na Inglaterra) ela trouxe pontos interessantes sobre a diferença no modo que duas sociedades aceitam os seguidores do Islamismo, que discutimos ao longo do livro.

Assyiah Paltrinieri – Muçulmana revertida (Fonte Primária)

Assyiah é revertida há 4 anos. Assim como Amirah, ela também mudou seu nome após a reversão, se chamava Michele. Sua escolha se dá pelo fato de morar em Campinas, portanto, tivemos a oportunidade de encontrá-la pessoalmente, ela foi uma das únicas muçulmanas da cidade que conseguimos um retorno.

Elayne Gonçalves - Muçulmana revertida (Fonte Primária)

Elayne é revertida há 1 ano. Ela foi uma das personagens escolhidas pelo fato de ter sofrido dois casos de intolerância que foram graves, um deles até mesmo envolveu ameaça de morte. Portanto, foi relevante contar sobre esses acontecimentos e que, apesar deles, Elayne não desistiu da religião, mesmo que a tenha aderido a pouco tempo.

Elizabete Reis – Muçulmana revertida (Fonte Primária)

Elizabete é revertida há 14 anos. Foi uma das fontes escolhidas pois, após a reversão, a relação com seu pai ficou muito balanceada e os dois brigavam constantemente. Atualmente o relacionamento deles melhorou, porém, o pai ainda não aceita muito bem a religião. Isso foi um ponto muito interessante que discutimos sobre o âmbito familiar, como o fato de ter aderido ao Islamismo mudou as relações parentescas das nossas personagens.

Marcilia Vital - Muçulmana revertida (Fonte Primária)

Marcilia é revertida há 9 anos. A sua escolha como personagem se dá por dois motivos principais: a estranheza que a família teve quando se reverteu, sendo, inclusive, excluída de eventos familiares, e por também morar em Campinas, que foi uma oportunidade também de a encontrarmos pessoalmente. Inclusive, Marcilia e Assyiah são amigas, e as acompanhamos em um dia de suas vidas quando ambas estavam fazendo trabalhos comunitários.

Patrícia Ribeiro - Muçulmana revertida (Fonte Primária)

Patrícia é revertida há 20 anos e atualmente mora em Londres. Sua escolha se deu pelo fato de ser muçulmana há bastante tempo, portanto, compartilhou diversas experiências que vivenciou ao longo desses anos. Além disso, assim como Amirah, trouxe as diferenças na forma como a sociedade inglesa e brasileira tratam os seguidores do Islam. Também foi uma das nossas fontes que vivenciou episódios de preconceito mais violentos, pois até mesmo já levou cuspidas enquanto andava na rua.

Patrícia Samanta – Muçulmana revertida (Fonte Primária)

Patrícia é revertida há 7 anos. Foi uma das escolhida pois é a única muçulmana da cidade em que mora, Sumidouro (RJ), portanto, possui uma vivência diferente de todas as nossas outras personagens, já que nunca conheceu um muçulmano pessoalmente. Além disso, quando se reverteu, Patrícia já era casada e tinha duas filhas, então foi interessante contar como o Islam interfere na relação dela com o marido.

Rosario Moreira – Muçulmana revertida (Fonte Primária)

Rosario é revertida há 3 anos. A escolha da personagem se deu por sua pouca idade, 19 anos, e por ter sido a única que nos respondeu, visto que entramos em contato com outras jovens revertidas com esta faixa etária. Além da pouca idade, Rosario também enfrentou adversidades que as nossas outras personagens não enfrentaram, como: agressões sofridas no ambiente escolar, mudança religiosa dentro de uma composição familiar formada por judeus e as questões que passou com padrasto de ascendência europeia, que possuía ressalvas sobre a sua religião.

Ronaldo - marido de Elizabete Reis (Fonte Secundária)

Casado com Elizabete Reis há 8 anos, Ronaldo também é muçulmano revertido, desde 1997, e conheceu a esposa durante aulas de religião em uma mesquita, Ronaldo foi escolhido por ser o familiar que mais convive com Elizabete e por terem a crença islâmica em comum.

Beatriz - filha de Patrícia Samanta (Fonte Secundária)

Beatriz, de 16 anos, é a filha mais velha de Patrícia Samanta. A adolescente acompanhou de perto a reversão da mãe e como ela mudou seu comportamento após aderir a religião, e foi escolhida justamente por isso.

Marla – amiga de Patrícia Ribeiro (Fonte Secundária)

Marla é uma amiga próxima de Patrícia Ribeiro, e frequentou a mesma mesquita que Patrícia ia quando ainda morava no Brasil. Ela foi escolhida pois está sempre em contato com a amiga e, por a conhecer há bastante tempo, portanto, conseguiu nos falar mais sobre a Patrícia aos seus olhos.

Adalberto - irmão de Elayne Gonçalves (Fonte Secundária)

É irmão de Elayne Gonçalves e acompanhou todas as passagens da irmã por outras religiões até a reversão ao Islam. Por ter vivenciado todo o processo de Elayne, ele foi escolhido.

Gabriela - sobrinha de Amirah Costa (Fonte Secundária)

É sobrinha de Amirah e conviveu com a tia durante todo o processo de reversão. Mesmo com a distância, Amirah afirma que as duas são muito próximas e por isso nos indicou Gabriela.

Fabíola Oliveira - Influencer seguida por Elayne e Elizabete (Fonte Secundária)

Muçulmana revertida e *influencer* citada por Elizabete e por Elayne. Inclusive, o primeiro contato de Elayne com muçulmanos se deu através de um encontro organizado pela Fabíola.

Lindolfo Alexandre de Souza - Cientista da Religião (Fonte Especialista)

Cientista da religião e professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foi escolhido para falar sobre as diferenças entre os conceitos de fé e religião, além da maneira como ambos podem interferir e influenciar na vida de um indivíduo.

Heloisa Souza - E-mail: heloisa.souza@puc-campinas.edu.br - Psicóloga (Fonte Especialista)

Doutora em Psicologia e professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foi escolhida para falar sobre os impactos dos traumas causados em mulheres, tanto físicos quanto psicológicos, visto que o nosso tema central são as muçulmanas revertidas e a visibilidade que possuem ao usarem o *hijab*.

Flávia Pasqualin - Psicóloga (Fonte Especialista)

Psicóloga, graduada em Comunicação Social, Psicologia e Pedagogia. Mestre e Doutora em Psicologia, é membro e pesquisadora do Gracias - Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes. Foi escolhida para abordar sobre quais traumas o preconceito religioso pode causar nos indivíduos, principalmente em mulheres. Pasqualin abordou sobre como as muçulmanas estão mais sujeitas a sofrer intolerância religiosa, pois podem ser identificadas como islâmicas pelo *hijab*. Além disso, tratou sobre os possíveis motivos que levam as pessoas a procurarem por uma religião.

Francirosy Campos Barbosa - E-mail: franci@ffclrp.usp.br - Antropóloga e Pesquisadora de Comunidades Muçulmanas (Fonte Especialista)

Antropóloga, Livre Docente do Departamento de Psicologia FFCLRP da Universidade de São Paulo. Pós-doutora da Universidade de Oxford e Pesquisadora de Comunidades Muçulmanas. É idealizadora e membro do Gracias - Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes. Foi escolhida para abordar sobre a prática do Islam, os meandros do processo de reversão e a relação entre mídia e Islamismo. Também tratou sobre como a mulher muçulmana é vista dentro da religião e qual é o seu papel na sociedade.

1.5.2 Fontes sem retorno

Tentamos entrevistar algum familiar/conhecido da personagem Rosario Moreira, porém, não conseguimos o contato de nenhum. Rosa nos falou que seus pais são tímidos, portanto, não queriam conversar conosco, e seus amigos estavam muito ocupados com questões pessoais e não teriam disponibilidade para uma entrevista. Ademais, também tentamos contato com revertidas mais jovens, na casa dos 20 anos, porém, duas que tínhamos conversado inicialmente e que inclusive aceitaram participar do projeto, não nos responderam quando mandamos uma mensagem novamente.

CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

2.1. Desenvolvimento da produção

2.1.1. Planejamento da produção

A partir da determinação do tema do projeto, o grupo se reuniu para definir o processo de produção, das entrevistas e da estrutura do livro. A partir da ideia da professora Juliana Doretto, passamos a cogitar quais seriam os temas de cada capítulos, e a princípio ficaram definidos como: processo de reversão, aspectos positivos e negativos do Islam, machismo e preconceito.

Sendo assim, fomos em busca das personagens que fossem revertidas há pelo menos 1 ano, para podermos conversar sobre as experiências com a fé, com a família, com amigos etc. A busca por fontes foi feita através das redes sociais, pois seria o caminho mais fácil de selecionar mulheres que estivessem dentro do perfil de revertidas. Decidimos não limitar geograficamente as nossas entrevistadas para que pudéssemos ter uma experiência mais diversificada e com vivências mais plurais, apenas estabelecemos que deveriam ser brasileiras. Após a definição e confirmação das participantes, foram agendadas as entrevistas exploratórias com as oito mulheres islâmicas revertidas.

Com a finalização das pré-entrevistas, identificamos que a ideia inicial sobre as repartições do livro ficou obsoleta perto das respostas que fomos recebendo das fontes, pois não reconheciam muito os aspectos negativos dentro da religião, além disso, entendemos que os capítulos precisavam de uma ordem para entrelaçar as histórias. Portanto, optamos por um prólogo que trouxesse informações mais técnicas que seriam necessárias para dar embasamento teórico ao restante do livro, por quatro capítulos que abordam respectivamente: a reversão; a relação com familiares, parentes e amigos próximos; o preconceito nos ambientes públicos e privados e a relação com a religião e com o véu. Para concluir o enredo, finalizamos com um epílogo, contando detalhes do processo de produção do livro e mesclando a nossa percepção. A ordem eleita seguiu um critério que beira o cronológico: primeiro ocorre o processo de conhecer a religião e, na sequência, a decisão pela reversão, que são os tópicos tratados no capítulo 1. Em seguida, aborda as relações e as reações com as primeiras pessoas que tiveram contato com a nova crença das entrevistadas, que são os familiares e os amigos mais próximos. Depois que a religião foi internalizada e

apresentada as pessoas mais íntimas, é a vez de externalizar para a sociedade, e é nesse processo onde pode ocorrer manifestações preconceituosas mais incisivas. Por fim, as entrevistadas fazem um balanço de como encaram as suas fés diante da perspectiva do outro.

Com todas as pré-entrevistas reunidas e com a definição dos temas dos capítulos, realizamos a elaboração de um roteiro de perguntas para o segundo contato com as fontes. Nessa fase, priorizamos conversar pessoalmente com as fontes de Campinas e fomos até um encontro na casa de uma delas para criar uma imersão maior.

Findada as entrevistas com as fontes primárias, começamos a buscar por especialistas para tratar termos que foram frequentemente usados ao longo das conversas. Com o auxílio de Maria Lúcia, definimos que necessitaríamos de fontes especialistas em: Islam, ciências religiosas e psicologia. Formulamos um roteiro de perguntas para cada profissional e recorreremos à PUC- Campinas para conversarmos com o cientista da religião Lindolfo Alexandre de Souza e a psicóloga Heloísa Souza. Para tratar do Islamismo, buscamos por fontes do Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes (GRACIAS), são elas a antropóloga e especialista em Islam, Francirosy Campos Barbosa e a psicóloga e comunicadora social, Flávia Pasqualin. Em paralelo a busca por especialistas, agendamos entrevistas únicas com familiares e amigos das revertidas.

2.1.2. Entrevistas

Optamos por fazer as nossas reuniões remotamente, pois a maioria das nossas fontes vivem em locais distantes da nossa região (a Amirah e a Patrícia inclusive vivem em outro país) e pelo fato de que o tipo de mídia que escolhemos não necessita de áudio ou vídeo. As únicas entrevistas presenciais foram as com o professor Lindolfo Alexandre de Souza, na PUC-Campinas, e a segunda conversa que tivemos com as personagens Marcília e Assyiah, na qual passamos um dia com elas, que estavam promovendo uma ação voluntária na Casa da Cidadania Campinas e no hospital municipal Dr. Mario Gatti.

Optamos por fazer dois encontros com todas as revertidas, que foram realizadas pelo *Zoom*. O *link* da reunião era enviado à entrevistada e a conversa era gravada pela própria plataforma. Na primeira entrevista, nós conhecemos um pouco mais sobre as personagens, perguntas sobre como conheceram o Islam, o motivo de

decidirem se reverter, sobre suas famílias, os preconceitos que sofreram e quais eram seus *hobbies* favoritos. Já na segunda reunião, viemos com algumas perguntas mais direcionadas, aprofundando em temas que tínhamos discutido na conversa anterior e entrando em assuntos mais pessoais. Algumas comentaram sobre como conheceram seus maridos, como a nova religião abalou algumas relações familiares, o que o Islamismo e o *hijab* significam para elas, entre outros assuntos.

Com os familiares/conhecidos, seguimos praticamente o mesmo esquema. Ronaldo, marido de Elizabete, Adalberto, irmão de Elayne, e Beatriz, filha de Patrícia Samanta, participaram da segunda conversa que fizemos. Nós falávamos com as mulheres primeiro e eles entravam na chamada depois. Duas entrevistas, a da Marla, amiga de Patrícia Ribeiro, e da Gabriela, sobrinha de Amirah, foram respondidas por áudios do *Whatsapp*: nós enviamos o questionário de perguntas pelo aplicativo e elas nos respondiam dessa forma.

A antropóloga Francirosy, as psicólogas Heloísa e Flávia, e a *influencer* Fabíola também foram entrevistadas remotamente pela plataforma *Zoom*. Com o professor Lindolfo, agendamos um horário no período noturno para conversarmos presencialmente com ele na PUC-Campinas.

Durante todos os encontros, nós realizamos anotações para marcar os tópicos principais. Fazer esse processo na primeira conversa foi o que nos auxiliou para montar os questionários de perguntas para a segunda etapa. O roteiro de questões para os especialistas e para os familiares/conhecidos foram preparados antecipadamente, mesmo que novas perguntas fossem surgindo conforme os diálogos se desenvolviam.

As únicas entrevistas realizadas de forma presencial com as personagens, como já mencionado, foram as feitas com Assyah Paltrinieri e Marcília Vital. Nos deslocamos até a casa de Marcília, em Campinas, a fim de termos a oportunidade de conhecê-las pessoalmente e acompanhar um pouco de suas rotinas.

No dia 17 de setembro, visitamos a casa de Marcília Vital e lá estavam três de suas amigas: Eliane, que é revertida também; Assyah, que é uma das nossas entrevistadas, e Hiba, que é síria. Na ocasião, elas cozinhavam *kebabs* para distribuir em duas ações sociais que fariam naquele dia. Além de conversarmos e fazer as perguntas estabelecidas no roteiro, elas nos convidaram para almoçar e conversamos sobre assuntos diversos. Após o almoço, nós nos oferecemos para ajudar na

montagem dos lanches. Findado o preparo na cozinha, nós fomos à Casa da Cidadania Campinas para acompanhar a primeira distribuição que elas fariam.

2.1.3. Identidade visual

Arte da capa

A identidade visual da capa do livro-reportagem *Revertidas - Histórias de um retorno para Alá* foi produzida pelo grupo com elementos da história islâmica e que remetessem ao nosso tema central: mulheres muçulmanas revertidas e o exercício de sua crença. Na capa, evidenciamos os traços desenhados de uma figura feminina com o *hijab* e composições que fazem parte da história da religião (Islamismo) ao seu redor.

O título “*Revertidas*” tem conexão com o subtítulo “*Histórias de um retorno para Alá*” que carrega o significado de retorno ao seu local de origem. Segundo Ferreira (2009, p. 2), todos nascem muçulmanos, mas, no período que não se reconhecem como parte da religião, estão distantes de Deus e o retorno para ele se chama “reversão”. Decidimos destacar a palavra “revertidas” utilizando caixa alta e o mecanismo em negrito, pois abordamos histórias de mulheres que fizeram a sua reversão. A grafia escolhida pelo grupo foi a *Bell MT*, por ter sido, esteticamente, melhor aplicada na capa e conectada com o design da mesma.

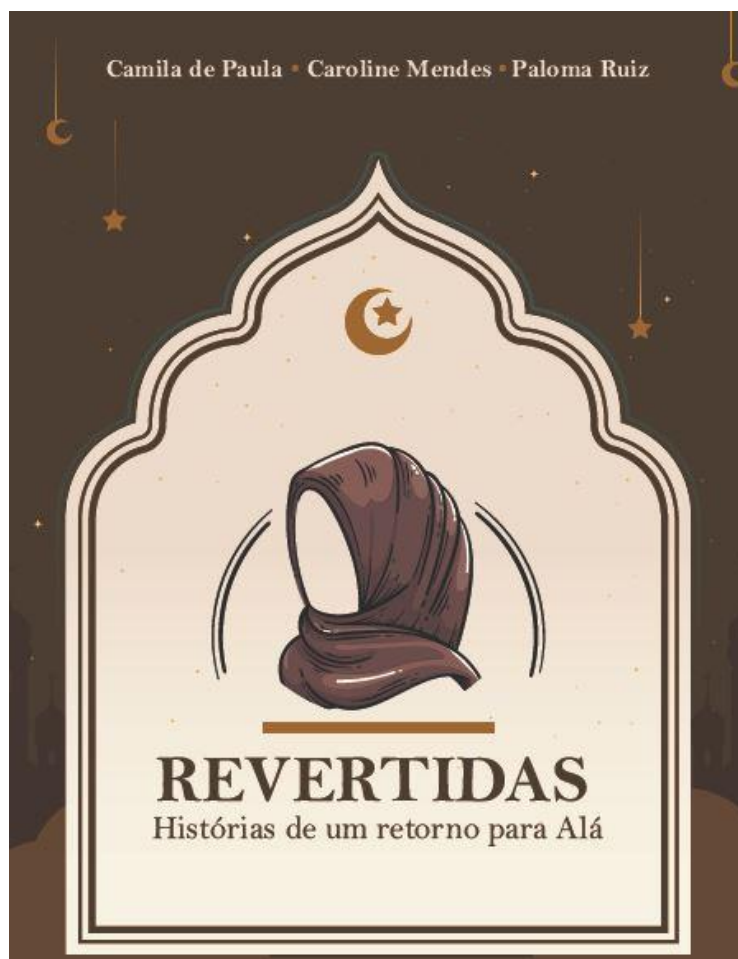
As cores foram escolhidas para contrastar com o ícone central: a mulher com o *hijab* e o formato da mesquita que está ao seu redor, usando duas tonalidades de marrom para diferenciá-las. A cor marrom⁸ pode fazer referência ao “bem-estar”, sendo este, também, um dos significados que as nossas fontes se referiram à religião. Já a cor azul nas bordas do ícone em formato de mesquita, simboliza uma das cores que é utilizada em templos religiosos islâmicos. O fundo marrom escuro é um componente aplicado para evidenciar os ícones que estão na primeira camada, mas, utilizando o desenho de uma mesquita ao fundo que retrata a crença como suporte.

As pequenas representações aplicadas no produto final, como: lua, estrela e as quatro formas geométricas que estão ao redor da personagem são partes essenciais para destacá-la. A lua crescente e a estrela são os símbolos principais do Islam; eles

⁸ Disponível em: <<https://br.psicologia-online.com/significado-da-cor-marrom-na-psicologia-802.html>>
Acesso em: 23 nov. em 2022.

representam soberania e dignidade. Já as quatro formas geométricas que cercam a personagem, são composições gráficas para realçar o desenho principal.

Figura 1. Arte da capa.



Crédito: Caroline Mendes

Ilustrações internas do livro

Como não tivemos a oportunidade de encontrar nossas personagens presencialmente (a não ser Assyiah e Marcília), decidimos colocar um desenho de cada muçulmana no livro. Pedimos que elas nos enviassem uma foto e contratamos uma ilustradora, Liriel Gonçalves, para desenhar seus rostos. Também encomendamos ilustrações para abrir cada um dos quatro capítulos, que são:

1. Lua crescente com estrela: principal símbolo do Islamismo, representa soberania e dignidade⁹. Abre o capítulo 1.

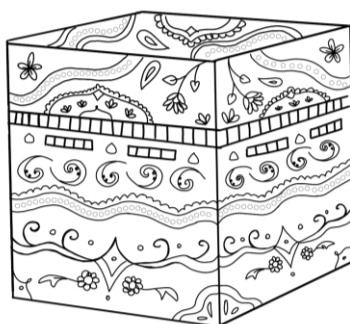
Figura 2. Lua crescente com estrela.



Crédito: Liriel Gonçalves

2. *Caaba*: Templo localizado dentro da Mesquita al-Haram, na cidade de Meca, Arábia Saudita. Tem uma forma de cubo, é o lugar mais sagrado para os muçulmanos¹⁰. Abre o capítulo 2.

Figura 3. Caaba.



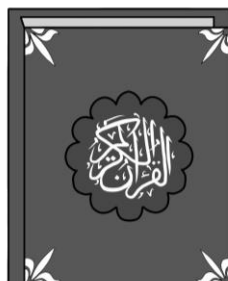
Crédito: Liriel Gonçalves

⁹ Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lua-crescente-estrela/>> Acesso em: 20 nov. de 2022.

¹⁰ Disponível em: <<https://iqaraislam.com/caaba>> Acesso em: 20 nov. de 2022.

3. Alcorão: Livro sagrado do Islamismo¹¹. Abre o capítulo 3.

Figura 4. Alcorão.



Crédito: Liriel Gonçalves

4. Mulher: Muçulmana ajoelhada em posição de oração. Abre o capítulo 4.

Figura 4. Muçulmana rezando.



Crédito: Liriel Gonçalves

2.2 Processo de edição

Antes de iniciarmos a escrita do livro, nós definimos que o capítulo um seria o primeiro a ser redigido e nele abordamos como elas conheceram o Islamismo e o processo de reversão, ou seja, o início de suas vidas na nova religião. Para isso, visitamos as gravações que tinham sido feitas na primeira entrevista e selecionamos

¹¹ Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lua-crescente-estrela/>> Acesso em: 20 nov. de 2022.

as informações a serem usadas. No dia 2 outubro, iniciamos o processo de escrita em uma videochamada. Inicialmente, decidimos escrever as histórias de todas as fontes conjuntamente e assim, com base no que ouvíamos nas entrevistas (em que as fontes falavam sobre os temas que iriam compor o primeiro capítulo), pudemos trabalhar o texto em um documento compartilhado no *Google Docs*. Decidimos usar essa ferramenta pois todas nós conseguíamos ver e acompanhar o que cada uma estava escrevendo naquele momento, então é um meio mais prático. Além disso, nossa orientadora, a professora Maria Lúcia, também tinha acesso ao *doc*, então, toda vez que finalizávamos um capítulo, ela era avisada e, posteriormente, realizava todos os comentários e correções necessárias por esse mesmo documento.

Neste primeiro capítulo, iniciamos com a história de Patrícia Ribeiro, a nossa fonte mais antiga dentro do Islam. Ela nos contou toda a sua trajetória até a reversão, como conheceu a religião e por qual motivo se interessou. Para finalizar, Rosario nos contou, sem receios, o que a motivou em seu processo de reversão. Mesmo tendo decidido que os especialistas apareceriam apenas no prólogo, vimos a necessidade de encaixá-los algumas vezes no decorrer do livro, e o fizemos.

A princípio, enfrentamos dificuldades em encontrar um estilo de escrita que nos agradasse, contudo, optamos por conduzir os relatos de maneira mais jornalística e menos poética possível. Depois dessa primeira experiência, percebemos que escrever em conjunto não seria a melhor forma de produzir os capítulos, pois perdíamos muito tempo com as três integrantes focadas em apenas uma fonte e o processo se tornava cansativo, prejudicando a escrita. Ainda assim, quando começamos a produção do capítulo dois, escrevemos a história de duas fontes conjuntamente, porém, depois decidimos nos dividir para terminar o capítulo e cada uma ficou responsável por redigir as histórias de duas entrevistadas. Posteriormente, nos reunimos na vídeo chamada novamente para juntar essas partes, na qual conferimos se nossos estilos de escrita eram os mesmos e “ligamos” a história de uma personagem com a outra entre os parágrafos.

Já para o capítulo dois, as participações das fontes especializadas foram reduzidas, já que, além deles e das fontes primárias, seriam apresentados os familiares e colegas das entrevistadas. Optamos pela entrada dos parentes apenas no capítulo dois, posto que esse capítulo foi pensado exclusivamente para abordar as relações familiares. Esta parte, iniciamos com a história de Patrícia Samanta, que descreveu a sua reversão com as dificuldades que encontrou para exercer a sua

crença em seu âmbito familiar. Para finalizá-lo, narramos o processo de Patrícia Ribeiro e o acolhimento que ela teve de sua família em sua reversão.

No capítulo três, definimos uma nova separação de fontes com que cada uma ficaria responsável. Por serem oito personagens e três integrantes, a divisão foi repartida conforme a densidade dos conteúdos: Camila e Caroline ficaram encarregadas por três entrevistadas cada uma e Paloma ficou com duas, sendo uma delas a Rosario, que tem a história mais densa. O tema tratado neste capítulo foi a violência (física e verbal) que as nossas fontes sofreram após o período de reversão. Por se tratar de um tema sensível, escolhemos Elayne para abrir o capítulo, por ter sofrido agressão verbal, negligência médica e perseguição; fechamos o terceiro capítulo com o relato de Rosario, que sofreu com o *bullying* por conta da religião. Esta parte do livro retrata as dificuldades que as nossas personagens enfrentaram ao assumirem a sua crença no Brasil. Elas nos relataram todas as adversidades e inconveniências que enfrentaram; em alguns casos, as fontes se emocionaram ao relatar a agressão, como foi a situação de Rosario.

Em nosso último capítulo, seguindo a mesma estrutura das partes anteriores e divisão de fontes do capítulo três, iniciamos o relato pessoal de nossas fontes sobre a sua crença, relação com Deus e suas vestimentas. Nesta parte do livro, elas explicam o que o *hijab*, Alá e a crença representavam para elas. Cada uma com a sua própria percepção, nos responderam de diferentes formas o simbolismo que a religião e os seus dogmas representam para si mesmas. Iniciamos o capítulo com Rosario, sendo a nossa personagem mais nova em idade, e que nos informou o quanto o Islam impactou positivamente em sua vida para enfrentar todas as adversidades que encontrou no caminho. Para finalizar, transcrevemos o relato de Patrícia Samanta, uma de nossas fontes que mais nos apresentou os efeitos do Islam em sua trajetória. De acordo com ela, a religião a fez mais caridosa e mais paciente.

Por último, escrevemos o prólogo e o epílogo, que foram produzidos em conjunto porque o conhecimento de todas precisaria ser somado na construção dos textos de abertura e finalização, principalmente no epílogo, em que trouxemos uma visão mais pessoal sobre o que achamos das histórias que contamos no decorrer do livro. Após a finalização da escrita do livro, começamos, juntamente com a nossa orientadora, um processo de revisão de todas partes da obra (além das correções que já eram feitas cada vez que um capítulo ficava pronto). Corrigimos todos os erros que

encontramos e adicionamos algumas informações que estavam faltando, também fizemos a dedicatória, agradecimentos e referências bibliográficas.

Quanto à parte gráfica do projeto, a capa foi produzida pela integrante Caroline Mendes e a diagramação foi realizada pela Camila de Paula. Após todas as estampas terem sido finalizadas, os arquivos da capa e o documento com o conteúdo foram enviados para a gráfica para que o livro fosse impresso.

2.3 Projeto/proposta de divulgação

Escolhemos o *Instagram* (@livrorevertidas) como principal meio de divulgação, uma vez que a plataforma é a 3ª rede social mais usada no Brasil, com 122 milhões de usuários¹². Logo, através da plataforma é possível alcançar mais pessoas pertencentes ao público-alvo.

Elaboramos um cronograma de publicação com o objetivo de mantermos uma constância organizacional. Optamos por publicar os conteúdos por um período de 8 dias a partir do dia 29 de novembro. Em dois dias fizemos duas publicações e nos demais apenas uma. Além disso, estabelecemos horários específicos para cada uma das postagens, sendo elas, 10h e 17h.

Para as artes dos posts, decidimos utilizar a mesma identidade visual da capa. Para instigar o público, decidimos fazer um post para cada personagem, apresentando-as.

Tabela 1. Cronograma de Postagens no *Instagram*

ORDEM	DATA	HORÁRIO	FORMATO	DESCRIÇÃO	LEGENDA
1	29/11	10h	Publicação no Feed	Quem somos / O que é o projeto	Olá! Como está? Somos Camila de Paula, Caroline Mendes e Paloma Ruiz, estudantes de jornalismo da PUC-Campinas. Queremos te apresentar o nosso projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, o livro “Revertidas - Histórias de um retorno para Alá”. A obra visa contar as narrativas de mulheres

¹² Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20report,com%20122%20milh%C3%B5es%20de%20usu%C3%A1rios.>>> Acesso em: 21 nov. de 2022.

					<p>muçulmanas revertidas brasileiras e como elas lidam com a fé no dia a dia. Além do enfoque na religião, tratamos sobre outros aspectos das vidas dessas mulheres, tais como o preconceito, o processo de reversão, as transformações que a fé provocou na vida delas e as relações com os seus familiares e com a comunidade muçulmana. Siga o perfil e continue acompanhando as postagens, logo mais apresentaremos as personagens principais da obra!</p>
2	30/11	10h	Publicação no Feed	Apresentação da personagem Amirah	<p>A primeira personagem que apresentamos à você é a Amirah Costa (@amirah_costa)! Nascida em Vila Velha (ES), tem 36 anos e atualmente mora em Londres. É casada e mãe de duas filhas, de 6 e 3 anos. Trabalha como auxiliar de limpeza e nas horas livres gosta de usar a internet, assistir filmes, ficar nas redes sociais, de ler e de aprender idiomas.</p>
3	30/11	17h	Publicação no Feed	Apresentação da personagem Assyiah	<p>Agora, vamos te apresentar a Assyiah Paltrinieri (@assyiahpaltrinieri). Nascida em Campinas (SP), tem 39 anos, é revertida há 4 anos e trabalha como auxiliar de dentista. Gosta de viajar, estudar, conhecer coisas novas e as suas grandes paixões são: arte, teatros e livros.</p>
4	01/12	10h	Publicação no Feed	Apresentação da personagem Elayne	<p>Olá! Hoje vamos apresentar à você a terceira personagem do livro, Elayne Gonçalves (@elaycris41)! Nascida em Maceió (AL), tem 46 anos e é revertida há 1 ano. Tem dois filhos, uma de 25 anos e outro de 12 anos. É teóloga por</p>

					<p>formação, mas trabalha como recepcionista em uma Unidade Básica de Saúde. Tem como <i>hobbies</i> assistir filmes, visitar a família, ir a um bom restaurante e viajar.</p>
5	01/12	17h	Publicação no Feed	Apresentação da personagem Elizabete	<p>Apresentamos agora a quarta personagem, Elizabete Reis (@elizabeteresestilo)! Nascida em São Vicente (SP), tem 45 anos e atualmente mora em São Paulo. É consultora de moda, casada e revertida há 14 anos. Nas horas vagas gosta de fazer comida, de estar com o seu marido e ir para o cinema com ele, principalmente se estiver passando um filme da <i>Marvel</i>. Ama gatos, trabalhos manuais como o bordado, pintura e desenho. Também adora jogos, como <i>Minecraft</i> e <i>The Sims</i>.</p>
6	02/12	10h	Publicação no Feed	Apresentação da personagem Marcilia	<p>E aí, tudo bem? Hoje vamos te apresentar a Marcilia Vital (@marcilia_vital)! Nascida em Oliveira (MG), tem 43 anos, atualmente mora em Campinas e é revertida há 9 anos. Trabalha como diarista, é casada e mãe de dois filhos, uma de 26 anos e outro de 23 anos. Gosta de cozinhar, realizar trabalhos voluntários e estar ao lado de amigos, seja em casa ou em passeios.</p>
7	03/12	10h	Publicação no Feed	Apresentação da personagem Patrícia Ribeiro	<p>Olá! Vamos te apresentar a Patrícia Ribeiro (@patijia), nossa sexta personagem do livro! Nascida no Rio de Janeiro (RJ), tem 43 anos e mora em Londres há 14 anos. É casada e mãe de dois filhos, de 12 e 7 anos. Trabalha como <i>personal assistant</i> (assistente pessoal) e é revertida há 20 anos. Tem</p>

					como <i>hobby</i> principal a musculação, gosta de estudar e ama ser mãe dos seus pequenos.
8	04/12	10h	Publicação no Feed	Apresentação da personagem Patrícia Samanta	Hoje você conhecerá a Patrícia Samanta (@biscuit_dapaty)! Nascida em Sumidouro (RJ), região serrana do Rio de Janeiro, tem 34 anos, é casada e mãe de duas meninas: uma de 16 anos e outra de 12 anos. É revertida há 7 anos e entre os seus <i>hobbies</i> favoritos estão viajar e o artesanato com <i>biscuit</i> , que é a sua profissão.
9	05/12	10h	Publicação no Feed	Apresentação da personagem Rosa	Olá! Hoje vamos apresentar a oitava e última personagem do nosso livro, a Rosa Moreira (@rosae.ya)! Nascida em São Paulo (SP), tem 19 anos, é estudante de direito e revertida há 3 anos. A jovem é apaixonada por aprender coisas novas, e entre os seus <i>hobbies</i> preferidos estão a leitura, o bordado e o desenho.
10	06/12	10h	Publicação no Feed	Livro está disponível	Chegamos ao fim das apresentações das personagens, queremos te agradecer por nos acompanhar até aqui! Colocamos todos os nossos esforços neste projeto para entregar um trabalho maravilhoso. Somos gratas a todas as mulheres pela colaboração e por terem aceitado nosso convite, vocês foram essenciais para a nossa formação! Para finalizar, estamos disponibilizando o PDF do nosso livro, é só clicar no link da bio. Tenha uma boa leitura!

Fonte: Elaboração Própria

2.4 Custos e gastos

A maior parte da produção foi feita de forma remota, com as entrevistas sendo realizadas por vídeo-chamadas. A entrevista com a Marcília e a Assyiah, que são Campinas, ocorreu presencialmente. A equipe se deslocou até o bairro Jardim Santa Cruz, com equipamentos próprios, para poder captar as sonoras das entrevistadas. Além disso, tivemos custos com as ilustrações internas e com um programa de gerenciamento de redes sociais, que publicava automaticamente os *posts* no perfil do *Instagram* de divulgação do livro.

Tabela 2. Gastos e custos

OCASIÃO	GASTO	CUSTO GRUPO
ENTREVISTA COM MARCÍLIA E ASSYIAH	Uber	R\$ 80,20
PRODUÇÃO	Ilustrações	R\$ 275,00
GERENCIAMENTO DE REDES SOCIAIS	mLabs	R\$ 7,90

Total: R\$ 363,10

Fonte: Elaboração própria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, P. C. C. **Jornalismo e religião: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-atentados**. Frutal: Prospectiva, 2016.

BERTOLDI, C. R. C.; HEBERLÊ, A. L.O.; SAPPER, S. M. Elementos para uma crítica ao jornalismo como construção da realidade. In: VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação. **Anais** [...] Natal, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Heberle/publication/239549025_Elementos_para_uma_critica_ao_jornalismo_como_construcao_da_realidade_1/links/5531935e0cf27acb0dea98eb/Elementos-para-uma-critica-ao-jornalismo-como-construcao-da-realidade-1.pdf> Acesso em: 18 nov. de 2022.

FERREIRA, F. C. B. Redes Islâmicas em São Paulo: “Nascidos muçulmanos” e “revertidos”. **Revista Litteris**, n. 3, p. 1-27, nov. de 2009. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/30427240/FCBF_-_2009_REDES_ISLAMICAS_EM_SAO_PAULO-libre.pdf?1390974416=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DRedes_Islamicas_em_Sao_Paulo_nascidos_mu.pdf&Expires=1668818069&Signature=Eg~xqtZAHwndZUpUk3g5p~xGP19SImlVrT6XZ~rJvvFXDVO1SrEqmrQPw5mtGyzVSQNsYpSdpBFHzWBH-ur0oDXM9svhZkgHSkeyRL7qH2YFijHEqJCz50WJKBsJvu~ip4xLT90Bppv~FvixAhnF0Q1u0J8h---FhZBR2MOJb6r2ocoCq-FRbldUCZKIJU-RH24HzTpvjba02IJ2ZDbcZmQI5owKEaH150NFxCdS3yC3MG4AgAzGp2RC0xTa2z6zBg1XlgXxS-XXweXvis3viDRukJvkYQqXoNn0FZoPXbt2Pzqx2o4H2d5SrijWXg04LnkTR8ZXSI-YhiNV0u6-KPg_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA> Acesso em: 18 nov. de 2022.

LIMA, C. R. **DA BÍBLIA AO ALCORÃO: Desconstruções e (re)construções simbólicas no processo de reversão ao Islã no Brasil**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/25610/Cesar%20Rocha%20Lima.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 18 nov. de 2022.

MARCHIORI, B. Mulheres não nascidas muçulmanas, mas que decidem seguir o islã, sofrem mais preconceito. **Jornal da USP**, São Paulo, 30 mar. de 2022. Disponível em <<https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-nao-nascidas-muculmanas-mas-que-decidem-seguir-o-islã-sofrem-mais-preconceito/>> Acesso em: 23 nov. de 2022.

MENDES, A. M.; DORNELAS, R. De qual muçulmano estamos falando? Ancoragem e objetivação na representação do islamita pela revista Istoé. **Intexto**, Porto Alegre, n. 44, p. 28-56, jan.-abr. 2019. Disponível em <[file:///C:/Users/19685932/Downloads/78081-Texto%20do%20artigo-356447-3-10-20181212%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/19685932/Downloads/78081-Texto%20do%20artigo-356447-3-10-20181212%20(1).pdf)> Acesso em: 23 nov. de 2022.

MUBARACK, C. **Introdução ao Islamismo**. Junta de Missões Mundiais, Sevilla, 2014.

OLIVEIRA, A. S.; BERND, Z. Livro-reportagem: um produto cultural a serviço da memória: uma análise da obra Uma Questão de Justiça da jornalista canadense Isabel Vincent. **Interfaces Brasil/ Canadá**, v. 21, p. 1-25, 2021. Disponível em: <[file:///C:/Users/P%20A%20L%20O%20M%20A/Downloads/21478-77083-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/P%20A%20L%20O%20M%20A/Downloads/21478-77083-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 23 nov. de 2022.

ROCHA, P. M.; XAVIER, C. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores**, v. 7, n. 14, jul-dez 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>>. Acesso em: 23 nov de 2022

RUIC, G. Os números do islamismo, a religião que mais cresce no mundo. **Exame**, 06 mar. de 2017. Mundo. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/os-numeros-do-islamismo-a-religiao-que-mais-cresce-no-mundo/>> Acesso em: 23 nov de 2022

SILVA, G. C. **Jornalismo Literário**: Uma introdução. Brasília: editora Casa das Musas, 2010.

USO de internet, televisão e celular no Brasil. **IBGE Educa**, 2021. Disponível em: Anais do XXVI Encontro de Iniciação Científica – ISSN 1982-0178 Anais do XI Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – ISSN 2237-0420 26 e 27 de outubro de 2021 <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materiasespeciais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celularno-brasil.htm>> Acesso em: 18 nov. de 2022.

VILARDO, B. O. L. O livro-reportagem no contexto do jornalismo e o correspondente internacional como jornalista-autor. **Revista Miguel**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 55-71, jan.-jun. 2020. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/48591/48591.PDF>> Acesso em: 12 nov. 2022.

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

297.082
P324r

Paula, Camila Fernanda de

Revertidas: histórias de um retorno para Alá / Camila Fernanda de Paula, Caroline Mendes Moreira, Paloma Pereira Ruiz. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

104 f.: il.

Orientador: Maria Lúcia de Paiva Jacobini.

TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Muçulmanas. 2. Mulheres no islamismo. 3. Islamismo - Brasil. I. Moreira, Caroline Mendes. II. Ruiz, Paloma Pereira. III. Jacobini, Maria Lúcia de Paiva. IV. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. V. Título

CDD - 22. ed. 297.082

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

FACULDADE DE JORNALISMO

CAMILA FERNANDA DE PAULA

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**COBERTURA DO TERRORISMO: A presença do Islamismo e do muçulmano no
caso *Charlie Hebdo***

CAMPINAS

2022

Camila Fernanda de Paula

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**COBERTURA DO TERRORISMO: A presença do Islamismo e do muçulmano no
caso *Charlie Hebdo***

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA E PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO (TCC) da Faculdade de Jornalismo, da PUC- Campinas, como exigência para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Marcel Cheida.

PUC- CAMPINAS

2022

1. Introdução

A sátira é uma técnica artística ou literária que critica determinados aspectos da sociedade utilizando o humor e a ironia com o propósito de chamar a atenção para alguma temática, “funciona como uma representação divertida e crítica do mundo” (FERROS, 2017, p. 14). O jornalismo satírico, como o próprio nome diz, faz o uso desse gênero, no qual julga e ataca os alvos de seus conteúdos por meio da zombaria e do ridículo, sempre com o objetivo de causar o riso do público (GUIMARÃES, 2013, p. 47).

O *Charlie Hebdo* é um jornal semanal francês no qual a linguagem jornalística é elaborada satiricamente, como uma forma de crítica e denúncia. O periódico possui um longo histórico de atritos com os muçulmanos¹ desde 2006, quando começou a reproduzir charges ofensivas de Maomé, profeta do Islamismo², e a dirigir insultos contra certas práticas da religião³. As piadas com Maomé continuaram ao longo do tempo, causando uma revolta nas associações muçulmanas francesas e internacionais.

As publicações satíricas feitas sobre o profeta geraram reações, e a mais violenta delas levou o jornal a ser alvo de um atentado terrorista no dia 7 de janeiro de 2015, que deixou 12 pessoas mortas⁴. Os autores do ataque, os irmãos Said e Cherif Kouachi, diziam estar vingando Maomé das piadas que foram feitas pelo *Charlie Hebdo*.

A repercussão do atentado foi amplamente veiculada pela mídia, incluindo o Brasil, e matérias que noticiavam o ataque foram publicadas pelos principais veículos de comunicação nacionais. Porém, quando atos terroristas se tornam a principal pauta da imprensa, é comum ser atribuído um caráter negativo aos muçulmanos e ao Islamismo, tratando-os como se todos fossem, de fato, agentes de terrorismo.

Portanto, o objeto central desta pesquisa foi ler e estudar obras acadêmicas e literárias que investigaram e analisaram a presença do muçulmano e da religião Islã

¹ Muçulmano é o nome dado aos seguidores do Islamismo (ALVES, 2016, p. 119).

² O Islamismo é uma religião monoteísta fundada pelo profeta Maomé (ALVES, 2016, p. 119).

³ Disponível em: <<https://www.conexaoparis.com.br/por-que-cibla-do-atentado-foi-charlie-hebdo/amp/>> Acesso em: 10 set. 2022.

⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>> Acesso em: 04 jun. 2022.

nos conteúdos produzidos pelo *Charlie Hebdo* e pelos veículos de comunicação brasileiros que realizaram a cobertura sobre o atentado terrorista cometido contra o jornal francês.

As obras analisaram três edições do *Charlie Hebdo* que foram publicadas antes do ataque de 2015 e que traziam o profeta Maomé como foco principal de suas charges, além de materiais que foram publicados pelos veículos Folha de S. Paulo, Veja, Época e Istoé nos dias após o atentado. Por meio do estudo dessas publicações, também foi verificado quais foram os termos e recursos utilizados por esses veículos que reforçaram preconceitos e estereótipos negativos já relacionados à comunidade muçulmana.

Isto posto, a metodologia utilizada foi a Pesquisa Bibliográfica, que permitiu uma maior investigação dos fenômenos se comparado às pesquisas realizadas diretamente pela fonte (GIL, 2008, p. 50). Segundo Stumpf (2011, p. 51), a Pesquisa Bibliográfica é a produção de um texto sistematizado no qual o pesquisador expõe os resultados que obteve por meio da leitura de obras que já estudaram o problema que teve interesse em investigar e solucionar.

Portanto, foi realizada, primeiramente, uma seleção de livros que refletem acerca do jornalismo: seus fundamentos, bem como os principais elementos do jornalismo impresso, no qual foi estudado mais a fundo sobre como essa atividade é praticada pelos jornalistas e como ela é capaz de influenciar na realidade e no pensamento da sociedade.

Posteriormente, foram selecionadas obras que apresentaram as principais características do gênero jornalístico satírico, para um entendimento maior sobre o estilo de crítica e conteúdo que é produzido pelo *Charlie Hebdo*. Por fim, foram escolhidas obras que analisaram as três edições publicadas pelo *Charlie Hebdo*, as quais traziam a representação do profeta Maomé na capa (sendo esse um dos principais motivos que levaram o jornal a ser atacado) e que analisaram como foi realizada a cobertura do atentado pelos veículos Folha de S. Paulo, Veja, Época e Istoé.

Após essa seleção, foi realizada a leitura e fichamento de todos os títulos escolhidos, na qual foram registrados dados, informações e resultados expostos pelos

autores que confirmaram a presença de estereótipos e preconceitos contra o Islã e os muçulmanos nos conteúdos produzidos pelos veículos de comunicação aqui já citados.

As informações coletadas nestas obras serviram como base teórica para a construção e fundamentação do texto deste relatório de pesquisa bem como para o desenvolvimento das ideias que foram apresentadas nos tópicos de revisão bibliográfica.

2. Tópicos da revisão bibliográfica

O jornalismo satírico utiliza o humor para realizar críticas nos conteúdos que produz, principalmente políticas, no qual ataca os seus alvos por meio da ironia e do ridículo. A sátira, principal recurso de linguagem usado por esse gênero, tem justamente o propósito de criticar certos campos da sociedade por meio da comicidade (FERROS, 2017, p. 15).

Os jornais satíricos utilizam a linguagem humorística como uma forma de expressar suas opiniões, diferenciando-se da posição editorial do jornalismo informativo. Como afirma Sousa (2001, p. 139), enquanto o jornalismo informativo busca descrever e relatar os acontecimentos sem a interferência direta do repórter, o opinativo traz uma perspectiva pessoal do jornalista sobre o fato.

Segundo Guimarães (2013) o jornalismo satírico também possui periodicidade e um caráter noticioso, como no jornalismo tradicional, pois traz fatos e informações verdadeiras em seus conteúdos, mesmo que utilizando o humor e a sátira. “O jornalismo satírico é, também, uma forma de construção social com propósitos humorísticos e uma interpretação muito própria da realidade sob a forma de sátira.” (GUIMARÃES, 2013, p. 43).

No Brasil, o **O Pasquim** foi um grande exemplo de jornal satírico que marcou a história do país. Criado em 26 de junho de 1969, foi lançado durante o Regime Militar no Brasil (1964 –1985), um período que a imprensa sofria graves repressões e censuras das autoridades (VAUCHER, 2012, p. 3). **O Pasquim** criticava, através do humor, a conduta da classe média brasileira e os bons costumes que eram defendidos pelos militares.

O Pasquim que foi criado em 1969 existiu até 1991, passando por vários momentos, servindo de exemplo de jornalismo tanto para os demais jornais alternativos, bem como para a grande imprensa e revistas. Serviu de escola para importantes jornalistas e desenhistas nacionais. Mas sua principal contribuição foi o fato de em meio aos anos tumultuados do Regime Militar, à censura, crises financeiras e desentendimentos internos, O Pasquim resistiu e sobreviveu para contar a história do Brasil no período em que existiu (VAUCHER, 2012, p. 9).

Um dos mais famosos e polêmicos jornais satíricos da atualidade é o *Charlie Hebdo*⁵, um periódico semanal francês que aborda em seus conteúdos situações internas da França sob a forma de sátira, porém, também abre espaço para criticar assuntos exteriores (SOUSA, 2019, p. 21). O principal propósito das suas publicações é fazer críticas as mais diversas religiões, como o Cristianismo e o Judaísmo. Porém, os alvos centrais do jornal são o Islamismo e os muçulmanos, que são constantemente representados de forma humilhante e ofensiva em seus conteúdos⁶.

Segundo Sousa (2019, p. 73), o objetivo editorial do *Charlie Hebdo*⁷ é ridicularizar, depreciar e subjugar os muçulmanos que residem na França e fora dela, envergonhando-os de modo a colocá-los em um patamar de menosprezo. A principal forma de sátira utilizada pelo semanário é a charge, um desenho de humor ligado a contextos sociais (MAGGIONI, 2011, p. 26). No entanto, o sentido da charge ultrapassa o desenho e passa a se referir a fatos de caráter econômico e político, trabalhando os acontecimentos em forma de crítica.

De acordo com Maggioni (2011), a charge possui uma natureza opinativa, já que traz uma visão muito pessoal do chargista, sempre com a intenção de denunciar e promover a reflexão. “Pode-se explicitar o caráter opinativo da charge e sua complexidade enunciativa, devido ao número de sujeitos envolvidos neste processo e

⁵ O *Charlie Hebdo* foi criado em outubro de 1960 pelos escritores franceses François Cavanna e George Bernier, que também era conhecido como professor Choron, e levava o nome de *Hara-Kiri*, que posteriormente foi trocado para *Hara-Kiri Hebdo* em fevereiro de 1969. No dia 16 de novembro de 1970, o semanário é banido por Raymond Marcellin, o então Ministro do Interior da França, que ordenou a censura do jornal, oficialmente, por publicar conteúdos pornográficos. Em 23 de novembro de 1970, Cavanna e Choron, juntamente com toda a equipe editorial do antigo *Hara-Kiri Hebdo*, lançam outro periódico para despistar a censura do governo, chamado *Charlie Hebdo* (Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/pages/histoire/>> Acesso em: 27 out. 2022).

⁶ Em setembro de 2020, Antonio Fischetti, jornalista do *Charlie Hebdo* desde 1997, declarou que o jornal tinha uma tiragem de 55.000 cópias por semana (Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-france-charliehebdo-idUSKBN25Y1AG>> Acesso em: 27 out. 2022).

⁷ A sede do *Charlie Hebdo* está localizada em Paris, França, e seu editor-chefe atual é Laurent "Riss" Sourisseau (Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/>> Acesso em: 27 out. 2022).

as estratégias persuasivas usadas para cativar o enunciário.” (MAGGIONI, 2011, p. 31).

Deste modo, o *Charlie Hebdo* utiliza a charge como principal método para realizar suas críticas ao Islã e produzir representações ofensivas dos muçulmanos com a justificativa de que está denunciando e combatendo o fundamentalismo islâmico (SOUSA, 2019, p. 93). Segundo o autor, as charges que reproduzem Maomé, profeta do Islamismo, são as que causam mais desconforto na comunidade islâmica, já que elas geralmente associam o profeta ao terrorismo.

O Islã ganha espaço nas capas do *Charlie Hebdo* muito antes dos anos 2000. Desde a década de 1992, já se encontravam algumas representações críticas a essa religião, mas, no decorrer da primeira década do século XXI, as representações a respeito do Islã e dos muçulmanos angariaram não somente uma noção pejorativa, mas também violenta, sob o manto de que combatia o fundamentalismo islâmico. O *Charlie Hebdo* divulga uma série de charges contendo descrições e associações do Islã e dos muçulmanos com o extremismo e a violência (SOUSA, 2019, p. 92).

No dia 8 de fevereiro de 2006, o *Charlie Hebdo* publicou uma edição que trazia em sua capa uma charge do profeta Maomé com vestimentas pretas e com as mãos no rosto, como um sinal de desespero⁸. Duas mensagens chamam a atenção na capa: uma é “Maomé oprimido pelos fundamentalistas”, e a outra “É duro ser amado por idiotas”, como se Maomé falasse a frase.

Segundo Sousa (2019, p. 94) a charge relaciona estereótipos genéricos à comunidade muçulmana, já que ao dizer “É duro ser amado por idiotas”, associa diretamente o Islã ao terrorismo e coloca os fiéis islâmicos no mesmo nível que os radicais extremistas, ou seja, o jornal erra ao não fazer uma distinção entre esses dois grupos.

Outra edição do periódico que causou bastante polêmica no mundo muçulmano foi a publicada no dia 2 de novembro de 2011, na qual há uma charge do profeta Maomé falando a seguinte frase: “100 golpes de chibata se você não morrer de rir”⁹. Além disso, o jornal troca o seu nome *Charlie Hebdo* para “Charia Hebdo”, como uma

⁸ Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/07/album/1420632020_829679.html#foto_gal_1> Acesso em: 24 set. 2022.

⁹ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/12/capa-charlie-hebdo-chibatadas.png>> Acesso em: 24 set. 2022.

associação para a palavra “Sharia”, termo que se dá para as leis islâmicas (SOUSA, 2019, p. 95).

Nessa edição, o jornal realiza um jogo que “faz o leitor associar a presença significativa de muçulmanos na França com a imposição da ‘violenta’ Sharia, essa que seria capaz de golpear alguém com chibata.” (SOUSA, 2019, p. 95). Ainda segundo o autor, o *Charlie Hebdo*, mais uma vez, faz o uso de generalizações para tentar convencer o seu público de que o Islã é uma religião violenta, e que sua presença no país ameaça a liberdade da civilização francesa ao tentar “estabelecer” a Sharia.

No dia 01 de outubro de 2014, outra edição polêmica foi publicada pelo jornal, que traz, novamente, uma representação de Maomé. Desta vez, o profeta aparece ajoelhado e sendo ameaçado com uma faca no pescoço por um homem de rosto coberto¹⁰. No topo da imagem há a frase “Se Maomé regressar”, e enquanto Maomé fala: “Eu sou o profeta, idiota”, seu carrasco responde: “Te cala, infiel”.

Segundo Sousa (2019, p. 106), essa é uma das charges mais ofensivas que o *Charlie Hebdo* já fez em relação ao Islamismo, pois, além de representar a face de Maomé, atitude considerado condenável pelo Islã, o jornal coloca o profeta em uma situação de ameaça e humilhação, o que causou a ira da comunidade muçulmana.

A crítica da charge remete às ações violentas que o Estado Islâmico causou na Síria e no Iraque entre os anos de 2012 e 2014. Mas, mesmo que o alvo principal da charge seja o grupo extremista, o *Charlie Hebdo*, mais uma vez, apela à ridicularização do Islã e não faz as distinções necessárias entre religião e terrorismo diante de uma sociedade que teme ser “islamizada” gradualmente (SOUSA, 2019, p. 107).

Todas essas representações negativas do Islã e do profeta Maomé fizeram com que entidades islâmicas entrassem com ações judiciais contra o *Charlie Hebdo*, com pedidos de indenização e para que o jornal retirasse de circulação edições que traziam essas charges ofensivas. Porém, as solicitações foram negadas pela justiça francesa, com a alegação de que os desenhos se referiam apenas aos grupos extremistas, e não à religião. Sousa (2019) afirma:

¹⁰ Disponível em: <https://classic.exame.com/wp-content/uploads/2016/09/size_960_16_9_676.jpg?quality=70&strip=info&w=920> Acesso em: 24 set. de 2022.

O *Charlie Hebdo* age de maneira irresponsável ao utilizar o seu direito a livre manifestação como arma para incitar o ódio e a ridicularização dos muçulmanos. É possível sugerir que esse periódico é o principal difusor da islamofobia na contemporaneidade, pois ele explora, a partir de rótulos e generalizações, o medo da figura do muçulmano que existe no Ocidente desde 2001, após os atentados de 11 de Setembro (SOUSA, 2019, p. 119).

Essas charges destinadas ao Islã e que traziam representações do profeta Maomé acarretaram consequências ainda maiores para o *Charlie Hebdo*. No dia 7 de janeiro de 2015, a sede do jornal satírico francês, em Paris, foi alvo de um atentado terrorista que deixou 12 pessoas mortas, entre elas, o diretor do jornal e caricaturista Stéphane Charbonnier, o Charb (SOUSA, 2019, p. 21). Os autores do ataque foram os irmãos Said e Cherif Kouachi.

Assim como todos os casos de grandes atentados terroristas, o cometido contra o *Charlie Hebdo* foi amplamente veiculado pela mídia de todo o mundo, afinal, como afirma Correia (2009, p. 13): “o jornalismo refere-se a objetos, pessoas e estados de coisas do mundo que se identificam relevantes e atuais”. Pode-se entender por “relevante” no sentido que interfere e gera consequências sobre a vida do leitor ou ouvinte, e “atual” no sentido de acontecimentos que se desenrolaram há pouco tempo e possuem uma espécie de urgência.

Porém, essa atenção dada pela mídia nesses tipos de situações acaba gerando consequências para o Islamismo e a comunidade muçulmana, pois, assim como as charges feitas pelo *Charlie Hebdo*, os conteúdos produzidos por esses veículos também são acompanhados, geralmente, de preconceitos e estereótipos negativos que mancham a imagem do muçulmano. “Na maioria das vezes em que o Islã é noticiado não deixa de ser evidenciada sua *face assustadora*.” (MONTENEGRO, 2002, p. 70, grifo do autor).

Ao darem destaque a essa face assustadora, como descrito por Montenegro (2002), os veículos de comunicação colocam o Islã em uma posição desfavorável e contrária aos valores que são prezados pela sociedade em que atuam, principalmente no que diz respeito à sociedade ocidental, pois “os grupos sociais que atuam fora do consenso são vistos como marginais e a sua marginalidade é tanto maior quanto mais se afastarem do social legitimado, através da afirmação e da demonstração de atos de violência” (TRAQUINA, 2005, p. 198).

Além disso, segundo Correia (2009, p. 119), os veículos de comunicação são uma das instituições que ajudam a formar a nossa visão de mundo, principalmente no que diz respeito a outras culturas, pois, na maioria das vezes, o público não possui contato direto com os personagens das reportagens, possuindo apenas a imagem que é reproduzida pelo jornalista. Como reforça Lage (2001, p. 09): “o repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser o ouvido e olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”.

Porém, de acordo com Correia (2009, p. 119), o grande problema de o público ter acesso apenas à visão do jornalista sobre os fatos é que, normalmente, ele faz a representação dos personagens envolvidos de forma dualista, o que gera uma dicotomia “Nós e Eles”, criando estereótipos que associam determinadas características a todos os integrantes de um grupo.

Constrói-se, assim, uma narrativa estandardizada e estereotipada que é pensada de modo a superar os constrangimentos espaciais e temporais e a conquistar audiências. O jornalismo recorre a dispositivos retóricos, estereótipos e tipificações rápidas e já prontas que se expressam em determinadas convenções narrativas (práticas discursivas susceptíveis de serem estudadas e detectadas) e organizacionais que orientam as formas de selecionar e enquadrar e categorizar as representações dos acontecimentos e dos seus protagonistas (CORREIA, 2009, p. 172).

Portanto, é justamente essa reprodução de estereótipos negativos realizada pela mídia quando noticia os fatos sobre atentados terroristas que acabam ajudando a reforçar preconceitos sobre a comunidade muçulmana, que já são preconcebidos pela sociedade. Como explica Traquina (2005, p. 203, grifo do autor): “o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só *sobre o que pensar* mas também *como pensar*”.

Com o jornalismo brasileiro, essa realidade não é diferente. Depois do atentado cometido contra o *Charlie Hebdo*, os principais veículos do país realizaram a cobertura do acontecimento, na qual seguiram a mesma linha de aplicação de estereótipos negativos às comunidades muçulmanas, como descreve Nóbrega e Mesquita (2015, p. 4): “[...] o Islamismo é mostrado em revistas informativas de circulação nacional com ênfase no extremismo religioso; nas visões sobre o terror e fundamentalismo; em práticas comportamentais consideradas “estranhas” à cultura ocidental [...]”. Folha de

S. Paulo, Veja, Época e Istoé foram veículos que deram grande destaque para esse episódio em suas páginas.

Marchete e Almeida (2021) realizaram uma análise dos textos publicados pela Folha de S. Paulo no dia seguinte do ataque, verificando se houve uma polarização dos grupos e como foi feita a qualificação dos atores envolvidos. Segundo as autoras, a Folha prestava, em algumas ocasiões, um grande enfoque na ascendência dos terroristas que causaram o atentado, associando-os, mesmo que indiretamente, à religião islâmica.

Uma das notícias do jornal, por exemplo, trazia o título: “Terroristas islâmicos matam 12 em jornal de Paris; multidão vai às ruas”¹¹, que seguiu bem a ideia de como devem ser os títulos segundo Sousa (2001, p. 200): “numa frase curta, forte e sedutora”, que chama a atenção do leitor para a notícia.

Ainda segundo Marchete e Almeida (2021, p. 98), os irmãos Said e Cherif Kouachi, perpetradores do atentado, são continuamente associados pelos textos da Folha à sua ascendência árabe¹², à sua religião e ao terrorismo, enquanto os europeus são descritos como as vítimas e grandes defensores dos Direitos Humanos, uma clara associação do quanto o Ocidente é o oposto do Oriente. As autoras concluem:

Por intermédio da análise crítica da representação de grupos envolvidos na cobertura da polêmica, o que se percebe é um esforço, por parte do jornal brasileiro, de representar de forma negativa os Orientais, por meio de estruturas discursivas que estereotipam os islâmicos e reforçam o caráter ameaçador dos terroristas. A repetição constante desta religião e da etnia árabe na cobertura do ataque pode contribuir para que os muçulmanos e árabes sejam tratados com preconceito (MARCHETE; ALMEIDA, 2021, p. 100).

Alves (2016) também analisou os textos da edição da Folha de S. Paulo, publicada em 8 de janeiro de 2015¹³, o dia posterior ao ataque. Segundo os resultados obtidos pelo autor, foram utilizados 11 tipos de tipificações para qualificar os envolvidos, que são: monstros, assassinos, terroristas, islâmicos, franco-árabes,

¹¹ Disponível em: <<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/4/65/97/5976504/600/5976504.jpg>> Acesso em: 05 jun. 2022.

¹² Os árabes são os povos que habitam a península Arábica (ALVES, 2016, p. 118).

¹³ Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20098&anchor=5976504&origem=busca&originURL=&pd=19e87e4fc3159ce70ebe1fb12a352825>> Acesso em: 31 ago. 2022.

homens, atiradores, suspeitos, pessoas, extremistas e autores. Cerca de 45% dessas tipificações são pejorativas, e o termo “islâmico” também foi utilizado para caracterizar os terroristas, gerando, conseqüentemente, uma ligação entre os muçulmanos e os atos violentos que foram cometidos.

Além disso, foram utilizadas três expressões para categorizar o Islã: incompatível com a Europa, radical e fascista. Para Alves (2016), o maior problema dos conteúdos publicados pela Folha de S. Paulo sobre o atentado foi a falta de contextualização do islamismo, que pode contribuir para que os leitores tenham uma imagem errada da religião. “A falha de ‘não contextualizar’ os fatos pode levar o consumidor de notícia a não fazer distinção entre o Islã e o Estado Islâmico.” (ALVES, 2016, p. 101).

O autor conclui sua análise afirmando que é justamente essa falta de distinção entre islamismo e terrorismo que abre espaço para interpretações errôneas, as quais acabam colocando a religião no mesmo patamar dos grupos terroristas que realizam esses ataques. Segundo Alves (2016, p. 105), as matérias apresentam conhecimento histórico, porém, quase nada sobre o Islã é aprofundado, o que estimula casos de preconceito e xenofobia contra os muçulmanos.

Nóbrega e Mesquita (2015) analisaram as reportagens das revistas Veja, Época e Istoé sobre o atentado, verificando, principalmente, como foram feitas as representações dos envolvidos. A edição da Veja publicada em 14 de janeiro de 2015¹⁴ traz em sua capa uma imagem de materiais escolares, como lápis e canetas, dispostos em formato de fuzil, na qual são apresentados como as “armas da civilização”, referenciando que o Ocidente utiliza esses objetos como defesa ao invés das armas de fogo, um dos principais recursos dos radicais.

Segundo os autores, a imagem tenta fazer uma associação de como os ocidentais são pessoas estudadas e civilizadas com as suas “armas da civilização” – lápis, borracha, apontador (objetos de estudo) – enquanto os terroristas, com os seus fuzis, são povos bárbaros que não se inserem no estilo de vida ocidental. Como afirma Correia (2009, p. 120), os veículos de comunicação criam seus conteúdos de acordo com a proximidade cultural, ou seja, realizam enquadramentos na qual o grupo interno

¹⁴ Veja edição nº 2.408, publicada em 14 de janeiro de 2015 (somente versão impressa).

e o grupo externo são retratados pela perspectiva do jornalista, que valoriza as visões e valores do seu grupo e demoniza as visões e valores do outro grupo.

Já as revistas *Época* e *Istoé* demonstraram em suas capas o quanto a liberdade, seja a de expressão ou a de ir e vir, é “ameaçada” pelos terroristas fundamentalistas. A edição da *Istoé* de 14 de janeiro de 2015 traz como manchete a frase “A liberdade resiste”¹⁵, enquanto a edição da *Época* de 12 de janeiro de 2015 apresenta a frase “A liberdade fuzilada”¹⁶.

Segundo Nóbrega e Mesquita (2015, p. 11): “[...] o atentado praticado pelos irmãos Chérif e Said Kouachi contra a redação do Charlie foi interpretado e construído discursivamente também como um crime contra um dos pilares da civilização ocidental”. Os autores ainda destacam como as três revistas, recorrentemente, atribuíram o extremismo somente à causas religiosas, excluindo totalmente as questões políticas.

Mendes e Dornelas (2019) realizaram uma análise da edição da revista *Istoé* sobre o atentado, focando na maneira como os muçulmanos foram representados nas páginas. Na edição de 14 de janeiro, a figura do muçulmano aparece primeiramente quando é apresentado os atores do ataque, os irmãos Kouachi. Além de os vincularem com o grupo Al-Qaeda, é apresentado um infográfico em uma página dupla da revista, na qual:

[...]os muçulmanos são apresentados como pessoas de identidade desconhecida, que portam rifles automáticos e usam máscaras, ou seja, são sujeitos misteriosos (rostos tampados) em ação: pulando o muro, atirando e, portanto, remetendo à periculosidade (MENDES; DORNELAS, 2019, p. 39).

Os autores destacam que a edição da *Istoé* apresentou três “categorias” de muçulmano: o muçulmano terrorista, o bem-sucedido e a vítima. Mas, apesar dessa diferenciação, Mendes e Dornelas (2019, p. 52) afirmam que ainda havia a presença de alguns estereótipos nos textos, e que, apesar da postura da revista para escapar do reducionismo, isso não foi o suficiente para evitar o preconceito sofrido pelos islâmicos.

¹⁵ *Istoé* edição n° 2.354, publicada em 14 de janeiro de 2015 (somente versão impressa).

¹⁶ *Época* edição n° 866, publicada em 12 de janeiro de 2015 (idem).

Os autores concluem que uma estratégia que ajudaria a evitar a vinculação dessa imagem de que todo muçulmano é um terrorista bárbaro “[...] é a produção de matérias que deem destaque a islamitas, homens e mulheres, que atuam na comunidade ocidental, especialmente na brasileira” (MENDES; DORNELAS, 2019, p. 52).

3. Considerações finais

Este relatório de pesquisa teve como objeto central realizar a leitura e o estudo de obras acadêmicas e literárias que analisaram a presença do Islamismo e dos muçulmanos nas páginas do *Charlie Hebdo* e dos veículos de comunicação brasileiros (Folha de S. Paulo, Veja, Época e Istoé) que fizeram a cobertura do atentado terrorista cometido contra a sede do periódico francês no dia 7 de janeiro de 2015. Este estudo também verificou se foram inseridos preconceitos e estereótipos negativos relacionados à comunidade muçulmana nos conteúdos produzidos por essas mídias e como isso foi praticado.

A partir da utilização da Pesquisa Bibliográfica como metodologia, foi possível averiguar e confirmar que tanto o *Charlie Hebdo* quanto os veículos brasileiros empregaram, em seus materiais, termos e recursos estereotipados que reforçam o preconceito contra a religião Islã. Um dos principais pontos observados é que os costumes muçulmanos eram postos como estranhos e inferiores aos valores pregados pela sociedade ocidental, como em um combate entre Ocidente x Oriente.

Ademais, o principal problema encontrado pelos autores, principalmente Sousa (2019) e Alves (2016), é que essas mídias insistem em associar diretamente o Islamismo ao terrorismo, não contextualizando sobre o que é a religião ou a separando dos grupos que praticam atos extremistas. Isso acaba sendo um dos principais causadores do preconceito contra todas as pessoas que seguem essa crença, pois os meios de comunicação fazem parecer, nos seus conteúdos, que todo muçulmano é um agente de terrorismo.

O atentado violento causado pelos irmãos Chérif e Said Kouachi acabou reforçando ainda mais esse preconceito em torno do Islamismo, que já era praticado pelo *Charlie Hebdo* antes do ataque. Segundo os resultados obtidos pelos autores

das obras, os veículos brasileiros repetiam constantemente a crença dos autores do atentado, utilizando o termo “islâmico” para caracterizar os terroristas e o radicalismo. Isso apenas causa uma maior intolerância por parte da sociedade ocidental contra muçulmanos que não tiveram nenhuma relação direta ou indireta com o ato.

A metodologia de Pesquisa Bibliográfica conseguiu atender o propósito deste relatório, pois, a partir da leitura e estudo das obras que já haviam analisado o posicionamento do *Charlie Hebdo*, da Folha de S. Paulo, Veja, Época e Istoé sobre o Islamismo, foi possível confirmar a presença de preconceitos e estereótipos negativos contra a religião e os muçulmanos nos seus conteúdos jornalísticos.

Os apontamentos e resultados apresentados pelos autores foram satisfatórios, suas pesquisas conseguiram demonstrar e comprovar, com êxito, a discriminação que os seguidores do Islã sofreram nos materiais produzidos pelos veículos já citados. Desse modo, é viável concordar com as ideias que articularam e reconhecer que, de fato, esta foi a realidade vivida pelos muçulmanos quando os meios de comunicação realizaram sua representação.

Para outras pesquisas, é interessante estudar e trabalhar com mais profundidade o motivo das mídias insistirem em dar tanto foco no Islã, quando grupos extremistas causam ataques, sem oferecer qualquer tipo de contextualização. Isso possui alguma razão histórica ou política? Além disso, também é relevante averiguar se, quando pessoas de outras religiões cometem atos de violência, sua crença é citada e destacada constantemente nas matérias e reportagens produzidas pelos veículos de comunicação assim como acontece com o Islamismo.

4. Referências bibliográficas

ALVES, P. C. C. **Jornalismo e religião: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-atentados**. Frutal: Prospectiva, 2016.

CORREIA, J. C. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso: Notas sobre Jornalismo e representações sociais**. Covilhã: Livros LabCom, 2009.

FERROS, C. S. M. **A sátira e o jornalismo em Portugal**. Dissertação (Mestrado) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2017. Disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9461/1/5371_10610.pdf> Acesso em: 09 set. de 2022

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GUIMARÃES, J. P. D. L. **A transmissão d' A Paródia para o Inimigo Público: se não aconteceu, podia ter acontecido**. Dissertação (Mestrado) - Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre, 2013. Disponível em <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5126/1/GUIMAR%c3%83ES%2cJ.ATransmiss%c3%a3od%27APar%c3%b3diaparaOInimigoP%c3%bablico%20%282%29.pdf>> Acesso em: 09 set. de 2022

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGGIONI, F. **A charge jornalística: estratégias de imagem em enunciações de humor icônico**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6311/MAGGIONI%2C%20FABIANO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 10 set. de 2022

MARCHETE, A. C. P.; ALMEIDA, J. Uma análise crítico-discursiva da polarização ocidente/oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*. **Revista do GEL**, v. 18, n. 2, p. 88-104, 2021. Disponível em <<file:///C:/Users/POSITIVO/Downloads/3110-Texto%20do%20Artigo-12005-12455-10-20210806.pdf>> Acesso em: 05 jun. de 2022

MENDES, A. M.; DORNELAS, R. De qual muçulmano estamos falando? Ancoragem e objetivação na representação do islamita pela revista Istoé. **Intexto**, Porto Alegre, n. 44, p. 28-56, jan.-abr. 2019. Disponível em <[file:///C:/Users/19685932/Downloads/78081-Texto%20do%20artigo-356447-3-10-20181212%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/19685932/Downloads/78081-Texto%20do%20artigo-356447-3-10-20181212%20(1).pdf)> Acesso em: 05 jun. de 2022

MONTENEGRO, S. M. Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil. **Mana**, v. 8, n. 1, p. 63-91, 2002. Disponível em <<file:///C:/Users/19685932/Downloads/DISCURSOS%20E%20CONTRADISCURSOS%20O%20OLHAR%20DA%20M%C3%8DDIA%20SOBRE%20O%20ISL%C3%83%20NO%20BRASIL.pdf>> Acesso em: 05 jun. de 2022

NÓBREGA, A. R. da; MESQUITA, A. M. M. “Liberdade fuzilada”: representações do fundamentalismo islâmico na cobertura do caso *Charlie Hebdo*. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. **Anais**. Natal, 2015. Disponível em <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1160-1.pdf>> Acesso em: 05 jun. de 2022

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto: Letras Contemporâneas, 2001.

SOUSA, R. O. **Estereótipos e representações: a construção da imagem do muçulmano pelo periódico francês *Charlie Hebdo*, entre os anos de 2006 a 2015**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/34535/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Rafael%20Oliveira%20Sousa.pdf>> Acesso em: 13 set. de 2022

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2011.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo Volume I: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VAUCHER, T. A. O Pasquim: alternativo e corajoso. **Revista Semina**, Passo Fundo, v. 11, n. 1, 2012. Disponível em

<<http://www.seer.upf.br/index.php/ph/article/view/4378/2874>> Acesso em: 10 set. de 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

FACULDADE DE JORNALISMO

CAROLINE MENDES MOREIRA

PROJETO INDIVIDUAL DE PESQUISA

COBERTURA CONTEMPORÂNEA DO PÓS-ATENTADO

CAMPINAS

2022

Caroline Mendes Moreira

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA
COBERTURA CONTEMPORÂNEA DO PÓS-ATENTADO**

**Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina
METODOLOGIA E PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO
da Faculdade de Jornalismo da PUC- Campinas como
exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob
orientação do Prof. Marcel Cheida**

PUC- CAMPINAS

2022

1. Introdução

O atentado às Torres Gêmeas (*World Trade Center*), que ocorreu em 11 de setembro de 2001, colocou o Islã e pessoas com ascendência árabe¹ em evidência com imagens veiculadas nos diversos jornais impressos ao redor do mundo. Segundo Alves (2016, p. 10), o Oriente Médio, desde a década de 1970, está em destaque na imprensa ocidental, seja em decorrência dos acontecimentos que envolveram Israel e os árabes ou pela guerra do Kwait – a disputa de George W. Bush pelo petróleo árabe.

Apesar do destaque dado após os ataques terroristas às Torres Gêmeas, o preconceito com os povos muçulmanos e de ascendência árabe não teve início no século XXI; muitos acontecimentos antecederam os atentados ao 11 de setembro, Pentágono e o Museu Bardo², entretanto, quando ocorreu o ataque às Torres Gêmeas, instaurou-se uma divisão que caracterizava o lado do bem e do mal, orquestrado pelos Estados Unidos, entre o ocidente e o oriente.

Depois dos ataques de 11 de setembro, segundo Moreira (2009, p. 08), os EUA dividiram o mundo em dois lados, o do Bem e do Mal – o do Bem representado pelo mundo ocidental que busca se defender do terrorismo; e o do Mal representado pelo Islã, que se tornou a encarnação da ameaça terrorista. Essa divisão maniqueísta resumiu a situação na figura da “batalha” entre democracia (bem) e islã (mal) (ALVES, 2016, p. 15).

Esta segmentação do pós-atentado às Torres Gêmeas concedeu ao Oriente uma imagem de barbárie e anticivilização. No livro de Gomes (2012, *apud* ALVES, 2016, p.39), o Islã aparece na cruzada de rancores que precedem a história entre tradicionais muçulmanos, fundamentalistas reorganizados e outras fragmentações de quem têm como base a fé islâmica para unirem estes fiéis e agirem com violência contra o ocidente e elementos representativos dessa cultura. Ou seja, esta é uma maneira de colocar elementos culturais, religiosos e práticas fundamentalistas – como a execução de atos de violência em nome da crença – em um mesmo contexto e podem intensificar possíveis justificativas para embates políticos, como ocorreu na invasão estadunidense ao Iraque, além da construção de pilares que estruturam desentendimentos entre povos e culturas. Partindo desta ótica, que coloca o oriente como diferente das demais culturas, a representação simbólica apresenta o

¹ Árabe é uma identificação étnica, diferentemente do muçulmano, que é uma identidade religiosa (ORTUNES, 2015, p.339).

² Em Túnis, capital da Tunísia, no dia 18 de março de 2015, ocorreu o ataque ao Museu Nacional do Bardo e os civis que estavam presentes foram mantidos reféns. O ataque deixou, cerca de vinte pessoas feridas, e matou vinte e duas pessoas.

muçulmano como inferior, arcaico, subalterno e, também, demoníaco (GOMES, 2012, p.1 *apud* ALVES, 2016, p.39). Para Gomes (2014, p. 73), com os diversos ataques que aconteceram em todo o mundo, a representação de mídias impressas sobre o povo muçulmano é descrita como incivil, distante ou diferente, como nos jornais *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*. Nestes editoriais, os muçulmanos são retratados como o outro, o diferente, o que possui uma cultura dissemelhante.

Portanto, esta pesquisa bibliográfica teve como objetivo estudar livros e artigos científicos que apresentavam a comunidade muçulmana e a religião islâmica nos jornais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*, que realizaram a cobertura jornalística dos dez anos do ataque às Torres Gêmeas. Estas obras apresentam como foi realizada a reprodução massiva desses veículos sobre os atentados que decorreram após o 11 de setembro e evidenciavam a fé islâmica como ato central dos ataques terroristas.

As publicações selecionadas analisaram 62 edições dos jornais impressos, com 31 edições da *Folha de São Paulo* e 31 do *Estado de São Paulo*, que foram estabelecidas pela realização dos dez anos do ataque terrorista, não só às Torres Gêmeas, mas ao Pentágono e à Casa Branca dos Estados Unidos. Foi possível, por meio da análise realizada pelas obras selecionadas, identificar quais eram as representações direcionadas à população muçulmana e de ascendência árabe como forma de realizar a manutenção de preconceitos e enfatizar estereótipos (GOMES, 2014, p. 79).

Para a produção desta pesquisa, a metodologia realizada foi a Pesquisa Bibliográfica, que, desenvolvida por meio de obras produzidas por outros autores permitiu a investigação ampla dos acontecimentos selecionados (GIL, 2008, p. 50). Sendo assim, foram escolhidos livros e artigos que explicaram sobre as estruturas jornalísticas ao noticiar uma informação e como é realizada a construção do discurso noticioso; essas obras demonstraram como esses veículos de comunicação produzem as suas editoriais e qual é a escolha do recorte jornalístico para informar o leitor. Para fundamentar o argumento do objeto de pesquisa, foram selecionadas obras que analisaram as 62 edições dos editoriais mencionados anteriormente sobre a cobertura jornalística do atentado às Torres Gêmeas, coordenados pela ordem islâmica Al-Qaeda, e os ataques que ocorreram após este acontecimento.

Por fim, após a leitura dos livros e artigos selecionados, foi realizado o fichamento dos dados e informações coletadas por meio deste estudo para uma melhor construção e direcionamento desta Pesquisa Bibliográfica, através das ideias dos autores referenciados. As obras escolhidas foram essenciais, pois, por meio da conclusão dos escritores, foi possível construir e desenvolver as ideias coletadas por meio das leituras nos tópicos da revisão bibliográfica.

2. Tópicos da revisão bibliográfica

A mídia é um mecanismo que possui o poder de delimitar o acesso da sociedade sobre os assuntos que serão veiculados, restringindo o pensamento da população e analisando maneiras de influenciar na agenda pública e política. Estes atos contribuem para que o jornalismo tenha a capacidade de desestabilizar governos, engajar causas sociais ou, também, realizar a manutenção de padrões de violência e injustiça (ALVES, 2016, p. 49). Segundo Alves (2016, p. 49), essa é a forma do jornalismo atribuir aspectos à sociedade por meio da construção da realidade social, repercutindo em rede nacional os temas relevantes na sociedade e invadindo as relações interpessoais e, conseqüentemente, chamando a atenção dos governos.

Conforme cita Correia (2009, p. 10), o jornalismo possui estruturas ou sistemas de relevância que se modificam de acordo com as culturas, as comunidades, os grupos e os indivíduos; seguindo em um contexto de interesses de acordo com o meio inserido, cada sociedade possui concepções diferentes de um acontecimento e os conteúdos que fazem parte dela são uma representação da notícia em cada sociedade. Ou seja, a caracterização de notícia é organizada de acordo com o molde social, não dependendo das atividades jornalísticas das organizações ou dos jornalistas, visto que um assunto apenas é considerado relevante através da atenção que ele recebe, utilizando da construção textual como meio para abordar tema (CORREIA, 2009, p. 10).

Os valores-notícia são uma base da cultura jornalística que esses profissionais dividem. Esse critério é uma espécie de “óculos” que permite o olhar para o mundo e a construção dele. É possível classificar o valor-notícia como: o que é insólito, o extraordinário, catastrófico, a guerra, a violência etc. Entretanto, esses critérios de noticiabilidade são variáveis e acompanham as mudanças históricas, e são definidos

também de acordo com cada veículo jornalístico, levando em conta os posicionamentos editoriais. Para entender o que é notícia, é necessário observar como elas são inseridas historicamente e qual é a definição da noticiabilidade de um fato ou assunto, ou como ele apresenta um recorte da contemporaneidade por meio das normas do comportamento humano e institucional (TRAQUINA, 2005, p. 94). O valor-notícia também pode ser definido de acordo com diversos fatores, como os que foram citados anteriormente, e, entre um deles, estão os “mega-acontecimentos”, como é o caso do ataque terrorista às Torres Gêmeas.

Na terça-feira de tarde do dia 11 de setembro de 2001, um “zapping” de todos os canais televisivos com espaços informativos disponíveis em Portugal escassos minutos após o embate do primeiro avião na torre norte do *World Trade Center*, exatamente às 14:00 horas, dava conta da partilha dos mesmos critérios de noticiabilidade entre jornalistas de diversas nações (Portugal, Estados Unidos, França, Espanha, Grã-Bretanha, Alemanha etc.); em destaque no pequeno écran a mesma cena, o mesmo local; o *World Trade Center* em chamas até ao desmoronamento das duas torres. Tinha rebentado um “mega-acontecimento”. Nem tudo o que figura no mundo jornalístico é ruptura, mas este “mega-acontecimento” reúne diversos valores-notícia da cultura jornalística – o violento, o inesperado, o insólito e um número significativo de vítimas – para conquistar um lugar privilegiado na agenda jornalística (TRAQUINA, 2005, p. 95).

Isto é, o valor dado à notícia quando atribuído a um grande acontecimento, como o caso do ataque às Torres Gêmeas, pode trazer uma contextualização por parte dos meios de comunicação para a construção do recorte jornalístico sob a ótica do ocidente. Na obra de Said (2007, p. xv-xvi *apud* GOMES, 2014, p.76), ele afirma que há a fixação da ideia no imaginário social de que o Islã seja uma religião baseada no fundamentalismo religioso, como descreve: “[...] uma forma de ataque, que por sua vez, provoca mais hostilidade entre aqueles que se autodenominam muçulmanos e porta-vozes do ocidente”. Ele expõe que, frequentemente, observa-se jornalistas, quando descrevem o Islã, escolherem declarações “extravagantes”, acompanhadas de oportunismo e dramaticidade (SAID, 2007, p.xvi *apud* GOMES, 2014, p.77).

Os apontamentos sobre a religião islâmica não compreendem a sua dimensão e valor histórico para o povo muçulmano. Mubarak (2014, p. 4) explica que o islamismo, religião revelada pelo profeta Muhammad, no século VII, possui cerca de quase dois bilhões de devotos espalhados pelo mundo. Islã, palavra de origem árabe, significa submissão; é a devoção e submissão do povo muçulmano à Alá, Deus onipotente e único criador do mundo (MUBARAK, 2014, p. 6). Para entender melhor sobre os conflitos atuais que envolvem o povo muçulmano e o Islã, é necessário

compreender algumas características sobre a religião. Em fase de estruturação religiosa, após a morte do profeta Maomé (632 d.C.) com a necessidade de uma nova ocupação por parte de um novo profeta que guiaria a comunidade muçulmana, ocorreram as disputas entre os dois prováveis sucessores. Com grandes conflitos e sem um acordo viável, assim, ocorreu a divisão entre duas vertentes religioso-política: sunitas e xiitas (MUBARAK, 2014, p. 35).

A diferença entre essas duas linhas religiosas é evidente. Os sunitas, sucessores do profeta Maomé, aceitam os ensinamentos do Corão e da Suna (A tradição viva) – mandamento e passagens que narram a vida do profeta. Em uma reunião, após a morte de Maomé, para decidir quem seria o sucessor, eles escolheram Abu Backer (sogro do profeta); o fator para escolha era avaliar se o candidato era um homem fiel e muito piedoso. Já os xiitas, por outro lado, aceitam apenas o Corão como guia religioso e não aceitam os mandamentos, sendo caracterizados como a vertente mais tradicional do Islã. Eles acreditavam que o sucessor do profeta deveria ser vinculado à sua família de nascimento. A partir deste momento, começaram a surgir simpatizantes de Ali Abi Talib, primo e genro de Maomé, visto como adequado por esta linha religiosa (MUBARAK, 2014, p. 35). Ou seja, a ruptura entre as duas vertentes religiosas, além das crenças distintas (pois os sunitas acreditam no Corão e nas passagens que relatavam a vida do profeta, a Suna, e, por outro lado, os xiitas apenas seguem o que está presente no Corão), ocorreu pela escolha de quem iria suceder o profeta Maomé. Portanto, desde então, sunitas e xiitas lutam pela decisão de quem irá liderar o povo muçulmano.

Segundo Gomes (2014, p. 74), para compreender os conflitos da contemporaneidade que envolvem fundamentalistas e ocidente, além dos Estados Unidos e seus aliados, é necessário aprofundar-se na história do Islã no mundo.

Deve-se partir do estudo da longa história de constituição do Islã no mundo, que se iniciou há mais de 1,4 mil anos e se espalhou por três continentes em variadas sociedades, solidificando sua religião e seus valores sociais, diferenciando-se entre si e formando outras vertentes (2014, p. 74).

Entretanto, quando falamos sobre religião, a filosofia sempre parte do princípio do retorno às raízes da crença, mantendo a tradição e de acordo com o mesmo fundamento. Assim como há diferenças entre vertentes religiosas em outras religiões, na qual são mais conservadoras, ocorre o mesmo no Islã. Mas, é importante recordar que, apesar dos xiitas serem denominados como fundamentalistas e radicais, o

atentado às Torres Gêmeas em 11 de setembro ocorreu por parte de sunitas – sendo a maior linha dentro do Islã com 90% dos seguidores (MUBARAK, 2014, p. 36).

2.1 A cobertura jornalística do pós-atentado do jornal impresso Folha de São Paulo

A característica mencionada pelo autor Said (2007, p.xvi *apud* GOMES, 2014, p.77), como foi citada anteriormente, que descreve jornalistas se referindo ao Islã e à comunidade muçulmana com transcrições extravagantes podem ser observadas no veículo de comunicação, *Folha de São Paulo*, em um de seus editoriais, no caderno Mundo (GOMES, 2014, p. 81).

Conforme descreve Gomes (2014, p. 81), na data do evento, em 11 de setembro de 2011 – no qual marcava os dez anos do ocorrido –, no caderno Mundo do jornal *Folha de São Paulo*, foram apresentadas três matérias, uma entrevista, uma reportagem e uma nota da reportagem. Antecedendo o aniversário de dez anos do atentado, em agosto, ainda no mês do Ramadã, foi publicado um texto do gênero depoimento/crônica que, a partir da perspectiva do repórter, descrevia a situação como respeitosa por parte dele e de sua equipe em um país com a cultura islâmica, no qual, dividia este mesmo ambiente com muçulmanos. Ele relatava que este mesmo respeito concedido aos muçulmanos não foi retribuído; ele descreveu o muçulmano como vilão e, ele e sua equipe, como vítimas da situação (GOMES, 2014, p. 81).

Já na entrevista presente no caderno Mundo, o Islã era representado como adepto à vingança e culpado pela polarização instaurada nos Estados Unidos; além disso, era posto como o responsável pelo entendimento do mundo muçulmano entre EUA e Iraque, reforçado por meio de imagens que evidenciavam as ideias apresentadas na entrevista. O editorial foi escrito pela abordagem opinativa e grotesca do jornalista. Ele referenciava o muçulmano como fundamentalista, incitando que quem possui esta crença estaria propenso a ser um possível terrorista, visto que estava crescendo em um “ninho de serpentes” desde criança (GOMES, 2014, p. 81).

Nota-se uma reportagem que é evidente a opinião pessoal do repórter, no qual, faz o uso de expressões que reforçam estereótipos e preconceitos. A fonte oficial coloca o muçulmano como consumidor de bebidas alcoólicas, em uma tentativa de

fundamentar ideias que contribuem para o imaginário social do muçulmano agressivo, além de caracterizar a cultura como exótica (GOMES, 2014, p. 81).

A construção da notícia partiu da opinião pessoal do repórter sobre o tema. Conforme Alves (2016, p. 44) afirma, a retratação do que é “diferente” ou “anormal” é um processo de construção proveniente de diversos fatores e, entre eles, está a mídia. Segundo Gomes (2014, p. 82), a *Folha de São Paulo*, descreve o muçulmano e a sua religiosidade em uma de suas reportagens sobre um estudo psíquico que trata sobre os pensamentos violentos presentes na mente de indivíduos que estão em sociedade, após o episódio de 11 de setembro, como igual ao grupo terrorista Al-Qaeda; o material secundário apresenta, em uma reportagem, a menção sobre o Islã em que a religião é observada com uma simples explicação.

2.2 A cobertura jornalística do pós-ataentado do jornal impresso Estado de São Paulo

Em sua obra, Gomes (2014, p. 82) apresenta o material analisado pelo jornal *Estado de São Paulo*, antes de 11 de setembro de 2011. O caderno Internacional, objeto explorado, em sua primeira notícia apresentava uma matéria sobre o Islã e não contextualizava o leitor sobre termos essenciais para o seu entendimento, como qual era o significado do Ramadã e qual a importância dele para a comunidade islâmica. Ou seja, não era possível entender por qual motivo o muçulmano realiza horários diferentes em seu trabalho quando está passando por esta data. Na matéria, a abordagem do repórter passava o sentido de falta de comprometimento com trabalho por parte do fiel, fazendo com que se forçasse o entendimento que a religião o comprometia.

Já o caderno especial, que marcava a data do 11 de setembro de 2011, classificava o muçulmano em seu texto introdutório como fundamentalista e o causador de brigas. Entretanto, a reportagem deste caderno caracterizou o Islã, religião, como vítima e identificando o crescimento de preconceitos sobre a religião nos Estados Unidos (GOMES, 2014, p. 82). Isto é, o fundamentalismo, como colocado pelo jornal impresso *Estado de São Paulo*, pode ter proximidade com o preconceito religioso. Nunes (2021, p. 86658) explica em sua obra que, no fundamentalismo religioso, é evidenciado a aversão à diversidade de outras religiões ou crenças, e se

baseia na certeza de que apenas uma única visão sobre um fato é essencialmente única e verdadeira, negando as outras possibilidades, que precisam ser expostas e contidas, prezando pela tradição e bons costumes.

Compreender a intolerância religiosa implica em um desvelamento dos "fundamentos" psicossociais de crenças que desencadeiam comportamentos intolerantes e então, a práticas discriminatórias e violências psicológicas" (NUNES, 2021, p. 86659).

Dando seguimento à análise de Gomes (2014, p. 82) sobre o caderno Internacional do *Estado de São Paulo*, o pós 11 de setembro de 2011, apresenta uma notícia em que foi a comunidade muçulmana descrita como estrangeiro invasor. Neste mesmo material, a cultura islâmica é descrita como "chocante" para o laicismo francês, em decorrência das práticas e cultos religiosos presentes na religião. Analisando o material secundário, com quatro textos com narrativas pertinentes ao Islã, a primeira reportagem, separou os significados das palavras terrorista e extremista de muçulmano, expondo o preconceito que esse grupo social enfrenta nos Estados Unidos. Os materiais apresentaram uma visão neutra sobre o islamismo e explicaram brevemente sobre uma das celebrações islâmicas, o Ramadã, que não interferiram na descrição da religião. No veículo de comunicação, dentro dos materiais analisados, três textos jornalísticos descreviam o Islã preconceituosamente, em uma nota, no qual dizia que o povo muçulmano é fundamentalista (GOMES, 2014, p. 82-83).

Quando os jornais impressos retratam o Islã, em uma de suas edições, atrelando a religião às práticas fundamentalistas com a intenção de colocá-lo como Outro, dissemelhante das demais culturas, se torna uma tentativa de apagamento cultural. A religião apenas pode existir com a formação de uma sociedade, sendo estruturada por grupos sociais, formada por indivíduos com culturas e valores distintos. A religião, para os seus adeptos, pode ser considerada um instrumento de poder, que desenvolve princípios, regras e normas que devem ser seguidas por eles; entre as principais religiões do ocidente, está o Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo, e elas são divididas por meio de suas características distintas de acordo com as crenças, rituais, cultura etc. (NUNES, 2021. p 8660-8662).

Vimos que o fundamentalismo religioso é um meio utilizado por extremistas religiosos para legitimar às suas convicções pessoais e vieses ideológicos, é possível visualizar que esta condição pode fazer parte de qualquer religião, visto que a

composição religiosa apenas existe pela presença de uma sociedade com indivíduos que detêm de valores, princípios éticos e morais (NUNES, 2021. p 8660-8662).

2.3 A influência do pós-ataque às Torres Gêmeas

Ainda no ano de 2014, os olhos dos veículos impressos se voltaram, novamente, para o Islã com as decapitações por parte do Estado Islâmico; um ano depois, o Estado Islâmico assumiu a autoria de mais um atentado, em 7 de janeiro de 2015, ao jornal francês Charlie Hebdo³ e dois meses depois, em 18 de março de 2015, em um museu da Tunísia. Os discursos construídos por parte da mídia, com imagens e narrativas que envolvem os atentados, ligam diretamente os ataques ao grupo religioso islâmico. Este tipo de estrutura midiática corrobora para o aumento de casos xenófobos e preconceitos com muçulmanos ou de ascendência árabe e segmentam ideias que dialogam com o fundamentalismo (ALVES, 2016, p. 42).

Como apresenta Alves (2016, p. 50), representação construída por meio dos veículos de comunicação com as imagens das Torres Gêmeas despencando, publicadas nas primeiras páginas dos veículos mais famosos e mais importantes do país e do mundo, fez com que se desenvolvesse um sentimento, de acordo com a cobertura do jornalismo internacional, legítima dos estadunidenses contra o Talibã. O patriotismo dos americanos foi disseminado em diversos veículos do ocidente e, assim, realizando a construção da imagem do outro direcionada ao povo muçulmano, que ganharam o título de fanáticos e que personificavam o mal.

Neste aspecto, a supervalorização do ocidente visto com os olhos humanísticos, democrático e desenvolvido, colocou o oriente como atrasado, violento e sanguinário. Considerando a análise realizada pelo autor, a construção da imagem do povo muçulmano, com apontamentos do ocidente, se deu por parte da articulação do jornalismo e dos meios de comunicação, com o intuito de servir recortes jornalísticos para a manutenção de uma narrativa de bem e mal (ALVES, 2016, p. 50).

³ O Charlie Hebdo é uma revista semanal satírica. Dividida em duas vertentes, social e política, a sátira é uma das formas jornalísticas de comunicar sobre uma notícia. Segundo Ferros (2017, p. 37), os jornais satíricos fazem parte do jornalismo opinativo e se opõe ao jornalismo informativo. Enquanto o jornalismo tradicional corresponde a uma construção social da realidade, o jornalismo satírico possui o mesmo propósito, mas com o viés humorístico e apresenta uma análise da social singular sob a forma de sátira.

Conforme apresenta Gomes (2014, p. 84), dos materiais jornalísticos analisados do *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, a partir do relato realizado pelos jornalistas nos locais dos fatos ocorridos, constata-se o uso de nomenclaturas e a construção de discursos alicerçados em concepções homogêneas sobre o muçulmano, representado como outro de forma pejorativa ou exótico.

A questão é esse “exótico” ser reconfigurado na lógica político-social contemporânea como marginal pelo discurso jornalístico apresentado, e as características culturais-religiosas desse Islã são problematizadas como fundamentalistas ou terroristas dentro do cenário liberal que os valores sociais modernos do Ocidente sobrepõem ao modo de viver do Outro-Islã; identificando o muçulmano como fundamentalista, extremista, radical ou mesmo terrorista. Dessa forma, a alteridade do Islã é relegada ao estereótipo (GOMES, 2014, p. 83).

Desta forma, o jornalismo com as suas estruturas empresariais e políticas pode alimentar narrativas que prejudicam o outro e, assim, dificultam o desenvolvimento da execução do fazer jornalístico, pois o recorte estrutura-se na hegemonia social. Essas estruturas determinam quais são os critérios de noticiabilidade; o fazer jornalístico está alicerçado na opinião pública sobre o Islã. Além disso, a procura pelo valor notícia impacta diretamente na produção jornalística, que acaba interferindo no não aprofundamento de uma notícia e na simplificação do tema (GOMES, 2014, p. 83).

É possível observar esses impactos nos editoriais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*. No caderno Mundo da *Folha de São Paulo*, observou-se mais fontes oficiais governamentais (do poder militar ou outros representantes da França e EUA) que apresentaram em suas falas manifestações polêmicas sobre o islamismo, com mais descrições opinativas. Já no caderno Internacional do *Estado de São Paulo*, visualizou-se mais fontes de pesquisa, instituições, organizações e entidades ligadas ao árabe ou ao muçulmano. O editorial apresentou menos textos opinativos e concepções parciais sobre o Islã (GOMES, 2014, p. 84).

Portanto, Gomes (2014, p.86) expõe que, neste contexto de alteridade presente no jornalismo, é necessário entender que existem questões profundas sobre o Islã, que envolvem a sua história e conjuntura política, que não estão presentes no campo jornalístico noticioso. Desta forma, toda interferência reducionista que simplifique a história do Islã deve ser interrompida.

3. Considerações finais

Esta Pesquisa Bibliográfica, por meio das obras lidas e análises realizadas pelos autores referenciados, teve o intuito de estudar a intensificação do preconceito religioso por parte dos veículos impressos *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* contra a comunidade islâmica após os ataques terroristas às Torre Gêmeas. Além disso, foi possível compreender a realização da manutenção de estereótipos direcionados aos muçulmanos, demonstrando a falta de contextualizações e aprofundamentos sobre a religião para o entendimento do leitor; os editoriais, como fontes de informação e conhecimento, utilizaram de recortes para a construção das matérias e reportagens, sob a ótica do mundo ocidental – sem compreender aspectos culturais e história religiosa.

Dentre os artigos e livros estudados, foi possível entender que os editoriais imprimem o discurso aos muçulmanos e povos de ascendência árabe de “outro”, perigoso, distante, incompatível e malvado. O Jornalismo, considerando os interesses empresariais e políticos constroem discursos que ferem a singularidade, a cultura e a história do muçulmano e, conseqüentemente, do Islã. Ao realizarem essas práticas, que acabam limitando a execução do fazer jornalístico, colocam o muçulmano como o diferente dos demais.

A Pesquisa Bibliográfica, como metodologia utilizada, foi satisfatória para o estudo das obras escolhidas. Apesar de ser possível explorar os livros e artigos por meio das ideias dos autores, há uma limitação na escrita de concepções pessoais; todos os conceitos são, boa parte, unicamente percepções dos autores e apenas há a elaboração de uma ideia em cima desta conclusão. Ou seja, foi elaborado um conjunto de ideias para o estudo desta Pesquisa.

Por fim, foi possível visualizar a escassez de informação por parte dos jornais impressos *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* em relação aos muçulmanos e à cultura árabe; o impacto ocasionado durante o ataque às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, evidentemente, estruturou-se dez anos após o atentado. Deste modo, por meio desta Pesquisa, confirmei o pensamento inicial para esta produção ao reconhecer os preconceitos direcionados à comunidade islâmica por parte dos editoriais mencionados anteriormente.

4. Referências bibliográficas

ALVES, P. C. C. **Jornalismo e religião: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-ataques**. Editora Prospectiva, Frutal, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/19622544/Jornalismo_e_Religi%C3%A3o_a_imagem_que_a_m%C3%ADdia_produz_do_islamismo_nos_p%C3%B3s_ataques> Acesso em 6 abr. de 2022

CORREIA, J. C. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso**. Livros LabCom, Beira Interior, 2009. Disponível em: <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/correia-teoria-critica-discurso-noticioso.pdf>> Acesso em: 10 out. de 2022

FERROS, C.S.M. **A sátira e o jornalismo em Portugal**. Dissertação (Mestrado) - Universidade da Beira Interior, Corvilhã, 2017. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9461/1/5371_10610.pdf> Acesso em: 20 out. de 2022

GOMES, I. A cobertura jornalística do Islamismo – narrativas marginalizadas e moralizantes. **Intercom – RBCC**, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/intercom/a/DCstb3QBTdGxnHbBySFZgZk/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em 8 abr. de 2022

MUBARAK, C. **Introdução ao Islamismo**. Junta de Missões Mundiais, Sevilla, 2014. Disponível em: <<https://www.missoesmundiais.com.br/attachments/article/15/Introducao-ao-Islamismo.pdf>> Acesso em 28 mar. de 2022

NUNES, W. R. O fundamentalismo e a intolerância religiosa no Brasil de hoje. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.9, set. 2021. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/35381/pdf>> Acesso em: 03 jun. de 2022

ORTUNES, L. A construção da imagem do ‘outro’: Ocidente e Oriente Médio e suas representações na mídia impressa e na produção audiovisual. **Ação midiática**, Curitiba, n. 10, p. 333-354, Jul/Dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/40586/26990>>

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Editora Insular, Florianópolis, 2005.
Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537285/mod_resource/content/1/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina.pdf> Acesso em: 10 out. de 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

FACULDADE DE JORNALISMO

PALOMA PEREIRA RUIZ

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**A AMEAÇA ESTRANGEIRA: A REPRESENTAÇÃO DO MUÇULMANO NA
REVISTA VEJA**

PUC - CAMPINAS

2022

Paloma Pereira Ruiz

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**A AMEAÇA ESTRANGEIRA: A REPRESENTAÇÃO DO MUÇULMANO NA
REVISTA VEJA**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA E PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO (TCC) da Faculdade de Jornalismo, da PUC-Campinas como exigência final para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Marcel Cheida.

PUC-CAMPINAS

2022

1. INTRODUÇÃO

À medida que os adeptos ao Islã¹ se multiplicam no Brasil e no mundo cresce, simultaneamente, uma aversão aos praticantes dessa religião. Parte da intolerância religiosa voltada ao muçulmano² tem raiz em ideias estereotipadas que relacionam intimamente este grupo à figura de terroristas, tais como os integrantes do Estado Islâmico, Al Qaeda etc.

Uma das possíveis hipóteses que contribuem para a construção desse imaginário popular está na forma como o jornalismo retrata as personas terroristas, frisando a religião e a nacionalidade deles (HAMMADEH, 2019, p. 13). É a partir da reprodução impensada de clichês que relacionam o Oriente Médio³, ao muçulmano e ao árabe⁴, que os veículos jornalísticos contribuem para a manutenção e disseminação de estereótipos que alimentam ataques intolerantes aos brasileiros muçulmanos.

Tendo como base o cenário acima, o objetivo desta pesquisa é demonstrar como o jornalismo contribui na manutenção do estereótipo do muçulmano enquanto árabe terrorista e verificar de que forma o discurso orientalista no Brasil está presente, ainda que sutilmente. Para isso, foi selecionado como objeto de estudo a revista *Veja* e as suas são reportagens que abordam o Islã, o Oriente Médio e o terrorismo como correlatos. Dessa forma, a partir da seleção desse objeto, pretendeu-se verificar como se dá a circulação do discurso estereotipado sobre o seguidor do Islã. É válido ressaltar que a *Veja* tem a maior tiragem do país e já foi a revista mais vendida no mundo, por isso, o seu poder de alcance é, ainda hoje, maior do que muitos veículos impressos (YAHYA, 2021, on-line). Por este motivo, esta revista foi selecionada.

Ademais, sob à luz de autores pesquisados, foi explicado como a agenda criada pelos Estados Unidos da América, especificamente no período pós-atacado de 11 de setembro de 2001, pautou o discurso da *Veja* na cobertura de atentados

¹ O Islã é uma religião monoteísta e abraâmica que surgiu na península Arábica no século VII. A crença é firmada em cima da figura de um Deus único (Allah em árabe) e do profeta Mohamad (Maomé em português) (COSTA, 2016, p. 25).

² É o nome atribuído aos praticantes do Islã (COSTA, 2016, p. 38).

³ “O Oriente Médio é uma região em torno das costas sul e leste do Mar Mediterrâneo, que engloba os países situados na confluência de três continentes: a Europa, a Ásia e a África” (VAZ, 2016, n.p.)

⁴ Idioma ou Identificação étnica (ORTUNES, 2015, p. 339)

na atualidade. Outro fator a ser tratado nesta pesquisa é como os estereótipos se articulam na linguagem e na cultura como um instrumento de construção da realidade.

Como metodologia, foi usada a pesquisa bibliográfica, que consiste em “identificar, selecionar, localizar e obter documentos” já formulados por outros autores, tais como livros, artigos científicos e outros para, com base neles, ser possível redigir uma nova hipótese, trazendo conceitos da literatura selecionada e emitindo novas ideias/opiniões (STUMPF, 2011, p. 54). Para isso, foi necessário definir o problema investigado, no caso deste relatório a manutenção dos estereótipos de muçulmanos estrangeiros terroristas na Veja. Na sequência, foi feita a revisão da literatura, posteriormente foi realizada a seleção dos textos que foram catalogados e fichados, de forma a extrair dados considerados válidos para a hipótese formulada. Por fim, foi elaborada uma análise dos dados empregados na nova pesquisa.

Stumpf (2011, p. 55) indica a escolha de um assunto com o qual o pesquisador já tenha familiaridade, pensando nisso, foi escolhida a temática islamismo uma vez que já realizei uma pesquisa da iniciação científica⁵ com este tema.

Neste relatório, foram reunidas as principais questões e conceitos encontrados no período de revisão bibliográfica. Tendo o tema selecionado, ressaltando a importância que o discurso estereotipado tem na constituição da sociedade, bem como refletindo acerca do poder que produtos jornalísticos e midiáticos possuem na configuração de ideologias. Portanto, apresentam-se, a seguir, os tópicos da revisão bibliográfica, essenciais ao objetivo traçado, finalizando este texto com as considerações finais e as referências utilizadas.

2. TÓPICOS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A comunicação e os estereótipos

Segundo Wolton (2010, p. 11-17), a informação é uma mensagem que pode ser emitida por um texto verbal, escrito, oral ou imagético; já a comunicação é uma relação que envolve receptores e tem como finalidade compartilhar/trocar. Apesar de a segunda ser vista como menos relevante que a primeira, comunicar-se é essencial,

⁵ Disponível em: https://wl.sis.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/202199_114131_168501627_resESU.pdf

dado que não é possível informar sem um projeto de comunicação. Por essa razão, conforme o autor, ambas devem ser pensadas em conjunto, ressaltando que a comunicação é mais complexa do que a informação, haja vista que ela exige uma relação com o outro e, sendo assim, pode esbarrar em diferenças linguísticas, filosóficas, políticas, culturais e religiosas.

Para que haja compreensão entre as partes e a comunicação seja realizada de forma efetiva é necessária uma linguagem comum entre os envolvidos (BACCEGA, 2005, p. 153). Portanto, é preciso que haja uma espécie de “contrato” no qual estejam estabelecidos os significados, pois é através deles que os discursos suscitam efeitos em nós. Por meio da dominação desses mecanismos, a mídia também estabelece um diálogo com os receptores, tornando-se constitutiva “da cultura” e servindo “de suporte à realidade contemporânea” (BACCEGA, 2005, p. 152).

Por conseguinte, é por meio dessa mesma linguagem que os estereótipos são instituídos e passam a circular. Em um dos exemplos citados por Baccega (1996, p.7), a autora traça uma analogia, exemplificando a questão com um trem, para então explicar de que modo a cultura é incorporada pelas pessoas e como os estereótipos presentes nela são transmitidos e mantidos por essa mesma cultura:

Quando nascemos, encontramos uma história em processo. É como se estivéssemos tomando um trem que está vindo de muitas e muitas outras estações. Ele carregou milhões de pessoas que já realizaram, juntas, um número incontável de ações. Elas construíram um jeito de ser, de viver, de "entender" o tempo e a realidade cotidiana. Entramos nesse trem, banhamo-nos nessa cultura (BACCEGA, 1996, p. 7).

De acordo a autora, é por meio da linguagem verbal, mais especificamente da palavra, que a descrição e a interpretação da realidade, ou de um simulacro dela, são transmitidas (BACCEGA, 2005, p.10). Na busca por conhecer tal fato, chega-se aos denominados aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura (BOSI apud BACCEGA, 1996, p.8).

Quando se aprende a falar e, conseqüentemente, a pensar, o indivíduo passa a se relacionar com o mundo por meio das palavras, que podem transportar estereótipos. Para Lippmann (1972 apud BACCEGA, 1998, p.8), o estereótipo se dá justamente quando há aproximação com a realidade: primeiro se define, somente depois se vê. Assim, essa forma de ver é influenciada pelos padrões sociais que levam as pessoas a enxergar de um “modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem” (LIPPMANN, 1972 apud BACCEGA, 1998, p. 8).

Ademais, os estereótipos podem transportar cargas emocionais e valorativas que influenciam a forma de agir das pessoas, fazendo com que elas passem a fazer juízos de valor que fundamentam preconceitos, discriminações e intolerâncias diversas, sem nem se darem conta disso (BACCEGA, 1998, p. 10). A falta de reflexão sobre esses comportamentos pode ser explicada a partir do pensamento de Hannah Arendt, que afirma que “o mal pode ser praticado pelo ser humano comum, sem reflexão ou responsabilidade sobre seus atos” (apud POPOLIN, 2018, p. 272).

Segundo Bauman (2009, p.76), não existem pessoas completamente iguais, todas são diferentes, contudo, algumas diferenças incomodam mais e impedem o agir da solidariedade e da empatia entre os indivíduos. Os estereótipos podem ser umas das hipóteses que explicam o porquê desse comportamento preconceituoso ser visto socialmente.

2.2 O jornalista como agente reproduzidor de estereótipos

De acordo com Ecléa Bosi (apud BACCEGA, 1996, p.7), as experiências no mundo são limitadas já que o espaço em que ocorre a interação é pequeno, por mais que ainda se tenha a sensação de que este espaço seja maior. Sendo assim, os fatos são conhecidos pelas pessoas não por causa da participação direta delas, mas porque há confiança naqueles que testemunharam estes fatos. É assim que o jornalismo e os meios de comunicação se fundamentam através da confiança social. “Confia-mos (sic), porém nas pessoas que viveram e presenciaram esses fatos, e o pensamento e o discurso cotidiano se alimentam dessa confiança social” (BOSI apud BACCEGA, 1996, p.7).

Por serem detentores da confiança social e da responsabilidade sobre a informação, os jornalistas devem se atentar para não se tornarem reféns do uso de estereótipos que alimentam preconceitos, posto que o conteúdo publicado pode resultar em consequências diretas na vida das pessoas. Por isso, “o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros estabelece, no capítulo II, Art. 3, que, compromissado com a verdade, o jornalista deve não só apurar, mas divulgar corretamente a informação” (SILVEIRA, 2019, p. 8).

Destarte, mesmo com ressalvas de liberdade, o jornalista, por ser o agente fundamental para a construção de notícias, acaba por se tornar, também, um autor na construção da realidade. Quando ele decide quais palavras serão usadas no texto ou quem será o entrevistado, ele ajuda a tecer a manta da realidade que vai cobrir os olhos dos leitores (TRAQUINA, 2005, p.24-26).

Para Wolton (2010, p. 72), o jornalista legitima a informação com a sua assinatura e é justamente por isso que se torna obrigatória a necessidade de se buscar conhecimento, para que estereótipos não ganhem legitimidade com o aval do jornalismo. Porém, com certa frequência, o jornalismo reproduz estereótipos em suas notícias, o que acaba se tornando algo prejudicial à medida que os jornais, em uma democracia, auxiliam os leitores na formação de opiniões (SILVEIRA, 2019, p.5). Logo, as notícias disseminadas pela mídia podem contribuir para a manutenção de poder, do *status quo* ou à legitimação de um comportamento preconceituoso, conforme:

Os meios de comunicação de massa são aparatos técnicos mediados simbolicamente com alcance poderoso de intervenção social, em como os indivíduos **percebem a si mesmos e aos outros**. Interferem diretamente nos valores e juízos, transformados pela mídia, que constroem e organizam a experiência. Temáticas ganham importância ao serem agendadas por veículos de comunicação e por participarem da produção de sentido da experiência social (SILVEIRA, 2019, p. 5, grifo nosso).

Conforme Figueiredo (2008, p. 15), a linguagem permeia sentimentos e emoções, por isso ela se torna um meio por onde se devolvem os discursos ideológicos, desta forma o jornalismo deve se atentar ao retratar grupos com base em estereótipos dado que o veículo estará moldando a maneira como o indivíduo percebe os outros, além de poder estar legitimando uma postura preconceituosa (SILVEIRA, 2019, idem) que pode acarretar em uma manifestação de violência já que “o perpetrador [da violência] sempre carrega consigo imagens pré-fabricadas dos inimigos odiados” (YOUNG-BRUEHL apud SOARES, 2012, p.22)

2.3 A identidade de brasileiros muçulmanos

No que tange ao islamismo, a figura do muçulmano é intimamente ligada à persona de um estrangeiro, especialmente aos árabes, visto que o imaginário popular do brasileiro pode ter sido formado com base em notícias que abordam o Oriente Médio como correlato ao Islã e ao mundo árabe. Contudo, essa forma de pensar é equivocada, dado que na atualidade a maioria dos muçulmanos não são árabes (MARQUES, 2015, p. 737). Na realidade, 62% dos muçulmanos habitam a região da Ásia-Pacífico, sendo que o país com mais praticantes da religião é a Indonésia (RUIC, 2017, on-line). É importante ressaltar que a relação entre a mídia e sociedade é intrínseca (BERTOLDI et al, 2008, p.2), isto é: o que é consumido reflete na forma com a qual a sociedade enxerga determinados assuntos cotidianos.

Nas matérias selecionadas, muçulmanos, árabes e Oriente Médio são tratados como sinônimos. Segundo dados do artigo *Orientalismo na imprensa brasileira: a apresentação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo antes e depois de 11/09/2001* (CASTRO, 2007 apud ORTUNES, 2015, p. 339), em uma entrevista com 118 jornalistas, 40% responderam que árabes e muçulmanos são a mesma coisa. A incapacidade de imaginar que muçulmanos podem ser brasileiros pode estar relacionada ao consumo do discurso das mídias que não tratam os temas de maneira correta, contribuindo, assim, para a reprodução impensada e para a importação do discurso norte-americano que reduz o Oriente Médio à questão unicamente religiosa. Essa visão errônea dos profissionais de comunicação pode parecer uma falha simples, contudo, ao trazê-la para o campo simbólico, esse equívoco alimenta estereótipos no imaginário popular, embasando preconceitos (ORTUNES, 2015, p.351).

A responsabilidade sobre o uso indevido dos termos recaí sobre o jornalista, posto que é ele quem decide a forma como cada notícia será contada e os elementos que serão evidenciados ou deixados de lado. Portanto, a notícia é uma interpretação da realidade que perpassa a óptica desse profissional. A partir do momento em que são lidas as palavras escolhidas pelos profissionais da comunicação se tornam como signos que produzem sentidos diversos (BERTOLDI *et al*, 2008, p.5-6).

Neste sentido, as notícias podem ser consideradas traduções, que passam por estágios de interpretação e se apresentam publicamente, como operação de uma especialidade profissional, o jornalismo, perpassada pelo pensamento (interpretante) do jornalista que produz o texto. A destinação das notícias é ser instrumento de outros pensamentos, que passando por interpretações vão se reapresentar, talvez com outra forma, outra roupagem, agregados de outros elementos, tal é o processo da semiose (BERTOLDI; HEBERLÊ; SAPPER, 2008, p.6).

Quando as palavras *muçulmano* e *árabe* se misturam na cobertura de matérias sobre o terrorismo, levanta-se, assim, um signo de medo atrelado à figura do muçulmano.

A cobertura estereotipada de grandes atentados terroristas promovidos por organizações tais como o Estado Islâmico, levantam o terror até mesmo em quem nunca viveu tal experiência. No Brasil, por exemplo, nunca foram vivenciados ataques orquestrados por organizações semelhantes, por isso, o medo frente a esse desconhecido é pautado no que remete a essa imagem. No caso da revista *Veja*, segundo Moraes (2011, p.192), antes do atentado de 11 setembro de 2001, poucas

eram as menções da revista ao islã, mas, após o fatídico dia, as reportagens sobre o tema cresceram, bem como as menções aos países islâmicos.

Desde então, além das citações terem crescido, os discursos presentes na revista tratam as questões relacionadas ao terrorismo como sendo meramente religiosas. Segundo Brotas (2006, p. 1) o texto do periódico segue um perfil patológico, visto que “o terrorismo é percebido como um problema do individual, neste caso, fanáticos irracionais. Exclui-se a vertente política” (BROTAS, 2006,p. 08). Vide o exemplo:

“Vivem na Inglaterra 2 milhões dos 11 milhões de muçulmanos da Europa. Diferentemente do que seria de esperar, o contato com a democracia e a tolerância e a prosperidade européias muitas vezes produzem rancor e frustração. É notável que o atentado de 11 de setembro tenha sido cometido por uma célula formada por estudantes universitários em Hamburgo, na Alemanha.” (A nova geração do terror. Veja, 13.jul.2005 apud BROTAS, 2006, p.13-14)

Ademais, o discurso usado pela Veja também contém um caráter religioso dado que limita-se à descrição e críticas, sem aprofundar a questão social, política e cultural que envolve o fenômeno. Vide mais um exemplo:

“Essa nova geração do terror põe foco num perigo de espantosas dimensões – o crescimento da mentalidade de jihad⁶ entre os 20 milhões de muçulmanos que vivem na Europa. (...) Para os europeus, a perspectiva de ter como vizinho um potencial mujahedin – como são chamados os combatentes da guerra santa islâmica – é assustadora (...) É por isso que muitos europeus se perguntam se a tolerância multicultural não facilitou, por via indireta, a expansão do extremismo islâmico na Europa”. (A nova geração do terror. Veja, 13.jul.2005 apud BROTAS, 2006, p.14)

Outra característica presente nas reportagens da Veja é o fato do fundamentalismo religioso ser mostrado como questão exclusiva do Islã, anulando a presença deste fenômeno em religiões ocidentais, como judaísmo e cristianismo (BROTAS, 2006), visto que:

A mídia ocidental muitas vezes dá a impressão de que a forma da religiosidade armada e ocasionalmente violenta conhecida como “fundamentalista” é um fenômeno puramente islâmico (...) o fundamentalismo é um fato global e em toda a religião importante tem surgido como resposta aos problemas de nossa modernidade. Há o judaísmo fundamentalista, o cristianismo fundamentalista, o budismo fundamentalista (...) este tipo de fé surgiu primeiro no mundo cristão dos Estados Unidos no início do século XX. O que não foi acidental (ARMSTRONG, 2001, apud BROTAS, 2006, p. 6).

⁶ “Luta ou um esforço feito pelo fiel para manter-se em sua fé. Esse esforço está dividido em três momentos: o primeiro particular, feito pelo próprio fiel com ele mesmo, o segundo, a luta contra as injustiças, e o terceiro, a luta contra a ignorância que se estende para o seu redor. Durante muito tempo, foi traduzido como “Guerra santa”, por fazer referências a conflitos armados, contudo, este é um aspecto que só pode ser empregado quando todos os outros esforços falharam. A jihad deve seguir regras estabelecidas, existindo a proibição de matar mulheres, crianças, idosos e civis, ou seja, pessoas que Não estejam envolvidas com o combate de forma direta” (COSTA, 2016, p. 30).

Em matérias publicadas no período de 2004, sobre o atentado de Beslan, o apagamento das questões históricas é visível. Na ocasião, quase 200 crianças foram sequestradas e assassinadas por separatistas chechenos. O grupo em questão lutava desde 1991 pela independência da região. Nas reportagens do veículo do grupo Abril a questão histórica por trás da tragédia não é tratada, o tom dado pelo repórter é opinativo e traz elementos que levam o leitor a pensar a questão no campo emocional. Outro ponto bastante ressaltado é o fato de o grupo dito como cruel ser muçulmano e não cristão. Assim, o discurso segue uma linha maniqueísta, em que o cristianismo é racional, pacífico e ocidental, enquanto o islã é selvagem e bárbaro (BROTAS, 2006, p.2). Conforme:

A Chechênia e a Ossétia do Norte ficam na mesma região, o Cáucaso. A diferença marcante é que os chechenos são muçulmanos e acabaram misturando seus objetivos nacionalistas com os da guerra santa islâmica. Os ossetas são na maioria cristãos, convivem pacificamente uns com os outros e até usufruem certa prosperidade, apesar de sua república figurar entre as mais pobres da federação (BROTAS, 2006, p.12).

Ademais, no texto, o jornalista invalida a reivindicação dos chechenos e as questões políticas que cercam o crime. O veículo coloca a Chechênia em posição republiqueta sem nenhuma importância política ou econômica (BROTAS, 2006, p.11).

Em reportagens mais recentes, a relação entre o islã e o terrorismo ainda pode ser notada. No artigo intitulado "*Islam e mídia: um diálogo possível*", Jihad Hammadeh (2019) analisa matérias do veículo em questão enquanto discorre sobre as problemáticas presentes nelas.

Na matéria "*Até onde vai o terror*", publicada pela Veja, na edição 2487, uma foto em destaque traz homens com barbas longas e usando vestes islâmicas. Nas mãos deles está uma bandeira com os dizeres, em árabe: "não há outra divindade além de Deus", e no centro do tecido há um círculo no qual está escrito, na mesma língua, "Mohamad, o mensageiro de Deus" (HAMMADEH, 2019, p.74). As frases em questão foram retiradas de súplicas e orações islâmicas.

Apesar de a imagem fazer uma clara alusão ao universo muçulmano, no conteúdo da reportagem o enfoque dado é à preocupação com os possíveis atentados terroristas no país. Na ocasião, 32 brasileiros tinham jurado fidelidade ao ISIS (Estado Islâmico), grupo terrorista atuante na Síria, pelo *facebook* (HAMMADEH, 2019, p.75). Entretanto, no decorrer do texto, em nenhum momento é

citada a relação dos indivíduos presos com a religião (HAMMADEH, 2019, *idem*). Logo, no texto, a figura muçulmana se confunde com a de um terrorista.

Em outra reportagem, analisada por Hammadeh (2019), intitulada “*As trevas contra luz*”, a revista traz o atentado à boate *gay Pulse*, em 2016, na cidade de Orlando (EUA). Na ocasião, foram 49 mortos e 53 feridos. Ao longo do texto, Hammadeh (2019) demonstra o quanto a religião do assassino é frisada e apontada como uma das justificativas do atentado. Na reportagem, a homofobia é indicada como um traço das culturas “atrasadas” muçulmanas, no entanto, o criminoso é descrito como alguém em conflito com a própria sexualidade (HAMMADEH, 2019, p.77). Em relação ao tema da homofobia, Hammadeh (2019) pontua que, a partir de dados do *Grupo Gay Bahia*, o Brasil é um dos países que mais matam homossexuais no mundo e está longe de ser um país de maioria muçulmana.

Assim, o discurso da *Veja* mescla informações descontextualizadas, inclusive sobre o alcorão. O ponto crucial da análise de Jihad (2019, p. 80) é justamente o fato de a revista ter publicado uma reportagem sobre o atirador que invadiu uma sinagoga, nos Estados Unidos, matando 11 pessoas, em 27 de outubro de 2018. Nesse caso, o veículo não se referiu a ele como um terrorista e nem mencionou a religião dele.

Segundo Leonardo Boff (2014, p. 79), “o terrorismo é toda violência grandiosa praticada com o objetivo de ocupar as mentes com medo e pavor”, logo, o atirador da sinagoga é um terrorista. Entretanto, os signos presentes nessas e em outras reportagens relacionam à imagem de terroristas como sendo apenas pessoas muçulmanas e árabes. Os outros grandes atos de terror realizados por ocidentais não recebem essa alcunha.

Para Moraes (2011, p.4), a *Revista Veja* se utiliza de um discurso orientalista que reproduz a posição da hegemonia dos Estados Unidos, prezando pela imagem negativa dos seguidores do islã. Conforme Ladeira e Leão (2016, p. 165), “a imagem do muçulmano terrorista começa a se desenhar com clareza após os atentados de 11 de setembro de 2001, quando na face deles é impressa a figura do inimigo mundial”. Assim, por meio de uma narrativa norte-americana, o ocidente embarca na trama e compra uma briga com o terror provocado pelo mundo árabe e, conseqüentemente, contra os muçulmanos, que passam a ser pintados sob a ótica dos estereótipos de homens-bomba. Portanto,

[...] em 11 de setembro de 2001, surge um novo inimigo externo dos Estados Unidos (e, conseqüentemente, da civilização ocidental): o “terrorista islâmico”. A partir de então teve início uma intensa campanha midiática com o objetivo de demonizar o mundo muçulmano. Imagens dos aviões se

chocando com as torres gêmeas do WTC e de muçulmanos supostamente celebrando esses ataques foram exaustivamente repetidas em todo o planeta (LADEIRA; LEÃO, 2016, p. 165).

Outro ponto ressaltado por Ladeira e Leão (2016, p.169-170) é o tratamento que a mídia deu aos muçulmanos no período do atentado de 11 de setembro. Na ocasião, a revista Veja, para se referir aos terroristas, usava adjetivos que faziam alusão à religião. Alguns dos termos pejorativos usados pelo veículo eram: “loucos de Alá”, “barbudos” e “fanáticos islâmicos ensandecidos”, “sociedades dos turbantes” “fascismo islâmico” e “universo de turbantes”.

Para Wainberg (2005 apud ORTUNES, 2015, p. 351) o fato de o Brasil viver longe do terrorismo faz com que a compreensão nacional sobre ele seja menor, haja vista que não se experiencia as questões geopolíticas que cercam o terror. Por isso, acredita-se na visão americana por causa da confiança social. Desta forma, não só se confia, mas também se compra uma narrativa dos EUA, trazendo consigo o medo daquilo que nem se conhece:

O medo do desconhecido ajuda a alimentar a ideia de caos. O discurso do terrorismo reforça essa intenção, justificada segundo um olhar que é diferente do que foi atacado. O terrorismo provoca a sensação de impotência e instabilidade em todos os atingidos (PAEIRO, 2012, p.33 apud ORTUNES, 2015, p. 351).

Por isso os estereótipos se tornam prejudiciais, pois alimentam o pavor e a raiva nas pessoas que carecem de conhecimento sobre as diferenças entre o islã, o Oriente Médio, os árabes e o terrorismo. Uma vez amedrontadas, as pessoas compram a imagem de um inimigo fabricado e começam a praticar intolerâncias étnicas e religiosas na tentativa de se proteger de um vilão conhecido pelo potencial de crueldade. Desta maneira, as islamofobias diárias se legitimam com o aval do jornalista.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o ser humano aprende a falar, ele passa a se relacionar com o mundo por meio das palavras que podem carregar estereótipos. Segundo Lippmann (apud BACCEGA, 1988, p. 8), o estereótipo ocorre quando se define antes de se enxergar, sendo essa visão influenciada pelos padrões sociais. Por isso, a realidade é vista de um “modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem.”.

Apesar de o indivíduo não vivenciar todos os fatos existentes no mundo, depositam a confiança em outros que os testemunharam, e é por meio dessa

confiança social que o jornalismo se fundamenta. Contudo, quando estereótipos são veiculados nas notícias, uma realidade distorcida passa a ser legitimada pela assinatura do jornalista (WOLTON, 2010, p.72). Um exemplo disso está nas matérias que colocam árabes e muçulmanos como sinônimo. Quando esse estereótipo é articulado na cobertura de atentados terroristas, a figura muçulmana passa a se relacionar com um perfil violento, que suscita o medo e a raiva.

A Veja, que tem a maior tiragem nacional (MORAES, 2011, p. 16), é um dos periódicos em que esses estereótipos são disseminados. O veículo da Abril faz uso de um discurso reducionista que coloca o Oriente como um lugar de atraso, barbárie e inveja. Ademais, o terror e o Islã são tratados como correlatos e, assim, as questões históricas e políticas que os cercam são inviabilizadas e tratadas apenas como crueldade.

Nas reportagens analisadas por Hammadeh (2019, p.40), o muçulmano é elevado ao status de ameaça por ser visto como alguém necessariamente terrorista, bárbaro e atrasado. A forma com a qual o terrorista é mesclado à religião pode alimentar o preconceito e violência nas pessoas, vide os casos de muçulmanas que foram agredidas nas ruas por serem vistas como terroristas^{7 8}.

Contudo, o mesmo veículo não dá a alcunha de terrorismo quando os atos de terror não são praticados por árabes fundamentalistas religiosos. Essa ideia de terror como sendo exclusivo do muçulmano é uma herança do atentado de 11 de setembro que perdura até hoje nas páginas da Veja.

Quando o mundo se abalou com a queda das torres do *World Trade Center*, a mídia norte-americana pintou a face do muçulmano como os responsáveis pela onda de pavor que se abateu (LADEIRA; LEÃO, 2016, p. 165). Por consequência, a mídia ocidental comprou a agenda estadunidense e passou a reproduzir discursos semelhantes, marcando a religião como culpada. Mesmo 21 anos depois, a presença do discurso orientalista ainda é forte nos textos da Veja.

Ao se prender às narrativas estadunidenses, carregadas de estereótipos nocivos, o veículo deixa de lado a autonomia da profissão para servir como uma peça minúscula dentro do sistema de agenda americana. A presença do maniqueísmo que alça os EUA ao status de vítima, esconde embaixo do tapete as intervenções americanas que culminam em mortes tão cruéis quanto as praticadas

⁷ GAZETA DO POVO. **Mulheres são vítimas de agressões por serem muçulmanas**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mulheres-sao-vitimas-de-agressoes-por-serem-muculmanas-em-curitiba-2q6boovjzp27i6jnv3w4j9mpz/>. Acesso em 03 de out. 2022.

⁸ O GLOBO. **Brasileira muçulmana atacada com pedrada em São Paulo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/brasileira-muculmana-atacada-com-pedrada-em-sao-paulo-15071301>. Acesso em 03 de out. 2022.

no atentado de 11 de setembro⁹. A articulação do terrorismo em cima da imagem muçulmana faz parte de um jogo de interesse onde a Veja não lucra em nada.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Comunicação e cultura. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.5, p. 7-12, jan./abr. 1996.

_____. Estereótipos e diversidades. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.13, p. 7-14, set./dez. 1998.

_____. Comunicação e cultura: a construção de significados. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 2, p. 151-156, maio/ago 2005.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERTOLDI, C. R. C.; HEBERLÊ, A. L.O.; SAPPER, S. M. Elementos para uma crítica ao jornalismo como construção da realidade. In: VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação. **Anais [...]** Natal, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Heberle/publication/239549025_Elementos_para_uma_critica_ao_jornalismo_como_construcao_da_realidade_1/links/5531935e0cf27acb0dea98eb/Elementos-para-uma-critica-ao-jornalismo-como-construcao-da-realidade-1.pdf> Acesso em: 28 set. de 2022.

BOFF, L. **Ética e moral: A busca dos fundamentos**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2014.

BROTAS, A. M. P. Terrorismo contemporâneo: fundamentalismo religioso e loucura no discurso da revista Veja. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006. **Anais...** 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0456-3.pdf>>. Acesso em: 04 out. de 2022.

COSTA, J. P. da. **O Islã, os muçulmanos e seus conceitos: vocabulário de conceitos para o estudo do Islã e dos muçulmanos**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: <<https://www.uces.br/site/midia/arquivos/o-islã.pdf>>. Acesso em: 12 nov. de 2022.

FIGUEIREDO, W. S. O mundo islâmico no discurso da Veja: diversidade e uniformidade. **Intellecto**r, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 1-18, jan/jun. 2008. Disponível em:

⁹ FOLHA DE SÃO PAULO. **Última intervenção dos EUA na América Latina matou centenas e usou rock como arma**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/ultima-intervencao-dos-eua-na-america-latina-matou-centenas-e-usou-rock-como-arma.shtml>>. Acesso em: 13 nov. de 2022

¹⁰ MÍDIA NINJA. **Ao longo de um século, Estados Unidos matam 100 milhões de pessoas**. Disponível em: <<https://midianinja.org/juanmanueldominguez/ao-longo-de-um-seculo-estados-unidos-matam-100-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em: 13 nov. de 2022

<<http://revistaintellecator.cenegri.org.br/index.php/intellecator/article/view/196/139>>.

Acesso em: 13 nov. de 2022

HAMMADEH, J. H. **Islam e mídia: um diálogo possível?** 2019, Pós-graduação - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019. Disponível em:<<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1908/2/JIHAD%20HASSAN%20HAMMADEH2.pdf>>. Acesso em: 30 mai. de 2022.

LADEIRA, F. F.; LEÃO, V. de Paula. Geopolítica e meios de comunicação: a influência dos estereótipos difundidos pela mídia sobre a civilização muçulmana no processo de ensino: aprendizagem em geografia no ensino básico. In: XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS: SEPECH HUMANIDADES, ESTADO E DESAFIOS DIDÁTICO-CIENTÍFICOS. **Anais** [...] Londrina, 2016. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt2_131.pdf> Acesso em: 31 mar. de 2022.

MARQUES, V. L. M. Islã: práticas religiosas e culturais. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 733-749, abr./jun 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/download/P.2175-5841.2015v13n38p733/8049>> Acesso em: 31 mar. de 2022.

MORAES, R. S. de. **O discurso sobre o muçulmano na imprensa brasileira: o caso da revista Veja**. 2011. Tese (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ORTUNES, L. A construção da imagem do 'outro': Ocidente e Oriente Médio e suas representações na mídia impressa e na produção audiovisual. **Ação midiática**, Curitiba, n. 10, p. 333-354, Jul/Dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/40586/26990>> Acesso em: 28 set. de 2022.

POPOLIN, G. Meme como linguagem: o reforço de estereótipos e o discurso de ódio na internet. In: ANAIS DO VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MÍDIA E COTIDIANO, 2018. **Anais**... 2018.

RUIC, G. Os números do islamismo, a religião que mais cresce no mundo. Exame, 06 de mar. de 2017. Mundo. Disponível em: <https://exame.com/mundo/os-numeros-do-islamismo-a-religiao-que-mais-cresce-no-mundo/>.

SILVEIRA, P. V. L. da. Mídia e Jornalismo: as representações e os estereótipos simbolicamente mediados. In: XXI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2019, São Luís (MA). **Anais**... São Luís, 2019.

SOARES, S. P. O medo do outro e o fundamentalismo religioso. In: OLIVEIRA, I. D.e ECCO, E. (org.). **Religião, violência e suas interfaces**. São Paulo, Editora Paulinas, 2012, p. 18-31. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/65525853/religiao_violencia_e_suas_interfaces_-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1668382719&Signature=Hs59DL8eLiF83EK7-KIHLJtnd6lwnkQUNH31yUce0hOkUoKkRq1DGWunsm1~tQ4jA9xMGXZfTxU4y4QIO>

[5A6vX7i1rJkfkDNwE9YkDBLVJwp6wSlIdGGyEEVDE56BDBOIUKjFpnCg7ykJKX5ZMxaaKDM0~LpxNKmSGta55dzuND8-7~S5VtBDNyZVOyUERJ5RS~xCGtPYPIEaGPVRxLtjsRkyNDGDLzLzXRe934GJkWj8YA6RyX5SyOsBEkQjqXmSf4Bkv~pkCr2WgkPr1azGIJ45DRDf85188ncilJRsfBJUr-raasI79m6iXblCOUEVmvxDjponyP1fmCu1L8s9tA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=18](https://www.repositorio.ufpa.br/bitstream/handle/2012/2012/5/5A6vX7i1rJkfkDNwE9YkDBLVJwp6wSlIdGGyEEVDE56BDBOIUKjFpnCg7ykJKX5ZMxaaKDM0~LpxNKmSGta55dzuND8-7~S5VtBDNyZVOyUERJ5RS~xCGtPYPIEaGPVRxLtjsRkyNDGDLzLzXRe934GJkWj8YA6RyX5SyOsBEkQjqXmSf4Bkv~pkCr2WgkPr1azGIJ45DRDf85188ncilJRsfBJUr-raasI79m6iXblCOUEVmvxDjponyP1fmCu1L8s9tA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=18)> Acesso em: 13 nov. de 2022

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J. e BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 Ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 38-60.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VAZ, A. O. A. Procurando entender o Oriente Médio. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**. 8ª edição, junho de 2016. Disponível em: http://faculdadedondomenico.edu.br/revista_don/artigos8edicao/10ed8.pdf. Acesso em: 12 nov. de 2022

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

YAHYA, H. Revistas sofrem com grande queda de circulação impressa e digital em 2020. Poder 360, 14 mar. de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/revistas-em-2020-circulacao-impressa-e-digital-despencam/>>. Acesso em: 28 set. de 2022.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL DE TRABALHOS
ACADÊMICOS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA PUC-CAMPINAS**

1 Identificação de material bibliográfico

Tese Dissertação TCC Outro _____

2 Identificação do(s) autor(es)

Autor (nome completo): Camila Fernanda de Paula	RA: 19685932
Autor (nome completo): Caroline Mendes Moreira	RA: 19685858
Autor (nome completo): Paloma Pereira Ruiz	RA: 18741041
Autor (nome completo): Clique ou toque aqui para inserir o texto	RA: Clique ou toque aqui para inserir o texto.
Autor (nome completo): Clique ou toque aqui para inserir o texto.	RA: Clique ou toque aqui para inserir o texto

3 Identificação do Trabalho

Título: Revertidas – Histórias de um retorno para Alá

Identificação do trabalho: Graduação

Orientador: Maria Lucia Jacobini

Curso: Jornalismo

Centro: CLC

Número de páginas: 105

Data de defesa: 05/12/2022

4 Informações para publicação

Este trabalho ocasionará registro de patente? Sim Não

Este trabalho pode ser disponibilizado de forma integral no Repositório Institucional?¹

Sim Não

¹ Nos casos de não disponibilização a classificação será mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo ou revogação suscita justificativa junto à coordenação do curso ou do programa de pós-graduação. O resumo de todos os trabalhos será disponibilizado.

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a lei nº 9610/98, autorizo a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinaladas acima, do documento, em meio eletrônico, na Rede Mundial de Computadores, no formato especificado enviado, para fins de leitura e/ou impressão pela Internet, a título de divulgação da produção científicas gerada pela Universidade, a partir desta data.

Ronildo J. de Paula

Assinatura do Autor

Caroline Mendes Moreira

Assinatura do Autor

Paloma Pereira Ruiz

Assinatura do Autor

Assinatura do Autor

Assinatura do Autor

Mariahusdettanof

Assinatura do Orientador

Campinas-SP

Local

Data 01/12/2022